

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciências da Informação
Curso de Museologia

Priscila Sobral Nóbrega

MEMORIAL JUSCELINO KUBITSCHEK E SEUS PÚBLICOS: ANÁLISE DAS
RELAÇÕES COM O ESPAÇO EXPOSITIVO (2014 - 2015)

Brasília - DF

2015

Priscila Sobral Nóbrega

MEMORIAL JUSCELINO KUBITSCHEK E SEUS PÚBLICOS: ANÁLISE DAS
RELAÇÕES COM O ESPAÇO EXPOSITIVO (2014 - 2015)

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Informação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana Sepúlveda Köptcke

Brasília - DF

2015

N754m Nóbrega, Priscila Sobral, 1992 -

Memorial Juscelino Kubitschek e seus públicos: análise das relações com o espaço expositivo (2014 – 2015) / Priscila Sobral Nóbrega. – Brasília: Faculdade de Ciências da Informação, Universidade de Brasília, 2015.

139 f. 29,7 cm.

Monografia (Graduação em Museologia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Informação, 2015.

Inclui bibliografia.

Orientação: Prof^a Dr^a Luciana Sepúlveda Köptcke

1. Memorial Juscelino Kubitschek. 2. Estudo de Público. 3. Exposição. 4. Brasília. 5. Museologia. 6. Mediação. 7. Turismo. I. Nóbrega, Priscila Sobral. II. Universidade de Brasília. Faculdade de Ciências da Informação. Graduação em Museologia. III. Título.


CDU: 069:929

Título: *Memorial Juscelino Kubitscheck e seus públicos: análise das relações com o Espaço Expositivo (2014 – 2015)*


Aluno: Priscila Sobral Nóbrega

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Brasília, 13 de julho de 2015.



Luciana Sepúlveda Köptcke – Orientadora
Professora PPGCinf/FCI/UnB
Doutora em Museologia – MNHN - França



Manuelina Maria Duarte Cândido – Membro
Diretora do Departamento de Processos Museais - Ibram
Doutora em Museologia – Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias – Lisboa/Portugal



Elizângela Carrijo – Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Mestre em História– UnB

Marijara Souza Queiroz– Membro Suplente
Professora do Curso de Museologia – FCI/ UnB
Mestre em Artes Visuais - UFBA

A Victor, meu irmão gêmeo de alma.

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília por possibilitar o aprendizado em diversas áreas;

À professora Elizângela Carrijo pela motivação e à professora Marijara Queiroz pela inspiração;

Às funcionárias do Memorial JK: Marta Abreu, Simone, Ana Paula, Leidiana, Raquel e Tamires que me auxiliaram, estiveram dispostas a mostrar seus trabalhos e me acompanharam em horas de espera;

Aos guias turísticos que se mostraram abertos para que eu acompanhasse seus trabalhos;

À Agnês de Lima Leite pela experiência marcante que foi a conversa informal;

Ao Coronel Affonso Heliodoro, à sua esposa e sua filha Mônica que abriram as portas de sua casa para minha visita;

À Anabel Lima da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Estado de Cultura por ter representado a minha luz no fim do túnel;

À Madalena da Subsecretaria de Administração Geral da Secretaria de Estado de Cultura pela agilidade e disposição para me atender;

À Luciana Sepúlveda Köptcke pela orientação, motivação e pelo empréstimo de textos enriquecedores;

À minha família, companheiro e amigos, pelo interesse, paciência e apoio.

“Le vent se lève! . . . il faut tenter de vivre!”

Paul Valéry (1922)

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AI - 5	Ato Institucional 5
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
DEPHA/GDF	Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal
DOAJ	Directory of Open Access Journal
FCI	Faculdade de Ciências da Informação
GDF	Governo do Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museologia
IHGDF	Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JK	Juscelino Kubitschek
JSTOR	Journal Storage
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MHN	Museu Histórico Nacional
MINOM	Movimento Internacional para uma Nova Museologia
MJK	Memorial Juscelino Kubitschek
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SEC	Secretaria de Estado de Cultura
SEGHET	Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SERGEN	Serviços Gerais de Engenharia S.A
SETUR/DF	Secretaria de Turismo do Distrito Federal
SUAG	Subsecretaria de Administração Geral da SEC
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UnB	Universidade de Brasília

NÓBREGA, Priscila Sobral. **Memorial Juscelino Kubitschek e seus públicos: análise das relações com o espaço expositivo (2014 – 2015)**. 2015. 139f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Museologia) – Faculdade de Ciência da Informação. Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2015.

RESUMO

Identifica os públicos do Memorial Juscelino Kubitschek (MJK) e analisa as relações que estabelecem com os espaços no período de Janeiro de 2014 a Abril de 2015. Possui uma etapa com análise quantitativa e outra etapa com análise de conteúdo qualitativo, caracterizando uma abordagem metodológica mista por triangulação de métodos. Este Estudo de Público teve como base o levantamento de dados de grupos agendados, a coleta de depoimentos em conversas informais e a observação de visitas guiadas. Como resultado, foram identificados grupos escolares, grupos de Ceilândia e grupos de crianças e adolescentes como predominantes dos pedidos de agendamento de visita com isenção de ingresso. Também foram identificados 7 temas que estiveram presentes nas conversas informais e nas observações de visitas guiadas com guias e grupos turísticos, relacionados à forma de uso e interpretação dos espaços do MJK e ao modo que os grupos visitantes são entendidos.

Palavras-chave: Memorial Juscelino Kubitschek. Estudo de Público. Exposição. Brasília. Museologia. Mediação. Turismo.

ABSTRACT

Identifies the Memorial Juscelino Kubitschek's (MJK) audiences and analyses the relationships they establish with its spaces between January 2014 and April 2015. It has a step of quantitative analysis and another step of qualitative analyses of content, therefore it's a mixed method approach. This Audience Research was built by the data collection of scheduled groups, by the testimony collection of informal conversations and by the observation of the guided visits. As a result, it identified scholar groups, groups from Ceilândia and groups of children and teenagers as predominant groups of the requests for scheduled visits with free access. Also, 7 themes were identified in the informal conversations and observations of the guided visits with tour guides and touristic groups, which relate with the form of use and interpretation of the MJK spaces and the way the groups of visiting are understood.

Keywords: Memorial Juscelino Kubitschek. Audience Research. Exposition. Brasília. Museology. Mediation. Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Esquema 1 - Perspectiva Condutivista segundo Mário Chagas em 1998.....	23
Esquema 2 - Perspectiva Interacionista segundo Mário Chagas em 1998.....	23
Esquema 3 - Postura Comunicacional Interacionista nas exposições segundo Ana Faria em 2010.....	24
Esquema 4 – Organograma de gestão do Memorial JK segundo Marta Abreu em 2015.....	51
Figura 1 - Totens com objetos referentes à carreira profissional de JK em 2015.....	37
Figura 2 - Corredor principal de entrada em 2015.....	38
Figura 3 - Lojinha do corredor principal de saída em 2015.....	39
Figura 4 - Corredor principal de saída em 2015.....	39
Figura 5 - Saguão principal em 2015.....	40
Figura 6 - Sala de Metas em 2015.....	41
Figura 7 - Biblioteca Pessoal de JK em 2015.....	42
Figura 8 - Gabinete de D. Sarah Kubitschek em 2015.....	43
Figura 9 - Painel “JK e o Time de Talentos na Construção de Brasília” em 2015.....	44
Figura 10 - Exposição “JK e as Personalidades do séc. XIX” em 2015.....	45
Figura 11 - Entrada da Câmara Mortuária em 2015.....	46
Figura 12 - Câmara Mortuária, foto institucional do Memorial JK.....	48
Figura 13 - Exposição de longa duração em 2015.....	49
Quadro descritivo 1 – Atividades do Memorial JK de 2001 a 2014.....	52
Quadro descritivo 2 - Perguntas, Objetivos Específicos, Métodos, Fontes e Instrumentos.....	56
Quadro sinóptico - Objetos evocados.....	93
Gráfico 1 – Quantidade de grupos por mês no ano de 2014.....	66
Gráfico 2 - Quantidade de grupos por mês até Abril de 2015.....	66
Gráfico 3 – Perfil dos grupos agendados de Janeiro de 2014 a Abril de 2015.....	68
Gráfico 4 – Idade dos grupos agendados de Janeiro de 2014 a Abril de 2015.....	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de grupos por mês no ano de 2014.....	65
Tabela 2 - Quantidade de grupos por mês até Abril de 2015.....	66
Tabela 3 – Perfil dos grupos agendados de Janeiro de 2014 a Abril de 2015.....	67
Tabela 4 – Origem dos grupos agendados por auto-denominação.....	68
Tabela 5 – Regiões Administrativas dos grupos agendados de Janeiro de 2014 a Abril de 2015.....	70
Tabela 6 – Faixa etária aproximada dos grupos agendados de Janeiro de 2014 a Abril de 2015.....	71
Tabela 7 – Idades genéricas dos grupos agendados de Janeiro de 2014 a Abril de 2015.....	72
Tabela 8 – Idade e tempo na profissão de guia.....	74
Tabela 9 – Formação e tempo de trabalho no MJK.....	75
Tabela 10 – Informantes e respectivos grupos visitantes.....	76
Tabela 11 – Ordem e duração do percurso.....	90
Tabela 12 – Personagens evocados.....	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	ESTUDOS DE PÚBLICO E COMUNICAÇÃO EM MUSEUS.....	19
3	CONCEITOS PARA IDENTIFICAÇÃO DO MEMORIAL JK.....	25
4	O MEMORIAL JUSCELINO KUBITSCHKEK.....	32
4.1	CONTEXTO DE CRIAÇÃO.....	32
4.2	O ESPAÇO FÍSICO.....	36
4.3	A ADMINISTRAÇÃO DO MJK.....	50
5	METODOLOGIA.....	55
5.1	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	57
5.2	LEVANTAMENTO DOCUMENTAL.....	57
5.3	PESQUISA DE CAMPO E INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	58
5.4	RECORTES METODOLÓGICOS E IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS.....	59
5.5	CONVERSAS INFORMAIS.....	61
5.6	OBSERVAÇÃO DAS VISITAS GUIADAS.....	61
5.7	COLETA DE PEDIDOS DE GRUPOS.....	62
5.8	TABULAÇÃO DOS RESULTADOS.....	63
6	RESULTADOS E ANÁLISES.....	64
6.1	PEDIDOS DE ISENÇÃO DE INGRESSO.....	64
6.1.1	Quantidade de grupos por mês.....	65
6.1.2	Perfil dos grupos.....	67
6.1.3	Local de origem dos grupos.....	68
6.1.4	Idade.....	71
6.2	CONVERSAS INFORMAIS E OBSERVAÇÕES DE VISITAS GUIADAS.....	73
6.2.1	Perfil do informante.....	74
6.2.2	Perfil dos grupos sem agendamento.....	76
6.2.3	Percepção dos informantes.....	77
6.2.3.1	Importância do MJK para o Turismo e para os brasilienses.....	77

6.2.3.2	História de vida de JK.....	79
6.2.3.3	Relação do informante com o MJK.....	81
6.2.3.4	Percepção dos guias sobre o que o público espera da visita.....	84
6.2.3.5	Percepção dos profissionais do MJK sobre o público e a visita.....	85
6.2.3.6	Relação dos grupos com o MJK.....	88
6.2.3.7	Percurso.....	90
6.2.3.7.1	Ordem e Duração.....	90
6.2.3.7.2	Objetos destacados.....	92
6.2.3.7.3	Personagens evocados.....	94
6.2.3.7.4	Tipo de fala e Interpretação dada.....	95
6.3	RESUMO.....	96
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
	REFERÊNCIAS.....	103
	APÊNDICES.....	107
	APÊNDICE A - Quadro descritivo para observação de visitas guiadas.....	108
	APÊNDICE B - Carta de Apresentação e Requisição de fontes.....	109
	APÊNDICE C - Termo de Consentimento.....	111
	APÊNDICE D - Quadro para pedidos de isenção de ingresso.....	113
	APÊNDICE E – Rotas feitas durante as visitas observadas.....	114
	ANEXOS.....	118
	ANEXO 1 - Mapa do MJK.....	119
	ANEXO 2 - Relatório de Atividades 2015.....	120
	ANEXO 3 – Estatuto Social do MJK.....	131
	ANEXO 4 – Capa do folder MJK 2015.....	138

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho começou a ser planejado no segundo semestre de 2014 como Projeto de Pesquisa da Disciplina Introdução ao Trabalho de Conclusão do Curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB). Ele se encaixa no Eixo Curricular 1 Teoria e Prática Museológica, que “Focaliza a formação específica compreendendo disciplinas de conteúdos teóricos e práticos voltados para a Museologia, a Teoria Museológica, a Pesquisa Museológica e a Museografia.” (FCI, 2010, p. 17), pois pretende investigar as reverberações da teoria Museológica no campo prático, identificando e analisando as relações dos públicos com uma Instituição Museal. Com isso, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de monografia tem como tema o Estudo de Público em Museus.

Inicialmente, o trabalho tinha como problemática a presença de um objeto funerário no espaço Museológico, indagando se, de acordo com a forma escolhida para ser exposto, poderia se tornar um ruído na comunicação entre o público e o Museu, criando uma barreira para o Fato Museal: “a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto que é parte da realidade à qual o homem pertence e sobre a qual ele age” (RUSSIO, apud SANTOS, 1996, p. 107).

Por esse motivo, a pesquisa teve como palco o Memorial Juscelino Kubitschek (MJK) que possui como objeto principal de seu acervo, e expografia, um túmulo com os restos mortais do ex-presidente do Brasil. “É tentador ver na relação com o cadáver a virtualização original, a transição do sujeito da dominância ao objeto: corpo mumificado do chefe ou crânio do vencido convertido em troféu.” (LÉVY, 1996, p. 86). Este espaço criado para a rememoração de uma figura política já falecida traz a possibilidade de uma relação com o público influenciada politicamente e emotivamente pela presença do corpo.

No entanto, no decorrer do processo ficou definido como objeto deste estudo a identificação dos públicos do MJK; o que pode ser apreendido sobre o museu quando se escuta o público, seja ele praticante, potencial, não público, ou ainda o público imaginado e desejado pelos gestores, educadores, guias e mediadores da Instituição; como o projeto inicial de construção é percebido hoje por esses públicos; e como o desejo de D. Sarah Kubitschek se materializou na construção do espaço arquitetônico e expositivo. O foco está nas significações e relações que os públicos

do MJK dão a ele, a partir do contato com seus espaços físicos. Para melhor analisá-las é possível destringir estas relações em camadas.

Pierre Lévy apresenta conceitos de Virtualização, Atualização, Potencialização e Realização, que podem auxiliar no entendimento das relações estabelecidas no MJK. Para o autor, o Virtual é “(...) um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata” (Ibid, p. 12), o Virtual apresenta a tensão de sair de uma presença. Como exemplo, um dos processos de virtualização é o da Memória a partir da escrita, mas poderíamos dizer que a materialização de um discurso em uma exposição também o é.

Mas enquanto a Virtualização é o aparecimento de questionamentos e problemas, a Atualização é uma resolução dos problemas. Segundo Lévy, a Leitura Virtualiza por ser um processo de significação imaterial do leitor, mas também é uma Atualização que depende do tempo histórico dele.

Seguindo, o Potencial se assemelha ao Virtual, porém é um conjunto de possibilidades pré-determinadas com a iminência de acontecerem. Já o Real representa a supressão do Potencial, é feito de coisas persistentes e resistentes. Resumindo, no pólo de coisas latentes temos o Virtual, que existe, com o Potencial, que insiste; e no pólo de coisas que se manifestam, o Atual, que acontece, com o Real, que subsiste.

A partir disso, pode-se destringir o entendimento do MJK em três níveis onde é possível identificar relações:

a) Criação do Projeto:

Nesta etapa estão os motivos para a criação do MJK, aliados aos objetivos e ao planejamento do espaço. Nisso observa-se os processos de Virtualização e Potencialização porque no momento da situação Real da morte de JK, D. Sarah e fundadores Virtualizam sua vida no desejo de criação do Memorial, tornando esse desejo algo latente, que se torna Possível de acontecer.

b) Realização física:

Nesta etapa estão a construção arquitetônica, o discurso apresentado através da expografia escolhida e o funcionamento. Os processos identificados neste nível são os de Atualização e de Realização porque ao transformar o Projeto de criação,

que era Possível de acontecer, em algo Realizado, houve uma Atualização, solucionando o problema que era o desejo de existência do Memorial.

c) Visitação:

Construções de sentido que são feitas pelos grupos e pelos guias que se utilizam dos espaços expositivos e das atividades em curso. Nesta etapa a Potencialização, a Atualização e a Virtualização foram os processos identificados porque intrinsecamente aos espaços expositivos e às atividades em curso há a Potencialidade de diferentes leituras e significações dadas pelos sujeitos que se relacionam com o local, abrindo espaço para construções de sentido que ainda não existem. E ainda, essas significações são leituras, são Atualizações, feitas em um contexto temporal específico que muda de sujeito para sujeito a cada minuto, Virtualizando semanticamente em uma dimensão imaterial, aquilo com o que interagem.

Estas Atualizações podem ocorrer nas diferentes construções de sentido que são feitas sobre a Instituição, seu acervo e discurso expositivo. São falas que mudam com o tempo e falas que mudam com o personagem, e assim a pesquisa propõe a análise dessa polifonia, ou seja, dessas várias falas que coabitam este espaço.

O trabalho pretende identificar e analisar as relações de construção de sentido feitas pelos idealizadores do projeto no momento de seu planejamento, no momento de sua realização que se dá no discurso expográfico; e pelos grupos visitantes, guias e funcionários, que criam atualizações, e conseqüentemente moldam a função social deste espaço a partir do *feedback* como um processo de retroalimentação.

O estabelecimento de relações dos públicos com museus é uma situação geral característica de todo museu, mas o MJK foi escolhido como uma das unidades em que esta situação ocorre para que ela seja estudada profundamente, entendendo os diversos fatores que contribuem para esta realidade, afim de propor a construção de uma explicação.

A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2015 com um caráter exploratório por não ter sido encontrada produção de conhecimento sobre os públicos do MJK. O estudo é prioritariamente descritivo, embora provoque um amplo

leque de problematização sobre as relações dos públicos com o MJK e a importância dessas relações para a construção de significados permanentemente realizados no MJK e nos espaços culturais e museais. Seus protagonistas são guias de turismo, funcionários que realizam ou já realizaram mediação dos grupos agendados, fundadores do MJK, e grupos que receberam isenção de ingresso entre Janeiro de 2014 e Abril de 2015.

Como instrumentos de pesquisa, foram feitas observações de visitas guiadas, uma análise dos pedidos de isenção de ingresso de determinados grupos e conversas informais com informantes-chave a partir de um roteiro de perguntas abertas selecionadas e adaptadas a cada informante.

A partir de um grupo geral de questões acerca dos sentidos do MJK, algumas perguntas são extraídas: Quais são os visitantes do MJK? Quais eram os motivos para a sua construção? Quais são os sentidos que o público, incluindo fundadores, funcionários e guias, fazem do MJK? Como é realizada a mediação neste espaço?

O Objetivo Geral da Pesquisa é: Analisar as relações que são estabelecidas entre os públicos do Memorial Juscelino Kubitschek e seus diferentes espaços expositivos a partir das visitas guiadas e conversas informais, em 2015.

Para analisar estas relações, foram consideradas as diversas falas sobre o MJK: a de seus fundadores, a dos profissionais que lá atuam e a dos guias de turismo, que para esta pesquisa, foram aliados aos grupos de visitas agendadas formando uma categoria mais ampla de Públicos.

Para quem o MJK foi feito, para quem ele funciona e para quem sua existência tem relevância, configuraram fatores para a interpretação deste público, representado por pessoas que estabeleçam alguma relação com o local.

Destrinchando isso, os objetivos específicos são:

- a) contextualizar o MJK histórica e politicamente desde seu projeto de criação, até sua atual utilização, identificando suas atividades, as intenções de seus espaços e a construção de seu discurso a partir da descrição de sua expografia;
- b) caracterizar as modalidades de acesso e de visitação ao MJK;
- c) identificar as modalidades da mediação durante as visitas de grupos;
- d) identificar o perfil dos grupos de visitantes agendados;

e) conhecer qual o significado e a importância do MJK para fundadores, funcionários, guias de turismo e grupos de visitantes.

Para o alcance dos objetivos desta pesquisa, o trabalho foi dividido em seis capítulos seguindo os objetivos específicos. No primeiro, um breve panorama dos estudos de público e discussões sobre comunicação em museus é apresentado. No segundo, conceitos correlatos ao conceito de Memorial são apresentados, tais como Monumento, Sepultura, Lugar de Memória, Centro Cultural e Museu. No terceiro capítulo seguimos com a apresentação deste local, dividido em contextualização do momento histórico e político de criação do MJK, descrição do percurso expográfico e descrição das atividades em funcionamento atualmente ou no passado. O quarto apresenta a metodologia que será utilizada para a análise dos dados. O quinto capítulo apresenta e analisa dados coletados sobre os grupos que marcam visita guiada, apresenta e analisa as observações de percurso de grupos visitantes que marcam visita ou não, e os depoimentos orais coletados para a pesquisa. Por fim, o sexto capítulo apresenta as considerações finais e questionamentos provocados devido à pesquisa.

2 ESTUDOS DE PÚBLICO E COMUNICAÇÃO EM MUSEUS

Em 2012, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) publicou o “Relatório Final da Pesquisa o 'não-público' dos museus: levantamento estatístico sobre o 'não-ir' a museus no Distrito Federal”. Nesta publicação, 76,67% dos participantes, em um universo de 920 pessoas, não visitam museus no Distrito Federal. A razão principal dada pelos participantes para não irem a museus foi a falta de tempo, com 36,8% de respostas. Em segundo lugar vem a resposta “não gosta” com 20,2%. (IBRAM, 2012, p. 15-16)

Ao mesmo tempo em que na prática temos estes resultados negativos, o cenário atual da teoria museológica apresenta sempre a comunicação e o diálogo com o público como fatores renovadores e positivos para as Instituições Museológicas. Isto nos faz questionar se estes resultados negativos se devem a ruídos no diálogo com os públicos das Instituições, ou se estas Instituições têm procurado a plena realização deste diálogo ou têm se deixado acomodar em ambientes herméticos.

Se a experiência do público depende da forma que os conteúdos são apresentados para ele, através do discurso expositivo e da mediação, então o sentido que os funcionários e fundadores dão à Instituição reverbera na relação com os públicos. Ou seja, as relações dos idealizadores com o MJK pode refletir na relação dos públicos com o local.

As Instituições Museais podem ser lugares de lazer, educação, pesquisa, mas também lugares de poder. “Como a poesia não é neutra, assim como os poetas, a ação de valorar objetos de forma a selecioná-los por suas qualidades não é um ato neutro. (CURY, 2005, p. 28), ou seja, a disposição dos objetos numa exposição não é feita de forma neutra. Quando estes espaços servem para lembrar, percebemos que o objeto da lembrança é um momento específico e selecionado em detrimento de outros momentos:

[...] a memória (provocada ou espontânea) é construção e não está aprisionada nas coisas, e sim situada na dimensão inter-relacional entre os seres, entre os seres e as coisas, teremos os elementos necessários para o entendimento de que a constituição dos museus celebrativos da memória do poder decorre sempre da vontade política e representa os interesses de determinados segmentos sociais. (CHAGAS, 1999, p. 20).

Escolher a disposição de objetos em uma narrativa é um ato político, assim como é político escolher o que deverá ser lembrado. De acordo com Jean Davallon (2010), a exposição, canal de comunicação do Museu com o público, atende a uma ideia e a uma intenção. Neste sentido, podemos dizer que exposições e museus não são lugares neutros.

Se então Museus são espaços políticos, torna-se necessário analisar como estes espaços são construídos, com que motivos, dentro de qual contexto social e político e objetivando o alcance de quais públicos. Sendo assim existe esta necessidade de analisar como são feitas as construções de sentido destas Instituições, não apenas no momento de interação com seus públicos, mas também durante o momento de criação destes espaços.

Há aproximadamente 40 anos, a partir da Conferência Internacional de Santiago do Chile (1972), as discussões sobre a reformulação do modo de se fazer Museus trouxeram a preocupação com o Público como fator primordial para sua existência. Com isso criou-se o Movimento Internacional por uma Nova Museologia (MINOM), a partir da Declaração de Quebec (1984) que propunha, entre outras coisas, o reconhecimento das formas de Museologia ativa, após 15 anos de experiências de Nova Museologia com Ecomuseus, Museus Comunitários e outros.

No entanto, é possível observar distanciamentos entre Museus e seus públicos, o que nos faz duvidar da livre comunicação, sem ruídos, entre eles. Na possibilidade desses ruídos existirem, é necessário analisar as relações - comunicações - que são criadas nestes espaços. Quais os sentidos que os públicos dão às Instituições e de que forma eles são construídos.

Talvez haja uma dificuldade de entender documentos sobre público como fontes de dados para adaptações às estratégias de gestão e funcionamento cotidiano. “As primeiras iniciativas de registro e identificação dos visitantes foram feitas por meio dos livros de visitante preenchidos pelos porteiros responsáveis pelas salas ou ainda pelos visitantes que assinavam o livro de ouro do museu.” (KÖPTCKE, 2012, p. 214). Esta prática não se apresenta tão ultrapassada pelo tempo pois estes documentos de registro ainda são recursos para o estudo de público nas Instituições.

Em 2007, Sylvie Octobre já falava de mais de uma tipologia de público em museus: o público praticante formado por visitantes efetivos das instituições, o

público potencial formado por pessoas cujas características sociais e culturais se assemelham às dos visitantes efetivos e o não público formado pelos que se diferenciam dessas características e demonstram pouco ou nenhum interesse na visita desses espaços. Além disso os estudos poderiam ter mais de um formato, tendo para o público praticante:

[...] as sociografias, que visam descrever o perfil e as modalidades de apropriação das instituições; os estudos de fluxo, que pretendem acompanhar a dinâmica das visitas ao longo do tempo, contabilizando quantas pessoas realizam tal prática; e os estudos de recepção, que buscam compreender as formas de apropriação e o sentido das práticas junto aos visitantes.” (OCTOBRE, 2007 apud KÖPTCKE, 2012, p.216)

Para o público potencial os estudos buscam identificar as necessidades e expectativas dos grupos para serem adequados à oferta cultural, e os estudos do não público buscam conhecer as atitudes dos que não visitam, como foi feito pela pesquisa do IBRAM (2012) citada anteriormente.

As pesquisas de público são feitas para a atração de outros públicos, mas também para a melhoria da comunicação entre o público praticante e o museu, para o acréscimo de um projeto de exposição, para definir um programa educativo, para justificar o funcionamento de uma atividade e outros. O estudo de públicos se configura como prática básica para a existência dos museus.

Isto também significa que por mais que os museus tenham seu público-alvo, eles são instituições públicas que lidam diariamente com públicos diversos. Por vezes o seu público-alvo não será o público praticante. Por isso é necessário que o museu conheça seus públicos e se adapte proporcionando relações mais próximas e flexíveis com eles.

Neste trabalho não foi utilizada nenhuma das três categorias de públicos apresentadas por Octubre (2007) mas considerou-se como público qualquer pessoa que tenha estabelecido alguma relação com o MJK, desde a idealização do espaço, até o seu funcionamento. Parte-se da pergunta “Para quem são os museus?” e desta, há de se considerar que os museus também servem ou correspondem às necessidades e expectativas de seus profissionais e fundadores, que também são

fontes de percepção das construções de sentido que ocorrem nos museus, tornando-se parte de uma visão ampla de público.

“Como se sabe, todo e qualquer museu possui três funções básicas: preservação, investigação e comunicação” (CHAGAS, 1998, p. 179) E como meio de comunicação principal, temos a própria Exposição: “A Exposição é o meio por excelência do museu, o instrumento da sua linguagem particular” (RIVIÉRE, apud ROQUE, p. 47)

Tendo a comunicação como função principal das exposições, é preciso analisá-las pela ótica da teoria da comunicação. Como emissores há a equipe organizadora da exposição; como meio, os objetos e recursos audiovisuais; e como receptores, os visitantes, que vão além do público alvo.

Como será visto no caso do MJK, existe um outro elemento a entrar neste esquema de comunicação: o mediador, figura que se apresenta de várias formas, como já problematizado por Maria Margareth Lopes (1997). No caso de grupos turísticos, estes mediadores são guias de turismo contratados por fora. No caso de grupos com isenção de ingresso, os mediadores são os recepcionistas do MJK. Com isso, considero que esses profissionais também façam parte do público do MJK, e podem exprimir suas impressões acerca da exposição, durante a visita.

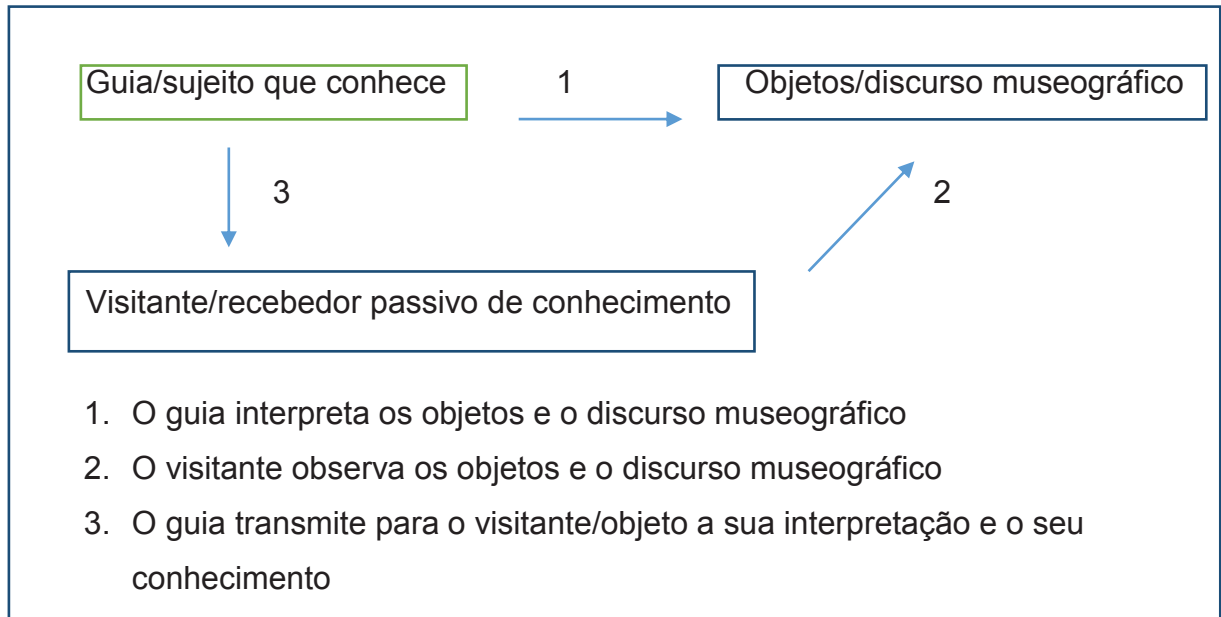
Colocando em níveis de construção de sentido, há a construção feita pelos fundadores, a construção feita pelos funcionários, a construção feita pelos guias e a feita pelo público visitante.

Segundo Marília Cury existem duas tendências de comunicação em museus. Existe a tendência condutivista, ou funcionalista, onde existiria uma linearidade de direção da mensagem ao passar por emissor, meio e receptor; e a tendência Interacionista onde tanto emissor quanto receptor, apesar de estarem em dois polos, são ambos enunciatários da mensagem:

“O emissor e o receptor existem, mas ambos são enunciadores e enunciatários, indivíduos e sujeitos, posto que cada uma das partes, a seu tempo, apropria-se de discursos que circulam em seu meio, reelabora-os e, então, cria os seus próprios discursos. Não há relação de poder entre o emissor e receptor” (CURY, 2005, p. 370)

Estas perspectivas são ilustradas por Mário Chagas. A começar pela condutivista:

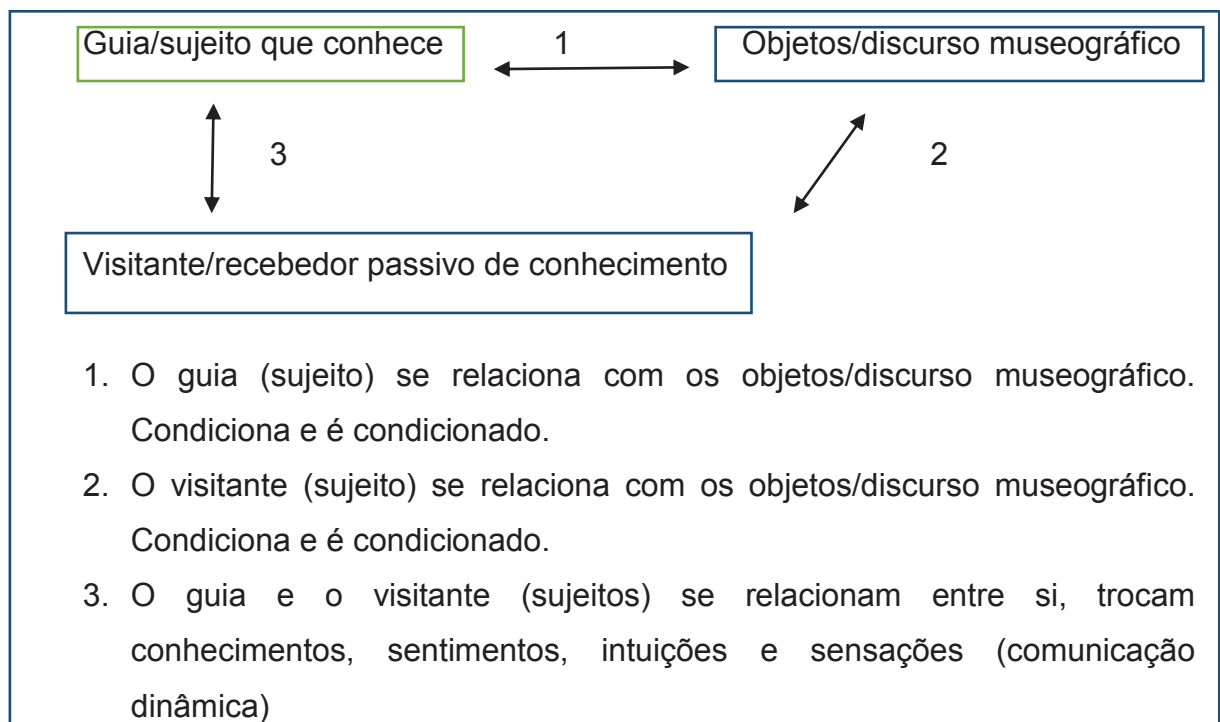
Esquema 1: Perspectiva Condutivista



Fonte: Quadro I CHAGAS (1998, p, 195)

E a perspectiva interacionista, onde se pode identificar relações com maior retorno e ação, em que tanto o guia quanto o visitante condicionam e são condicionados pelos objetos e discurso museográfico, e pela relação entre si.

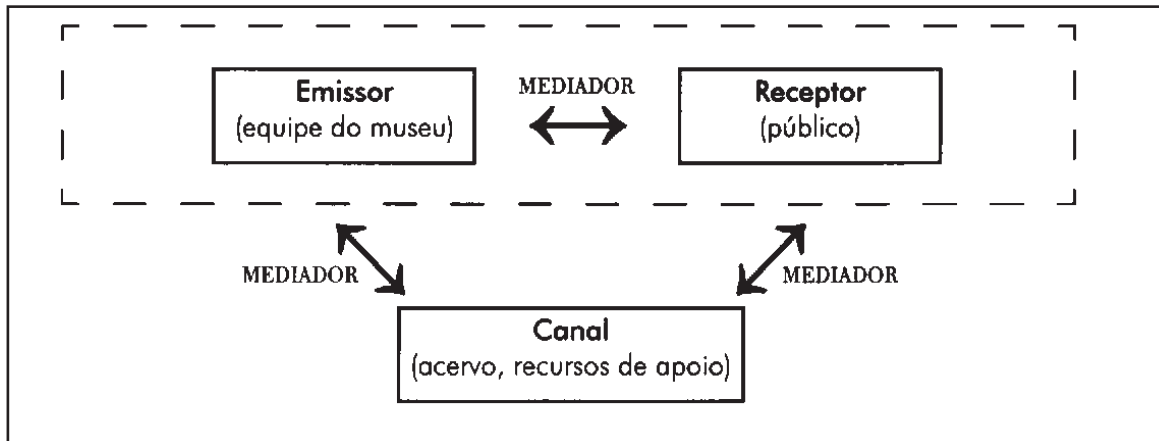
Esquema 2: Perspectiva Interacionista



Fonte: Quadro II (Ibid. p. 196)

Além desta interpretação da comunicação em museus, Ana Carolina Gelmini de Faria acrescenta o papel do mediador nesta abordagem interacionista de comunicação. Nela, os guias ficariam exatamente entre as relações que se dão entre emissor e receptor; emissor e canal (exposição); e canal e receptor, como pode ser visto no esquema a seguir:

Esquema 3: Postura Comunicacional Interacionista nas exposições



FARIA (2010, p. 353)

É relevante perceber que, ao se colocar no papel de articular leituras, discursos e narrativas, ele também tem o poder (e o perigo) de conduzir esta interação, de acordo com a sua intencionalidade: este movimento é natural quando possui um intuito pedagógico, mas o mediador deve evitar ao máximo sobrepor posições políticas, visão de mundo e ideologias. (Ibid p. 352)

Nisso, observa-se o poder de influência da construção de sentido que o mediador faz da exposição sobre a construção de sentido feita pelo público. O mediador se torna uma lente de leitura para o público. A presença do mediador também é influente na medida em que a sua construção de sentido reverbera na construção de sentido feita pelo emissor (a equipe do Museu) sobre o canal (Acervo/exposição) como um *feedback*.

Ao mesmo tempo que representa o papel de Canal e de Emissor, o mediador também representa o papel de público. Motivo pelo qual se incluiu os profissionais que atuam no MJK (como recepcionistas e guias de turismo) no grupo amplo de Público.

3 CONCEITOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DO MEMORIAL JK

Para falar do MJK é necessário caracterizar este lugar com base em conceitos que lhe pareçam correlatos. Este espaço chamado de Memorial e ao mesmo tempo “Monumento e Centro de Cultura” (HELIODORO, 1996, p.7) pode se enquadrar em vários conceitos lembrados a seguir.

Memorial, um espaço criado para trazer à lembrança um evento. Segundo Edmond Barbotin (1970, p. 32), “Ainsi le mémorial affirme ce pouvoir du temps et le conteste à la fois: se référant à un événement passé comme tel, il reconnaît la distance temporelle, en souligne l'accroissement quotidien.”¹, ou seja, um Memorial denota o poder do tempo e é referência de um evento do passado.

Entre os conceitos correlatos ao de Memorial pode-se levantar o de “Lugar de Memória” de Pierre Nora. Lugares de Memória são criados de propósito, a partir da sensação de que não há uma memória espontânea. São lugares em que a memória se cristaliza e se refugia:

Lieux donc, mais lieux mixtes, hybrides et mutants, intimement noués de vie et de mort, de temps et d'éternité; dans une spirale du collectif et de l'individuel, du prosaïque et du sacré, de l'immuable et du mobile. Des anneaux de Moebius enroulés sur eux-mêmes. (NORA, 1997, p. 38)²

Este lugar de Pierre Nora, que não é um simples espaço, é misto de referências e sentimentos a que deles se originam, é espaço em que a morte e a vida estão ligados, de tempos de eternidade, ao mesmo tempo que mutável, pois a Memória se transforma, é vulnerável às utilizações que se fizerem necessárias em um contexto histórico. Em concordância:

A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. “As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.” (POLLAK, 1992, p. 203)

¹ Assim, o Memorial afirma seu poder do tempo e do contexto de uma só vez: se refere a um evento passado como é, reconhece a distância temporal, salienta o aumento cotidiano. (Tradução livre)

² Lugares então, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente atados à vida e à morte, ao tempo e à eternidade, em uma espiral do coletivo e do individual, do mundano e do sagrado, do imutável e do móvel. Anéis de Moebius enrolados em si mesmos. (Tradução livre)

Devido à denominação dada por Heliodoro anteriormente, também é necessário levantar o conceito de Monumento Histórico e de Monumento. De acordo com Aloïs Riegl, o Monumento Histórico inicialmente não é criado para ser um Monumento, mas “constituído a posteriori pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte, que o selecionam na massa dos edifícios existentes, dentre os quais os monumentos representam apenas uma pequena parte” (RIEGL apud CHOAY, 2001).

Além disso, para um espaço ser considerado Monumento Histórico, duas leituras sobre ele são necessárias: a histórica (humanista), de forma que tenha sido integrado em uma linearidade temporal, e/ ou pode “dirigir-se à nossa sensibilidade artística, ao nosso ‘desejo de arte’ (*Kunstwollen*)” (Ibid, p. 26). Nas duas formas de ser lido, o Monumento Histórico levanta a necessidade de sua conservação.

Mas além do Monumento Histórico temos o Monumento, que é uma materialização de um passado selecionado, contribuindo para a preservação e diríamos até construção de uma identidade. O Monumento ilustra um discurso escolhido e é criado propositalmente para ter a função de lembrar.

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. [...] o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurando o ser do tempo” (CHOAY, 2003, p. 18)

Como visto, além de referenciar um evento escolhido anteriormente, o Monumento não apenas apresenta a informação, mas a trabalha com a ajuda da afetividade contida na Memória. “A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva” (Ibid). Esta Memória viva e afetiva também é protagonista nos estudos de Nora:

La mémoire est un phénomène toujours actuel, un lien vécu au présent éternel; l’histoire, une représentation du passé. Parce qu’elle est affective et magique, la mémoire ne s’accommode que des détails qui la confortent; elle se nourrit de souvenirs flous, télescopants, globaux ou flottants, particuliers

ou symboliques, sensible à tous les transferts, écrans, censure ou projections. (NORA, 1997, p. 25)³

Entre os espaços caracterizados como Monumento, existem vários: totens, templos e o próprio Arco do Triunfo. Podendo também ser túmulo, o Monumento “tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento.” (CHOAY, 2003, p. 18). Pode-se lembrar que o MJK possui o túmulo de Juscelino Kubitschek. Mas o túmulo é Monumento ou Monumento é o Memorial inteiro?

Antoine Prost, ao analisar os Monumentos aos Mortos na França separa Monumentos em: Monumento Cívico que glorifica as ações do bom cidadão; Monumento Patriota-Republicano com ode à vitória da República; Monumento Funerário-Patriota que glorifica o sacrifício do cidadão ao morrer pela Pátria; e o Monumento Funerário, onde não há a presença do sacrifício, porém há um sentimento de dor pelos mortos. (PROST, p. 209, 1997) Prost estava analisando Monumentos criados no final do séc. XIX na França, dentro do contexto republicano, mas talvez seja possível aplicar alguma dessas denominações ao MJK.

Ainda com relação a Monumentos, Aloïs Riegl criou três estados de ser para os Monumentos: Os Monumentos Intencionais, destinados para seus criadores, comemoram um evento específico; Os Monumentos Históricos – conceito diferente ao Monumento Histórico de Choay – que fala sobre um momento particular que foi escolhido subjetivamente; e os Monumentos Antigos, que podem ser toda a criação do ser humano que seja testemunho do tempo. (RIEGL, 1903 apud POULOT p. 1515)

Há muitas considerações sobre o que seja um Monumento, porém pode-se concordar que um monumento possui uma intencionalidade de rememoração de certo evento/personagem selecionado antes de sua construção; Um monumento trabalha seu discurso com o auxílio da afetividade e emotividade proporcionada pelos usos que se faz da Memória; Um monumento tem várias

³ A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação vivida no eterno presente; a história, uma representação do passado. Por ela ser afetiva e mágica, a memória se acomoda nos detalhes que a confortam; ela se nutre de lembranças imprecisas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, telas, censuras ou projeções. (Tradução livre)

classificações dentro de sua própria categoria de componente do Patrimônio Histórico.

Neste contínuo processo de identificação do que seria o MJK, é importante lembrar que além da arquitetura e do conteúdo histórico há a presença de restos mortais do ex-presidente. Segundo Jean Leclerc:

“Tout au plus conviendra-t-on que l’association d’un monument avec des restes humains, si cette association est assurée, apporte une bonne présomption qu’on est en présence d’une sépulture” (LECLERC, 1990, p. 14)⁴

Então, se considerarmos que o Memorial JK esteja dentro da categoria de Monumento, há uma possibilidade de também poder ser considerado como uma Sepultura, pois contém os restos mortais de JK. Afinal, para um local com restos mortais ser considerado Sepultura é necessário que haja uma intencionalidade no depósito dos restos mortais, nunca é acidental, da mesma forma que um Monumento é criado propositalmente.

Porém há uma diferença entre estes dois conceitos. O Monumento é criado para lembrar, já a Sepultura, segundo Leclerc (Ibid.) é criada como um gatilho para que ocorra o Tempo Funerário, tempo necessário para o esquecimento coletivo e cultural do indivíduo. Nesse sentido, a construção do MJK poderia ser entendida como um gatilho para que o Tempo Funerário passasse, mas ao mesmo tempo um recurso para que a história de vida de JK fosse lembrada.

Por fim chegamos à noção de Centro Cultural, este espaço ligado intrinsecamente à noção de lazer, pode ser assim caracterizado devido às atividades que ele exerce. Segundo Neves, um Centro Cultural pode proporcionar oficinas, consulta, espetáculos e outras atividades:

Podendo ser tanto um local especializado, de múltiplo uso, proporcionando opções como consulta, leitura em biblioteca, realização de atividades em setor de oficinas, exibição de filmes e vídeos, audição musical, apresentação de espetáculos, etc, tornando-se um espaço acolhedor de diversas expressões ao ponto de propiciar uma circulação dinâmica da cultura. (NEVES, 2013, p. 2)

⁴ No máximo, convenhamos que a associação de um monumento com restos mortais, se essa associação é certa, traz uma boa presunção de que estejamos diante da presença de uma sepultura. (Tradução livre)

Na França, a criação de Centros Culturais aconteceu para entreter operários franceses. (RAMOS, 2007) Desde então a noção de Lazer esteve ligada à de Centro Cultural, ou de Casa de Cultura. O Centre National d'Art et Culture Georges Pompidou foi o primeiro centro cultural moderno da Europa, servindo de modelo para a criação de outros Centros.

O Centro Cultural Georges Pompidou, em Paris, que é uma biblioteca repensada e expandida, foi o elemento provocador que estimulou a criação de centenas de centros culturais. O resultado disso é que passou-se a identificar os centros de Cultura como uma novidade, quando de fato ele, majoritariamente, é a evolução normal das milenares bibliotecas. (MILANESI, 1997 apud RAMOS, p.83)

O Centro Cultural foi altamente associado a Bibliotecas evoluídas. Contexto parecido acontece com os museus: "(...) o termo museu é associado a algo ultrapassado e estático, enquanto que o termo centro cultural é associado à novidade e ao dinamismo. Hoje, entretanto, as instituições se assemelham." (Ibid)

Com isso é possível verificar um entrelaçamento dos termos Centro Cultural e Museu. Para o Art. 1º da Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009, Museus são:

[...] instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009, art. 1)

Apesar de não serem completamente iguais aos Museus por não terem a obrigatoriedade de expor um acervo próprio, os Centros Culturais apresentam muitas semelhanças, como pode ser visto no seguinte trecho:

Os Centros Culturais são instituições criadas com o objetivo de se produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos, obtendo o status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídios às ações culturais. São espaços para se fazer cultura viva, por meio de obra de arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico." (NEVES, 2013, p. 2)

O MJK, além de monumento, se identifica como Centro de Cultura. Tendo em vista que Centros de Cultura possuem tantas semelhanças com Museus, é possível então analisá-lo também como uma Instituição Museológica.

No relatório de atividades de 2014 cedido para esta pesquisa, o MJK também se identifica como um Museu. “Memorial JK - Museu da Cidade de Brasília é a proposta que objetiva capacitar o Memorial a cumprir, de direito, uma função que, informalmente já exercia de fato: a de centro de referência da História de Brasília.” (p. 1, 2015). Ou seja, ainda como Monumento e Centro de Cultura, o Memorial JK se enxerga como um Museu histórico de Brasília.

Além da definição de Museu dada no Estatuto de Museus transcrito acima, outras definições nos ajudam a verificar se o MJK se encaixa nos conceitos de Museu:

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (ICOM, 2007 apud DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 64)

Em 2009, a definição de Museus para o IBRAM era essa:

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes (IBRAM, 2009 apud FRAGA, 2010)

O MJK possui acervo próprio, possui público e ainda comunica este acervo através de exposições. Tendo estas características em mente, e por este trabalho ser da área de Museologia, a ótica trabalhada nesta pesquisa será a visão deste espaço como uma Instituição Museológica, um local híbrido de significados, podendo cumprir papel de Lugar de Memória, Monumento, Sepultura, Centro Cultural, em alguns espaços internos se caracterizarem como os de um Museu Casa.

Mas como um dos objetivos deste trabalho é identificar as relações dos públicos com o local, analisando como estes públicos caracterizam o MJK ao se apropriarem dele, a consideração sobre o que seja este espaço fica para o final das análises de dados.

4 O MEMORIAL JUSCELINO KUBITSCHEK

Como o trabalho busca analisar as relações que se estabelecem no MJK, é necessário analisar este espaço, da forma defendida por Stake “For audiences of the report, it is important to describe what the cases activity is and what its effects seem to be. What it does on the situation, so it is also important to describe situations.” (STAKE, 2005, p. 4)

Este capítulo propõe apresentar o Memorial Juscelino Kubitschek descrevendo as situações de criação, da apresentação de seu acevo em seus espaços e de seu funcionamento. Procura responder à segunda pergunta levantada anteriormente, sobre quais foram os motivos para a construção do MJK, possibilitada através de análise documental e de pesquisa bibliográfica.

4.1 CONTEXTO DE CRIAÇÃO

O MJK possui uma área de 25.000 m² e se localiza na Praça do Cruzeiro do Eixo Monumental Lado Oeste em Brasília, Distrito Federal. Este espaço foi idealizado primeiramente por D. Sarah Kubitschek um mês após a morte de seu marido, o ex-presidente do Brasil. Segundo Affonso Heliodoro, o intuito de construir este Memorial era de perpetuar a memória de JK e “revelar aos pósteros sua luta pelo desenvolvimento econômico e social do Brasil, bem como divulgar seus ideais democráticos e seu incansável trabalho pela paz e harmonia política no Brasil.” (1996, p. 5). Neste sentido, o primeiro objetivo identificado dentro do intuito de criar este espaço era de rememorar e preservar para a posteridade, a figura de JK.

O falecimento de JK, que impulsionou a vontade de D. Sarah em construir este espaço, aconteceu em uma época conturbada para a política brasileira. Em 1974 Ernesto Geisel foi eleito Presidente pelo Aliança Renovadora Nacional (ARENA), derrotando Ulysses Guimarães do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Apesar do governo de Geisel ter sido caracterizado como uma amenização da Ditadura Militar com a extinção do Ato Institucional 5 (AI-5), o Brasil ainda passava por um momento de crise política, sem democracia.

Em 23 de agosto de 1976, JK foi encontrado morto após um acidente de carro na Rodovia Presidente Dutra, a caminho de Resende, no Rio de Janeiro. Ainda no mesmo ano, João Goulart, último presidente eleito por regime democrático antes do começo da Ditadura, foi encontrado morto no dia 6 de dezembro. Até hoje as causas destas mortes geram desconfiança.

Em 2014 a Comissão Nacional da Verdade exumou os restos mortais de Jango a pedido de sua família, afim de fazer exame toxicológico para testar a hipótese de ter sido envenenado. Devido ao tempo decorrido de sua morte não foi possível ter nenhum resultado neste sentido.

Já a morte de JK, que era publicamente averso à Ditadura, levanta questionamentos devido a um boato de que ele teria morrido da mesma forma e no mesmo lugar 15 dias antes de sua morte ter acontecido de fato (MAIA, 2014). Ou seja, 1976 foi um ano politicamente conturbado para a História do Brasil, tendo ocorrido a morte destes dois ex-presidentes exilados pelo Regime Militar.

A Comissão Nacional da Verdade concluiu que a morte de JK foi um acidente de carro. No entanto em 2013 a Comissão Municipal da Verdade Vladimir Herzog concluiu que a morte de JK não foi um acidente (Carta Capital, 2013)

No mesmo ano da morte de JK, D. Sarah Kubitschek realizou tentativas fracassadas para conseguir um terreno para a construção do Memorial. A falta de contribuição do Governo Militar para a criação de um espaço que rememorasse a figura de JK reflete estes conflitos políticos.

Depois de algum tempo, “um senador”, cujo nome não é apresentado, procurou Oscar Niemeyer no intuito de criar um espaço para homenagear JK na Praça dos Três Poderes. Como Niemeyer sabia do desejo de D. Sarah Kubitschek, ele a procurou para criarem o Projeto do Memorial JK.

De acordo com Affonso Heliodoro, neste projeto, o Memorial JK teria três finalidades:

- MAUSOLÉU para os restos mortais do Presidente Juscelino; - MUSEU constituído de peças e documentos que mostram as principais passagens da vida e da obra de JK; - CASA DE CULTURA, onde uma programação bem orientada pode manter acesa a chama de idealismo, a preocupação cultural e o dinamismo, que foram características marcantes da personalidade do Presidente Juscelino.” (1996, p. 8)

Com o Projeto em mãos, D. Sarah conseguiu uma audiência com o então presidente João Figueiredo através da influência do ministro Saïd Farhat. Figueiredo foi o último presidente da Ditadura Militar e por isso seu mandato foi caracterizado por uma maior abertura política.

Novamente Figueiredo foi lembrado do desejo de construção do Memorial, mas desta vez pelo cantor Sílvio Caldas, amigo da família Kubitschek. E em 1979 D. Sarah foi recebida pelo Presidente Figueiredo, quando o Projeto recebeu a doação do terreno para sua construção.

Como se pode imaginar, a data de abertura não foi obra do acaso. O Memorial JK teve sua data de inauguração planejada no momento da audiência com Figueiredo. Ficou planejado para o dia 12 de setembro de 1981, mesmo dia em que o ex-Presidente do Brasil completaria 79 anos.

Nestas informações já podemos captar a construção de sentido feita durante o planejamento do Memorial. O desejo de D. Sarah ao escolher a data de inauguração do espaço que receberia o corpo de seu ex-marido para a mesma data de aniversário dele é bastante relevante para entender como era a relação dos fundadores com este espaço. Segundo Heliodoro (1996, p. 21): “O Memorial vem cumprindo sua missão e finalidade: A história de Juscelino foi revivida; seu túmulo visitado; seus ideais democráticos decantados; sua obra divulgada.”

O que podemos cogitar desta escolha de datas, e também das palavras de Heliodoro é que além de um lugar de rememoração e perpetuação da imagem de JK, este lugar foi planejado para o renascimento de um ídolo. Talvez a própria noção de rememoração estivesse sendo interpretada como “dar vida”, como é apresentado no folder publicitário do MJK: “Aqui habita para sempre a memória viva do Presidente Juscelino Kubitschek”.

Com isso, identificamos a vontade de romper o estado de morte real, para alcançar a vida virtual a partir da rememoração. Criar o Memorial JK teria sido um processo de virtualização.

Segundo Pierre Lévy o virtual é “(...) um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata“. O Virtual apresenta a tensão de sair de uma presença, no caso, a presença da morte tem um caráter virtual intrínseco à ela que é

a presença da vida, lembrada a partir dos suportes expográficos do espaço. Poderíamos dizer então, que o Memorial JK foi projetado no intuito de ser um lugar de ressuscitação virtual. Uma construção de sentido do Memorial que virtualiza a vida, na presença da morte.

Como dito anteriormente, o Projeto previa um espaço para os restos mortais de Juscelino Kubitschek, chamado pela própria Instituição de Mausoléu. Então para a inauguração do Memorial foi necessária a exumação do corpo de JK, que estava no Cemitério da Boa Esperança, no dia 10 de setembro de 1981, descrita por Affonso Heliodoro da seguinte maneira:

A subida do caixão e a exumação do corpo trouxeram-nos de volta ao impacto de sua trágica morte. A lembrança correu célebre, e, como num filme, revimos toda uma vida, toda uma convivência de muitos anos, pontilhada sempre pelos grandes momentos – momentos que marcam a trajetória das grandes personalidades. (HELIODORO, 1996, p. 16)

Este tom saudoso e glorificante perpetua praticamente todo depoimento dos fundadores e diretores, juntamente com o discurso presente nos espaços, como será descrito mais adiante. O relato acima, bem como outros com o mesmo tom são veiculados em livros e folders do MJK.

A primeira Comissão para a construção do Memorial JK foi composta por Sarah Kubitschek, ex-esposa; Adolfo Bloch, criador da Revista Manchete e amigo de JK; Márcia Kubitschek, filha do ex-presidente; Maria Estela Kubitschek Lopes, filha adotiva do ex-presidente; Rodrigo Paulo de Pádua Lopes; Oswaldo Maia Penido, que acompanhou JK na mudança dos Três Poderes para Brasília; e Victor Nunes Leal, que foi Chefe da Casa Civil no governo JK. Além destas pessoas, Olavo Drummond, amigo de JK e redator de rádio-jornais de Minas Gerais (MG); Renato Azeredo, político de MG, e sub-chefe da Casa Civil da Presidência durante o governo de JK; e outros políticos, foram entusiastas da ideia.

D. Sarah teve, então, parcerias do Governo Federal, de Governos Estaduais e de Empresários, para criar em 21 de agosto de 1979, a Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek, instituição de caráter privado e sem fins lucrativos.

Segundo o Decreto nº 84.522 de 1980 do Governo Federal, a Sociedade Civil passaria a ser considerada de caráter público. Porém foi reestabelecida em 2012 pelo Ministério da Justiça.

Voltando à época de criação do Memorial JK, a Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek levantou Cr\$ 280.000.000,00 (duzentos e oitenta milhões de cruzeiros) de doações provenientes de civis e empresários. A empresa do engenheiro Sérgio Gomes de Vasconcelos, a Serviços Gerais de Engenharia S.A. (SERGEN) entregou a obra pronta em 17 meses, sem cobrar pelo serviço e ainda doando todo o cimento necessário. Assim, o Memorial Juscelino Kubitschek foi inaugurado e aberto ao público em 12 de setembro de 1981.

Durante a inauguração, o Arcebispo de Brasília, Dom José Newton, realizou uma missa de sepultamento dentro da Câmara Mortuária. “Seu corpo será presa eterna daquele ataúde negro.” (HELIODORO, 1996, p. 19). Sabendo disso, é possível verificar uma mistura de espaços quando, a partir da presença do corpo e dos ritos fúnebres, o Memorial passa a fazer papel de Cemitério, ou de Igreja.

O Memorial JK foi tombado primeiramente pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (DEPHA) em 18 de novembro de 1992., inscrito no livro do tomo II - Edifícios e Monumentos Isolados - DEPHA/GDF - Folha 2. Mais tarde foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em dezembro de 2007.

O túmulo do ex-Presidente não é visto como um objeto museológico, como parte do acervo da Instituição, mas como uma parte tombada do prédio, afinal a Câmara Mortuária foi idealizada e concebida pelo arquiteto Oscar Niemeyer, por isso nada lá pode ser modificado.

4.2 O ESPAÇO FÍSICO

Entendendo o Memorial Juscelino Kubitschek como um espaço museológico, por ter público, possuir acervo e comunicá-lo através de exposições, é relevante descrever e analisar a forma destas exposições com o objetivo de identificar as mensagens explícitas e subjacentes de seus criadores ao realizar este projeto museológico.

Um Jornal Descritivo foi feito durante uma das visitas ao espaço com o objetivo de exercitar a melhor percepção das falas superpostas: a arquitetura, a expografia, a decoração e os funcionários.

O Memorial JK possui dois corredores de entrada e saída. O corredor principal de entrada fica em frente ao Memorial dos Povos Indígenas e o corredor principal de saída dá para a Praça do Cruzeiro, no Eixo Monumental. Ambas são uma descida para entrar no MJK, que fica abaixo do nível do solo, abaixo dos espelhos d'água na parte exterior do prédio.

O corredor de entrada principal é composto pelos seguintes espaços: recepção com venda de ingressos; corredor com fotografias ampliadas da vida pessoal e política de JK, em preto e branco; sofás brancos, que não podem ser utilizados pelos visitantes; e totens expositores nos cantos das paredes com objetos de uso de JK, como a carteira escolar que ele utilizava quando criança em Diamantina, livros, cheques, estetoscópio, anel de formatura e outros.

Figura 1: Totens com objetos referentes à carreira profissional de JK



Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Figura 2: Corredor principal de entrada

Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Pelo corredor de saída principal, há um piso de veludo azul bastante parecido com o anterior. Nele há os seguintes espaços: recepção com catraca, onde o ingresso é vendido; loja com publicações e souvenirs; Fotografias em preto e branco ampliadas retratando eventos importantes da vida pessoal e política de JK; totem circular com a miniatura do avião Douglas DC 3 PP-ANY, utilizado pelo ex-presidente; e ainda, ao canto direito há um nicho dedicado a Márcia Kubitschek, com fotos de seu casamento nas paredes e totens com seus objetos de uso pessoal.

Figura 3: Lojinha do corredor principal de saída



Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Figura 4: Corredor principal de saída



Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Todos os recepcionistas do MJK utilizam uniforme que lembra trajes dos anos 1950. Saindo do corredor há um saguão principal. A primeira visão é a de uma mesa

com ornamento floral e panfletos para serem retirados, apesar desta mesa ser objeto do acervo. À esquerda encontram-se outras mesas para um serviço de cafeteria. Nos cantos do saguão estão distribuídos totens digitais interativos com tela *touchscreen* para que o visitante tem acesso à história de criação do Memorial, história de JK e outros assuntos, através de vídeos e textos explicativos.

Figura 5: Saguão principal



Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Ainda no saguão principal, próximos às paredes há totens expositores com placas, medalhas, broches e certificados post-mortem dedicados a JK; Enquadrada está a cópia do Decreto nº 84522 de 1980 instituindo a criação da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek, assinado por Figueiredo. Há também obras de arte inspiradas no cerrado da capital, uma feita por Oscar Niemeyer e outra por Athos Bulcão.

As entradas lembram corredores de destaque para momentos populares da carreira do ex-presidente, como um *hall* da fama, onde JK passaria por flashes (fotografias) no carpete de veludo estendido. Nestes dois espaços temos objetos de seu uso enquanto estava vivo, bem como um nicho dedicado a objetos de uso de Márcia Kubitschek. Porém no saguão central, os objetos selecionados foram todos post-mortem, sendo alguns relacionados à criação e ao funcionamento do Memorial JK.

Ainda no andar inferior temos algumas salas separadas. A primeira é a Sala de Pesquisa, espaço destinado ao suporte informacional, com livros e outras publicações relacionadas a Juscelino, ou à construção de Brasília. Neste espaço há uma imagem de JK ampliada praticamente em tamanho real, saudando as pessoas que entram na sala, que é de livre acesso ao público.

Outra sala é a Sala de Metas. Um hall com um painel representando as metas principais de seu governo. São fotografias em preto e branco que representam as áreas de atuação: energia elétrica, transporte, agricultura, indústria de base, automobilística e naval, além, é claro, da meta-síntese, a construção de Brasília. Nesta sala, há ainda uma pintura a óleo de JK em tamanho real, feita por Portinari, e ainda uma reprodução da carta de despedida do ex-presidente, no momento de término de seu mandato. Novamente, existe um largo banco acolchoado ao centro da sala, com o aviso de não poder ser tocado, mas não fica claro se faz parte do acervo.

Figura 6: Sala de Metas



Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Ao lado do painel de metas há uma sala reproduzindo a Biblioteca de Juscelino Kubitschek. Esta reconstituição foi feita trazendo móveis – não só as estantes, mas sofás, mesas e cadeiras – de sua real biblioteca no Rio de Janeiro. A abundância e riqueza de detalhes é o foco da sala. São 3 mil volumes raros, dentre

eles, uma coleção de Shakespeare de 1802 doada pela Rainha Elizabeth II. Um dos recepcionistas disse que “abrindo ‘tal’ porta, JK ia para ‘tal’ lugar”. Como num Museu Casa, o MJK enfatiza a ausência física do personagem mais relevante da casa, em alguns de seus espaços internos:

[...] é no museu-casa que a presença da morte seja, talvez mais percebida - sobretudo em função da ausência física do seu objeto mais proeminente, ou seja, o personagem que lhe dá sentido, o anfitrião do espaço. Na realidade, este tipo de museu nasce a partir da morte. (RANGEL, 2007, p. 81)

Figura 7: Biblioteca Pessoal de JK



Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Atrás do painel das metas entramos no Gabinete de Sarah Kubitschek. Neste espaço existem vestidos, livros e fotografias de D. Sarah. Estes itens representam suas áreas de atuação: serviço social, artes, literatura, moda e política. A ambientação da sala é feita como a reprodução de seu real escritório, com uma escrivaninha e uma mesa de reuniões. A parede ao fundo é toda de vidro e dá para um jardim artificial. Por fim, um painel com fotografias e textos narram a atuação de Sarah para a criação do Memorial JK.

Figura 8: Gabinete de D. Sarah Kubitschek



Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Voltando ao saguão principal, existe um painel com fotografias das principais pessoas que ajudaram a construir Brasília: Lúcio Costa; Oscar Niemeyer; Israel Pinheiro; Ernesto Silva; Bernardo Sayão; e Affonso Heliodoro, que além de ter sido o primeiro diretor do Memorial JK, ajudando a construí-lo, foi o assessor de JK e subchefe do Gabinete Civil da Presidência.

Figura 9: Painel “JK e o Time de Talentos na Construção de Brasília”



Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Uma larga escada forrada com veludo preto dá acesso ao andar superior. Ao chegar em cima, à esquerda está o Auditório Márcia Kubitschek, ambiente público com 310 cadeiras formando as iniciais “JK”, onde há atividades musicais, teatrais, cinematográficas, palestras, cursos e outros, com uma fotografia ampliada de Juscelino ao fundo do palco.

À direita está um espaço atualmente utilizado para a exposição “JK e as Personalidades do séc. XX”, de curadoria de Daiana Castilho Dias, produzida pela empresa 4 ART Produções Culturais, com patrocínio dos Correios e do Governo Federal. Esta exposição é composta de fotografias em preto e branco ampliadas, representando Juscelino Kubitschek com pessoas famosas de sua época. As vitrines com estas fotos ficam em cima do maior tapete de arraiolos⁵ do mundo.

⁵ Tapete bordado em lã com ponto de costura arraiolo sobre tela de juta, algodão ou linho. É característico da vila alentejana de Arraiolos em Portugal e permite a reprodução fiel dos desenhos geométricos e artísticos.

Figura 10: Exposição “JK e as Personalidades do séc. XIX”



Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

À direita, como se estivesse flutuando na vitrine de vidro, vemos a miniatura do navio-plataforma da Petrobrás, batizado de Presidente Juscelino Kubitschek, como um dos objetos da exposição temporária “Um certo navio Brasileiro” patrocinado pela Petrobrás que o MJK continuou expondo.

Ao centro do segundo andar, como espaço principal, existe um muro em formato circular, com painel de Athos Bulcão em mármore branco. Após passar pelas fotografias da exposição “JK e as Personalidades do séc. XX”, o visitante se depara com uma entrada ao centro deste muro. Na frente, um aviso “FAVOR SILÊNCIO E RESPEITO”, e então o visitante adentra um espaço escuro, com um vitral iluminando apenas o objeto ao centro: o túmulo de Juscelino Kubitschek, com a inscrição “O FUNDADOR”.

Figura 11: Entrada da Câmara Mortuária

Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

No relato seguinte, extraído da Revista Manchete (1981), Oscar Niemeyer descreve a Câmara Mortuária. Nele é possível verificar as intenções do arquiteto ao projetar este espaço da forma que escolheu:

É um momento de pausa e respeito que vai marcar a visita: um salão circular com 10 metros de diâmetro, revestido nas paredes com granito preto, tendo no centro, sobre um círculo de mármore também preto, o túmulo do ex-presidente. Do teto descem sobre ele as cores do vitral de Marianne Peretti. (NIEMEYER, 1981, p. 11)

O túmulo de mármore preto possui uma luz artificial logo embaixo, direcionada para o chão, dando a impressão de flutuar no centro da Câmara Mortuária. O piso é coberto por carpete na cor vermelha e as paredes em volta da câmara são como muros pretos deixando o ambiente ainda mais fechado. Estes elementos conferem uma carga pesada e sentimentos de imponência, autoridade, silêncio e luto, o que se relaciona com a visão de Jean Franczyck (2015) sobre museus serem intimidadores e não convidativos.⁶

⁶ FRANCZYCK em entrevista dada ao Jornal O Globo em 13 de julho de 2015.

O Coronel Affonso Heliodoro deixa suas impressões sobre este espaço: “Saindo da cripta, ambiente que induz à oração, à reflexão e à meditação, o visitante, ainda emocionado, deixa a urna onde repousam os restos mortais do fundador de Brasília (...)” (1996, p. 48-49)

Esta sensação lúgubre é característica do tipo de discurso que se materializa em mausoléus e bustos, espaços para a “Oraison Funébre” de Jean-Claude Bonnet (1997, p. 1832) “Ce genre lugubre est destiné à faire trembler les humains par le rappel presant du *memento mori*”⁷ fazendo as pessoas se identificarem. Dessa forma, o discurso expositivo da Câmara Mortuária pode ser identificado como uma “Oraison Funébre” ou como uma “Éloge Académique”, categoria de discurso iniciada pelo romantismo de Victor Hugo que imortalizava os mortos da cidade fazendo poesias da janela de seu quarto (BEN-AMOS, 1997, p. 428).

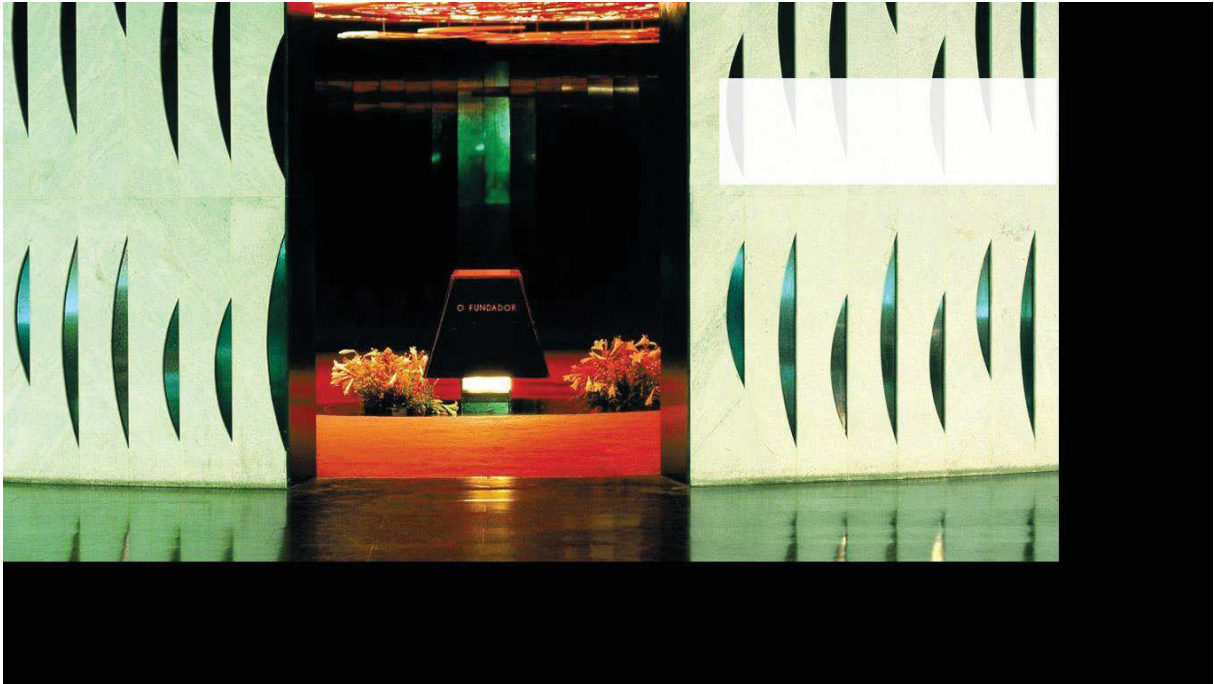
É identificável no discurso expositivo do MJK a construção da imagem do ex-presidente como um símbolo nacional a ser culturado, assim como fizeram no grande funeral de Victor Hugo e na colocação dos restos mortais de Napoleão na “Dôme des Invalides”. (BOUDON, 1998, p. 140)

Assim compara artigo da Revista Manchete:

Colaborador de JK desde os tempos da Pampulha, Oscar idealizou e concretizou um estuendo conjunto arquitetônico que, no gênero, pode ser considerado o mais sóbrio e elegante do mundo. Existem as pirâmides, também câmaras mortuárias, hoje identificadas ao próprio deserto – ao deserto do Saara e ao deserto da História. Há o túmulo de Napoleão, em Paris, adaptação híbrida de igreja e mausoléu, situado na imensa esplanada dos Invalides. Há o túmulo de Lênine, na Praça Vermelha [...] Os memoriais dos Estados Unidos... (MANCHETE, 1981, p.11)

A obra de Marianne Peretti confere foco ao túmulo pois possibilita a entrada de luz natural. As cores do vitral são: vermelho, roxo, e branco. Segundo os funcionários, o roxo representa a morte, o vermelho a paixão, e o branco a paz, formando os contornos de um anjo segurando uma coroa de louros.

⁷ Este gênero sombrio destina-se a fazer os humanos tremer a partir do lembrete presente do *Memento Mori*. (Tradução livre)

Figura 12: Câmara Mortuária

Fonte: Website do Memorial JK

Voltando ao percurso, nas laterais da Câmara Mortuária, existem dois corredores. Do lado direito há vitrines com roupas usadas por D. Sarah Kubitschek, além de uma pintura retratando sua imagem. Já do lado esquerdo há vitrines com vestes de Juscelino. Além destes objetos, há também, locais para visitantes se sentarem, com mesa e iluminação focada nas cadeiras.

O espaço inteiro é escuro, com teto na cor cinza e iluminação vinda de baixo para cima, ao longo do contorno, nos cantos do segundo andar. Totens digitais interativos estão por toda a parte deste pavimento, com fones de ouvido para a explicação de conteúdos, além de mesas interativas.

Figura 13: Exposição de longa duração

Fonte: Priscila Nóbrega, 2015

Por fim, o último espaço é uma pequena parte da Exposição de Longa Duração formada a partir de totens arredondados, vitrines côncavas, vitrines retangulares verticais e vitrines em formato de bancadas. Os objetos que estão nesta parte do Memorial JK são faixas e medalhas utilizadas pelo ex-presidente, comendas, fotos, condecorações, e outros. Em destaque está uma vitrine com a casaca, faixa presidencial e réplica do vestido de D. Sarah utilizados no Baile de Posse do ex-Presidente. Esta parte foi toda modernizada em 2000 atendendo a questões de acessibilidade, como elevador para cadeirantes, telefones públicos, e outros mais.

Na parede ao fundo há uma espécie de linha do tempo da construção de Brasília, formada por fotografias desde a época da Missão Cruz - primeira tentativa de interiorização da capital - acompanhadas de objetos representativos de cada momento dispostos em uma vitrine em formato de bancada. Ao canto esquerdo há a reprodução de documentários sobre a vida de Juscelino Kubitschek, bem como a criação de Brasília, da criação do Memorial JK, em uma projeção em tela branca, com bancos para os visitantes se sentarem.

Após tudo isso, pode ser percebido o caráter saudoso que está presente em todo o percurso. A figura de JK acenando para visitantes da sala de pesquisa, a

reprodução de sua biblioteca e do escritório de D. Sarah, cenários de suas vidas cotidianas contidos em salas onde dá a impressão de que eles simplesmente saíram da sala mas já irão voltar. A glorificação do ídolo com o vitral e o túmulo de mármore flutuante trazem a sensação de eternização do momento de sua morte.

Estas análises preliminares serão enriquecidas com a escuta das falas dos funcionários e fundadores do MJK para entender as leituras ou virtualizações e atualizações que criam desta exposição.

4.3 A ADMINISTRAÇÃO DO MJK

De acordo com o Estatuto Social da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek, o objetivo da instituição é “a guarda e a preservação dos restos mortais do Presidente Juscelino Kubitschek bem como a perpetuação de sua memória” (Capítulo II, 2013, Art. 4º), seguido pelos objetivos específicos:

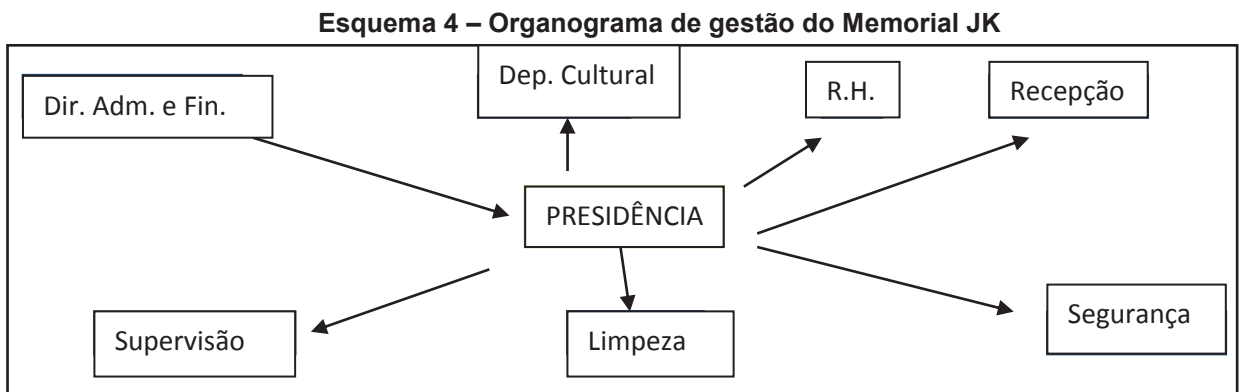
- I. Conservar e divulgar convenientemente, objetos e escritos que lembrem a vida, a obra e os ideais do Presidente Juscelino Kubitschek, promovendo com esse fim, a construção e edificação de Brasília
- II. Exercer, direta e indiretamente, promover e estimular atividades em todos os setores culturais, especialmente os de caráter educativo
- III. Promover intercâmbio cultural com entidades particulares e públicas, nacionais ou estrangeiras
- IV. Editar livros, revistas e periódicos compatíveis com seus objetivos sociais, podendo igualmente firmar contratos de distribuição das referidas publicações com entidades especializadas ou empresas editoras
- V. Manter eficiente setor de documentação amplamente aberto à consulta (Ibid, Art. 5º)

Desde 2000 o MJK é regido pela Presidente Anna Christina Kubitschek B. A. Pereira, neta de Juscelino Kubitschek e pelo Vice-Presidente Sérgio Gomes de Vasconcellos – engenheiro a entregar a obra do Memorial pronta. Antes de Anna Christina Kubitschek, as presidentes foram Sarah Kubitschek e Márcia Kubitschek. A eleição para a presidência ocorre a cada quatro anos com base na decisão do Conselho Deliberativo:

Conselheiros natos: Anna Christina Kubitschek Barbará Alves Pereira; Sérgio Gomes de Vasconcellos; Maria Estela Kubitschek Lopes; Rodrigo Paulo de Pádua Lopes; Paulo Octávio Alves Pereira; João César Kubitschek Lopes; Júlia Diana Maria Kubitschek Barbará Albarran.

Conselheiros eleitos: Cel. Affonso Heliodoro dos Santos; Alejandra Patrícia Kubitschek Bujones; Carlos Mmurilo Felício dos Santos; Dácio Barbosa da Silveira; Ilideu de Oliveira; Jussarah Kubitschek Lopes; Felipe Octávio Kubitschek Barbará Alves Pereira.

Subordinando-se à presidência há, em mesmo nível hierárquico: a Diretoria Administrativa e Financeira; o Departamento Cultural; A Supervisão – que cuida da manutenção e segurança do patrimônio -, Setor de Recursos Humanos; Recepção; e Setor de Limpeza e Segurança.



Fonte: Informação pelo Departamento Cultural do MJK

Em 1991 o Memorial JK passou a receber recursos do Governo do Distrito Federal (GDF) para a sua manutenção, a partir da Lei Distrital nº 157/91 criado na época do governador Roriz, quando a Presidente do MJK, Márcia Kubitschek, era a vice-governadora. Nesta lei, o GDF fica encarregado de prover recursos financeiros para arcar com as despesas de manutenção do MJK a partir de repasse da Secretaria de Cultura (SEC). Com o fim da vigência, convênios foram feitos e renovados com o mesmo propósito.

A celebração desta lei representa a garantia de funcionamento do MJK possibilitada pelo Capital Social de seus gestores, transformado em Capital Econômico:

[...] capital social, sabendo que este último está estreitamente associado à antiguidade na classe por intermédio da notoriedade do nome, assim como da extensão e da qualidade da rede de relações - que, em todos os momentos, estabelece a oposição entre as diferentes frações da classe dominante. (BOURDIEU, 1979, p. 115)

Como Organização Sem Fins Lucrativos, tudo o que é cobrado pelo Memorial JK é revertido para o funcionamento dele mesmo. Uma das formas de captação de recursos é a cobrança de ingressos de terça-feira a sábado na recepção, no valor de R\$ 10,00 para entrada, sendo R\$ 5,00 para estudantes. Outra forma de captação de recursos é a partir de doações espontâneas. O funcionamento é de terça a domingo, de 9h às 18h, exceto feriados.

Os funcionários do MJK sabem as informações necessárias para resposta de perguntas de público espontâneo mas também realizam a explicação dos módulos para grupos que marcam visita e requisitam a isenção da taxa de ingresso. Estas visitas são chamadas pelos funcionários do MJK como Projeto Museu Escola, mesmo que não atenda apenas a escolas. Este projeto teve início na inauguração do MJK com a gestão do Coronel Affonso Heliodoro. Para que ele acontecesse, o MJK firmou acordo com a Secretaria de Educação, antiga Fundação de Educação, no qual professores de História com contrato pelo órgão público, trabalhariam no MJK como mediadores. Com o tempo os próprios recepcionistas começaram a realizar este acompanhamento.

O Projeto Museu Escola do MJK recebe grupos também do Projeto Turismo Cidadão realizado pela Secretaria de Turismo, porém o Memorial tem o papel apenas de estar aberto a esses grupos. Além das visitas do Museu Escola, o MJK recebe grupos turísticos de várias partes do mundo, que vêm acompanhados de seus próprios guias de turismo contratados por empresa de turismo ou diretamente pelos turistas. Estes mesmos guias realizam a mediação dentro do MJK.

O MJK também aluga seu auditório para eventos diversos, já tendo sido utilizado para a apresentação de peças teatrais e atividades musicais, além de ser espaço para a realização de exposições temporárias.

As atividades de 2001 a 2014 com base no Plano de Atividades fornecido pelo MJK, foram detalhadas a seguir para melhor entendimento:

Quadro descritivo 1 – Atividades do Memorial JK

NOME	PARCERIA / PATROCÍNIO	PÚBLICO-ALVO	DATA
Definição e desenvolvimento de publicações para consulta e distribuição gratuita.	Curso de Biblioteconomia UnB	Pesquisadores	2001
Revista JK 100 anos (história em quadrinhos)	MinC (Fundo de apoio à Culutra)	Público infantil/escolar	2002

Book Institucional	MinC (Fundo de apoio à Culutra)	Público geral externo	2002
Documentação e Restauração do Acervo (recuperação de documentários sobre Brasília e JK)	Arquivo Nacional	Público interno	2001 – 2002
Inventário Sumário do Fundo JK	Petrobrás	Público interno	2003
Exposição Temporária "Palavra de Homem" como resultado do trabalho do Arquivo Nacional	Arquivo Nacional	Público geral externo	2004
Pesquisa documental para produção da minissérie "JK" da Rede Globo	-	Rede Globo	2005
Espaço Cultural Presidente JK no navio Plataforma P-34 do Espírito Santo	Petrobrás	Petrobrás	2005
Recepção de jovens a partir de treinamento de 20h para condutor de visita	Secretaria de Estado da Juventude do GDF	Público infantil/escolar	2006
Inauguração da Exposição "Um certo navio brasileiro"	Petrobrás	Público geral externo	2008
Show de Bossa Nova	Ministério do Turismo	Público geral externo	2008
Projeto Museu-Escola	Escolas do GDF	Público infantil/escolar	2011
Exposição "JK e as Personalidades do séc. XX	Correios	Público geral externo	2011
Curso de inglês gratuito - Treinamento para recepção de turistas internacionais	-	Público interno	2012
Digitalização em banco de dados e catalogação do acervo (AACR2 E CDD)	MinC (Lei Rouanet)	Público interno	2013
Exposição temporária "JK e o Brasil Campeão"	Petrobrás + Oi + FIAT + CEMIG + GDF + COLLECTA +Biblioteca Nacional + Arquivo Nacional	Público geral externo	2013
Exposição "JK 11 anos - o Realizador: Brasília, a Nova Capital"	Arquivo Nacional + Secretaria de Cultura	Público geral externo	2013
Retorno da Exposição temporária "JK e o Brasil Campeão"	Petrobrás + Oi + FIAT + CEMIG + GDF + COLLECTA +Biblioteca Nacional + Arquivo Nacional	Público geral externo	2014

Fonte: Plano de Atividades de 2014 do Memorial JK

A coluna de público-alvo foi destinada para os públicos que recebem impactos diretos das atividades, sendo que o público interno refere-se aos funcionários do

local, mesmo que as atividades para as quais são orientados, são realizadas em benefício do público externo em geral.

Este quadro suscita que o MJK parece investir na disponibilização de seu espaço para a realização de exposições temporárias e para a realização de eventos culturais voltados a seu público externo em geral, sendo seus maiores parceiros são órgãos governamentais. Também suscita a falta de registro de atividades em anos anteriores a 2001.

5 METODOLOGIA

Como o trabalho pretende analisar as relações estabelecidas pelos públicos no MJK, identificando e caracterizando esses públicos, foi necessário realizar o levantamento de todos os grupos agendados de janeiro de 2014 a abril de 2015, para saber quem faz parte desse público em uma posterior análise por abordagem quantitativa.

Além disso, para entender o que esses públicos priorizam, interpretam e como se utilizam deste espaço, mais dados foram coletados por meio de conversas informais com 8 informantes-chave e observações de 4 visitas guiadas, possibilitando identificar as diferentes falas e formas de relação com o espaço “[...] the most meaningful data-gathering methods are often observational – both direct observation and learning from the observations of others”⁸ (STAKE, 2005, p. 4). Para esses últimos dados foi utilizada uma posterior análise qualitativa de conteúdo. Qualitativa porque:

[...] trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização” (MINAYO, 2005 apud BRISOLA, MARCONDES, 2014).

Tendo em vista que foram utilizadas tanto a abordagem quantitativa quanto a qualitativa, a pesquisa se caracteriza como uma abordagem mista e ainda se configura por uma Triangulação de Métodos, apresentada por Minayo (2010) como uma estratégia que agrega múltiplos pontos de vista das diferentes visões de mundo dos informantes da pesquisa, necessitando de várias estratégias de pesquisa para compreender a dimensão mista da abordagem. A Triangulação de Métodos se utiliza do “contexto, da história, das relações, das representações [...], visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação” (MINAYO apud BRISOLA; MARCONDES, 2014) para a pesquisa.

⁸ [...] os métodos de coleta de dados mais significativos são frequentemente observacionais – tanto observação direta ou aprendizado das observações de outros. (Tradução livre)

Por fim este trabalho se configura como uma pesquisa exploratória, prioritariamente descritiva e que utiliza o método indutivo, por haver uma falta de dados e modelos explicativos anteriores que pudessem ser aplicados à realidade em questão e pelas categorias não serem retirados de teorias já existentes, mas dos próprios dados coletados, como é explicado por Patton, “Inductive analysis involves discovering patterns, themes, and categories in one’s data. Findings emerge out of the data, through the analyst’s interactions with the data.”⁹ (2003, p. 110)

Um quadro descritivo foi feito para tentar responder às perguntas, que deram origem aos objetivos específicos, que tiveram seus próprios métodos e necessitaram de respectivas fontes e construção de instrumentos de pesquisa.

Quadro descritivo 2 – Perguntas, Objetivos Específicos, Métodos, Fontes e Instrumentos

Perguntas	Objetivos Específicos	Método	Fontes e Instrumentos
Quais foram os motivos para a criação do MJK?	1. Contextualizar o MJK histórica e politicamente desde seu projeto de criação até a sua atual utilização	Análise Documental; Conversas Informais; Observação da Expografia; e Levantamento de atividades feitas pelo MJK de 2001 a 2014	Catálogo, Material Publicitário, Relatório de Atividades, Notícias de Jornais e Roteiro com respostas de Informantes-chave
Quais são os públicos do MJK?	2. Caracterizar as modalidades de acesso e de visitação ao MJK	Realização de conversas informais; Análise Documental	Roteiro com respostas de Informantes-chave; Livros de Visitas*
Como é realizada a mediação neste espaço?	3. Identificar as modalidades da mediação das visitas de grupos	Realização de conversas informais; Observação de visitas guiadas	Roteiro com respostas de Informantes-chave; Quadro descritivo e mapa de percurso das visitas
Quais são os públicos do MJK?	4. Identificar o perfil dos grupos de visitantes agendados	Levantamento de grupos agendados de 2014 a 2015 na SEC; Realização de conversas Informais	Quadro descritivo para pedidos de Isenção de Ingresso; Roteiro com respostas de Informantes-chave
Quais são os sentidos que os públicos fazem do MJK?	5. Conhecer qual o significado e a importância do MJK para fundadores, funcionários, guias turísticos e grupos de visitantes	Realização de conversas informais; Observação de visitas guiadas	Roteiro com respostas de Informantes-chave; Quadro descritivo e mapa de percurso para Visitas Guiadas

Fonte: Dados da Pesquisa

Afim de melhor explicar os processos do trabalho, cada etapa foi descrita de forma detalhada a seguir.

⁹ Análise indutiva envolve a descoberta de padrões, temas e categorias nas informações. Descobertas emergem dos dados, através da interação do pesquisador com os dados. (Tradução livre)

5.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para amadurecer o problema de pesquisa, inicialmente o tema foi pesquisado em acervo pessoal de textos adquiridos ao longo do curso de graduação. Através de Treinamento aplicado pela CAPES em 2014 foi possível encontrar artigos nas bases de dados Directory of Open Access Journal (DOAJ), Journal Storage (JSTOR) e na Scientific Electronic Library Online (SCIELO). A pesquisa bibliográfica também ocorreu diretamente na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT), na Revista Musas do IBRAM, nos Cadernos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona, na Persee, na Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional (MHN) e na Revista História, Ciências, Saúde de Manguinhos. O acesso a livros na Biblioteca Central do Estudante na UnB, o website e folderes de divulgação do MJK, bem como os livros e publicações que se encontram no acervo da Sala de Pesquisa do Memorial JK também foram utilizados para o levantamento.

As palavras-chave utilizadas para a pesquisa foram: “Memorial”, “Monumento”, “Centro de Cultura”, “Patrimônio”, “Museu”, “Mediação”, “Comunicação em museus”, “Exposição” e “Estudo de Público”.

Esta foi a primeira etapa da pesquisa, porém não foi realizada apenas no início, sendo retomada até a sua finalização.

5.2 LEVANTAMENTO DOCUMENTAL

Para que houvesse uma noção total desta Instituição, foram coletados na Subsecretaria de Administração Geral (SUAG) da Secretaria de Estado de Cultura (SEC) os Pedidos de Isenção de Ingresso para grupos agendados de Janeiro de 2014 a Abril de 2015, e alguns documentos como o Termo de Convênio nº 01/2014 da SEC que celebra a transferência de verba para o Memorial JK, bem como a Declaração de Contrapartida do MJK; o Projeto Básico de 2014 e 2015, que serve como planejamento de atividades para o ano; o Estatuto da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek antigo e atual; e o Relatório de Atividades realizadas no MJK em 2015.

Os Pedidos de Inscrição de Ingresso foram considerados como documentos referentes aos grupos agendados. Também foram coletadas Plantas Baixas do Memorial JK na Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação (SEGHET).

Não houve documento oficial sobre estudo de público entregue pelo Memorial JK por entenderem que estes dados são particulares enquanto estão dentro da própria Instituição.

5.3 PESQUISA DE CAMPO E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

A Pesquisa de Campo constituiu-se em visitas¹⁰ ao Memorial JK e visitas à Secretaria de Estado de Cultura e à Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação (SEGETH). Todos esses momentos foram registrados em Diário de Campo, com impressões e *insights* sobre o trabalho.

Com base em algumas observações sobre o Memorial JK feitas no Diário de Campo, foram elaboradas perguntas-chave para as conversas informais. Essas perguntas foram abertas para possibilitar a maior captação possível de detalhes na fala das pessoas.

Esse formato pede também uma formulação flexível das questões, cuja seqüência e minuciosidade ficarão por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que flui naturalmente no momento em que entrevistador e entrevistado se defrontam e partilham uma conversa permeada de perguntas abertas, destinadas a "evocar ou suscitar" uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados, surgindo então a oportunidade de investigar crenças, sentimentos, valores, razões e motivos que se fazem acompanhar de fatos e comportamentos, numa captação, na íntegra, da fala dos sujeitos. (ALVES; SILVA, 1992, p. 64)

Entre as perguntas, as principais que apareceram em todas as conversas eram aquelas que indagavam sobre o perfil do/a informante, sobre o que é o Memorial JK para ele/a e o que as pessoas costumam falar sobre a visita. As

¹⁰ Foi entregue uma Carta de Apresentação assinada pela orientadora deste trabalho, solicitando o acesso às informações pertinentes para a realização da pesquisa

conversas realizadas foram gravadas com o consentimento dos informantes por meio de Termo de Consentimento livre e esclarecido.

Após as gravações, as conversas foram transcritas logo em seguida e foram identificados temas principais que reuniam as falas semelhantes. As ferramentas utilizadas foram: computador, aplicativo de gravação de voz para celular e câmera fotográfica na função de vídeo para garantir que tudo fosse gravado.

Em relação às visitas guiadas que foram observadas, também foi realizado o exercício de criar um quadro descritivo, como o elaborado para a descrição das atividades do MJK, visando auxiliar no processo de observação. Nele, foram preenchidos os campos referentes: à hora de início e à hora de finalização da visita, ao número de pessoas no grupo, ao perfil do grupo, aonde a visita começa, ao tempo utilizado em cada espaço, aonde finaliza, às perguntas, respostas e frases principais, aos personagens evocados, aos objetos destacados, ao tipo de fala do mediador e outros. Este quadro foi acompanhado de um mapa do Memorial JK, onde foi desenhado o percurso feito pelos grupos com os pontos de parada. Como recursos, foram utilizadas a função cronômetro de celular, prancheta e caneta.

Para a coleta de informações sobre os Pedidos de Inscrição de Ingresso para grupos agendados, também foi elaborado um quadro descritivo com o nome do grupo, sua origem, seu perfil, a faixa etária, a quantidade de pessoas e o dia da visita.

5.4 RECORTES METODOLÓGICOS E IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS

As informações de fonte direta coletadas durante as conversas informais foram de uma pessoa que representa a área cultural do Memorial JK, de pessoa que recepcione grupos escolares, de um dos fundadores e ex-funcionário do Memorial JK, de sua ex-secretária durante seu trabalho por lá, e de quatro guias de turismo que fazem o papel da mediação. Conforme os informantes iam respondendo às perguntas, foi possível eliminar perguntas próximas que eles já tivessem respondido, para evitar a repetição. Durante as conversas as perguntas-chave foram seguidas para todos os informantes, porém algumas foram reformuladas e adaptadas. Outras perguntas também foram acrescentadas durante a conversa para captar o melhor da

experiência, como por exemplo “O que é o Memorial JK para você?”, visando revelar, caso haja, a relação inclusive afetiva do informante com o local, e “O que é o Memorial JK?” que poderia revelar como a pessoa denomina este espaço: como Museu, Monumento, Casa de Cultura, e outros.

A relação dos grupos de turismo foi coletada de forma indireta, através do relato de guias e de observação das visitas guiadas. A relação dos grupos de escola e outros que recebem isenção de ingresso também foi coletada de forma indireta, através de relato dos funcionários e ex-funcionários do Memorial. Finalmente foram analisados e organizados em uma tabela as informações reunidas sobre os pedidos de isenção de grupos.

A proposta deste trabalho também era de analisar o público espontâneo do Memorial JK. Em uma das visitas ao Memorial tive acesso a dois livros de visita. O primeiro foi feito para a visita do Memorial JK por inteiro, entendendo-o como um local de exposição de longa duração. Esse era de 9 de Janeiro de 2001 a 2 de Novembro de 2005, com 6.766 assinaturas e os campos “Nome – Data – Procedência” para preenchimento. Após 2005 não houve mais nenhum Livro de Visitas voltado especificamente para o público do Memorial JK como um todo.

O outro livro de visitas acessado foi de 2014, feito para a exposição temporária “JK e o Brasil campeão” de 23 de julho de 2014 a 12 de março de 2014, com aproximadamente 12.666 assinaturas. Os campos para preenchimento eram “Nome – Cidade - Telefone”, sendo que o último foi muitas vezes preenchido com a data da visita. Apesar desta exposição ter sido realizada por pessoal de fora do MJK, a iniciativa de criação do livro de visitas foi do próprio Memorial JK.

No entanto, o acesso a estes livros foi interrompido sem aviso prévio no meio da pesquisa pela equipe do MJK, porque estes livros foram considerados como objetos frágeis pertencentes ao acervo, e por isso não seria possível retirá-los novamente.

Ainda na busca de informações sobre público espontâneo, os registros das entradas foram requisitados, tanto no Memorial JK quanto na Secretaria de Cultura. No primeiro, a informação foi negada por acreditarem que isto se referia à segurança do local, portanto, a uma informação sigilosa. No segundo local de pesquisa não existe informação sobre isso, pois os processos que a Secretaria possui

relacionados ao Memorial JK são relativos a despesas decorrentes apenas do recurso repassado por ela, ou seja, os processos só possuem informações de despesas com manutenção do espaço, compra de materiais e pagamento de funcionários referentes ao convênio nº 01/2014 celebrado pelas partes. Os recursos financeiros provenientes de doações, da loja de souvenir, da cafeteria e, justamente, da bilheteria não são da alçada da Secretaria, pois não têm relação com a verba repassada por ela.

De qualquer forma, coletar informações sobre a bilheteria, ainda que possibilitasse a identificação da quantidade de público e faixa-etária, por existir meia entrada e inteira, traria alguns erros de análise do público espontâneo, pois todo último domingo do mês a entrada é gratuita.

Outra questão que impossibilitou a pesquisa do público espontâneo do Memorial JK foi o falta de prática da Instituição em realizar pesquisas de público, pois como será apresentado nas conversas informais adiante, o MJK entende que as pesquisas são uma ferramenta apenas para atração de novos públicos, não sendo seu objetivo atual.

5.5 CONVERSAS INFORMAIS

O agendamento das conversas informais ocorreu por contato telefônico. Os números telefônicos foram dados pela responsável pelo Departamento Cultural do Memorial JK. Elas tiveram início no dia 19 de maio de 2015 e terminaram no dia 30 de maio de 2015, e dependeram da disponibilidade de local, data e hora do informante.

As conversas seguiram o modelo de perguntas abertas planejadas para cada informante e foram registradas em diferentes meios. Um termo de consentimento livre e esclarecido antes do início da conversa foi preenchido e assinado pelos informantes.

5.6 OBSERVAÇÃO DE VISITAS GUIADAS

Foram realizadas observações de visitas guiadas para verificar na prática as relações que acontecem no momento da mediação, “Qualitative understanding of cases requires experiencing the activity of the case as it occurs in its contexts and in its particular situation.”¹¹ (STAKE, 2005, p.2)

As observações de visitas guiadas inicialmente, e em sua maioria, foram agendadas previamente por contato telefônico. Porém os guias de turismo não podiam ter certeza da hora em que estariam no Memorial JK. A definição da ordem dos pontos a serem visitados durante a visita turística depende dos grupos, logo não se sabe com antecedência se o MJK será o primeiro ou último da rota. Muitas vezes essa escolha depende do local onde o grupo está hospedado. Também acontece da visita ao Memorial atrasar ou ser anulada sem previsão. É o caso, por exemplo, do grupo parar na frente do Memorial JK e decidir não entrar.

Em relação à visita de grupos do Projeto Museu-Escola, o Memorial JK não sabia com exatidão quando viria o próximo grupo. Por isso, o acompanhamento de visitas foi realizado a partir da espera dos grupos visitantes em dias de maior movimentação. E assim as observações tiveram início no dia 26 de abril de 2015 e terminaram no dia 5 de junho de 2015.

5.7 COLETA DE PEDIDOS DE GRUPOS

O Memorial JK não guarda os pedidos de grupos visitantes em seus arquivos. Todos eles são feitos através de envio de e-mail para o Departamento Cultural, e no fim do mês são colocados em um processo para serem mandados para a Secretaria de Estado de Cultura, por isso informações sobre quem o Projeto Museu Escola do Memorial realmente atende foram coletadas na Secretaria de Cultura, bem como pedidos de inscrição de outros grupos como de embaixadas, de idosos e outros.

A coleta dos dados foi feita na Subsecretaria de Administração Geral (SUAG) da Secretaria de Estado de Cultura (SEC), sendo que foram disponibilizados

¹¹ O entendimento qualitativo dos casos requer experienciar a realidade do caso da forma que ocorre em seus contextos e em sua situação particular. (Tradução livre)

livremente ao apresentar a carta da orientadora. Esta coleta teve início em 27 de maio de 2015 e terminou em 2 de junho de 2015.

5.8 TABULAÇÃO DOS RESULTADOS

Para auxiliar na análise quantitativa dos pedidos de grupos encontrados na SEC, foi utilizado o programa Excel através de listagem de campos preenchidos, confecção de tabelas e gráficos para cada campo. As categorias foram: Quantidade de grupos por mês; Perfil dos grupos; Local de origem dos grupos; e Idade.

Para auxiliar na análise qualitativa das conversas informais, e das observações de visitas guiadas, o programa utilizado também foi o Excel.

Ao observar semelhança de assuntos nas falas das conversas informais e das visitas guiadas, foi possível delimitar 7 temas:

- a) importância do Memorial JK para o Turismo e para os brasilienses;
- b) história de vida de JK;
- c) relação do informante com o MJK;
- d) percepção dos guias sobre o que o público espera da visita;
- e) percepção dos profissionais do MJK sobre o público e a visita;
- f) relação dos grupos com o MJK;
- g) o percurso:
 - ordem e duração;
 - objetos destacados;
 - personagens evocados;
 - tipo de fala e interpretação dada.

As conversas foram analisadas através de aproximação destes temas, como será feito no capítulo a seguir. Toda a análise foi feita com base no levantamento do perfil dos relatores e no perfil dos grupos.

6 RESULTADOS E ANÁLISES

Neste capítulo os dados coletados pelos pedidos de grupos visitantes, pelas conversas informais e pelas observações de visitas guiadas são apresentados por meio de tabelas e gráficos e posteriormente analisados.

6.1 PEDIDOS DE ISENÇÃO DE INGRESSO

Esta parte da pesquisa procurou responder a uma parcela da primeira pergunta levantada no começo do trabalho “Quem são os visitantes do MJK?” Para a pesquisa, os pedidos de isenção de ingresso encontrados na SEC foram considerados como pedidos de agendamento para visitas guiadas, por serem a única informação escrita conste sobre grupos de visita guiada.

Estes grupos são atendidos pelas recepcionistas do Memorial JK e não têm nenhuma relação com os grupos de turistas que vêm acompanhados de seus próprios guias de turismo.

Dentre os 215 grupos identificados no período de Janeiro de 2014 a Abril de 2015, 94 foram ao MJK através do Projeto Turismo Cidadão proposto em Abril de 2014 pela Secretaria de Turismo do DF (SETUR/DF), representando uma alta frequência de 43,72%. Este projeto visa promover o turismo cívico pedagógico.

O "Turismo Cidadão" é focado no Turismo Cívico e possibilitará o resgate da memória política do país, incentivará o patriotismo, além de despertar o orgulho pela cidade que é capital de todos os brasileiros e patrimônio de toda a humanidade. Tudo isso por meio de um passeio guiado estruturado de forma didática e lúdica, para conhecer os monumentos e a história de Brasília. (PINHEIRO, 2014)

Este projeto da SETUR/DF leva grupos que estiverem interessados em fazer o cadastro no Programa para visitar os espaços turísticos relacionados à memória cívica em Brasília.

Voltando ao total de grupos, para melhor entender a frequência deste público agendado, campos foram criados para ser decifrado: Quantidade de grupos por mês; Perfil dos grupos visitantes; Origem dos grupos; e Faixa etária dos grupos.

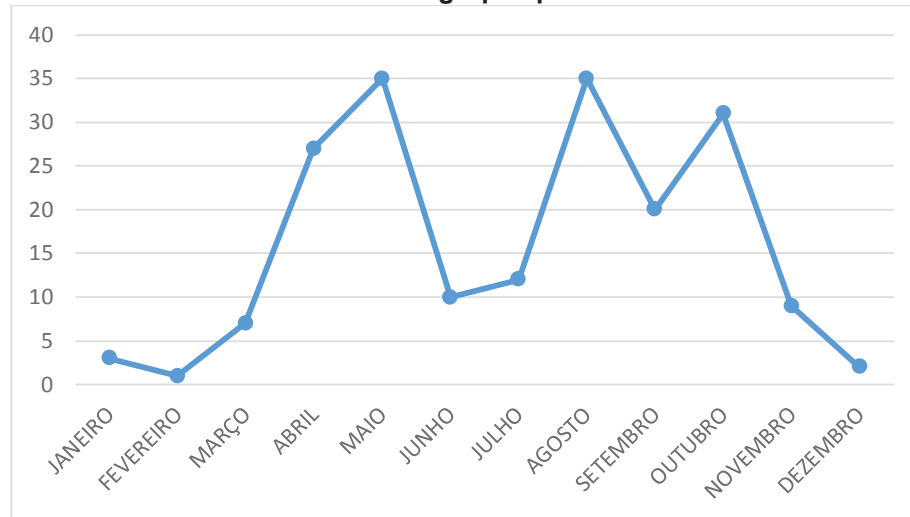
Algumas informações necessárias para o preenchimento desses campos não constavam nos pedidos, principalmente dos mediados pelo Programa Turismo Cidadão, por isso existe uma grande quantidade de pedidos referentes a “Não Resposta” nas análises a seguir.

6.1.1 Quantidade de grupos por mês

De acordo com a Tabela 1 e Gráfico 1 abaixo, dos 192 grupos visitantes de 2014, os meses de Maio e de Agosto foram os que mais receberam grupos agendados. Estes números indicam que existe uma preferência para visitas no meio dos semestres, ao contrário da época de férias, isso pode dizer que a maioria das visitas seja requisitada por escolas, o que é confirmado na posterior análise do perfil dos grupos agendados.

Meses de 2014	Valor absoluto
JANEIRO	3
FEVEREIRO	1
MARÇO	7
ABRIL	27
MAIO	35
JUNHO	10
JULHO	12
AGOSTO	35
SETEMBRO	20
OUTUBRO	31
NOVEMBRO	9
DEZEMBRO	2
TOTAL	192

Tabela 1 – Quantidade de grupos por mês no ano de 2014
Fonte: Dados da pesquisa

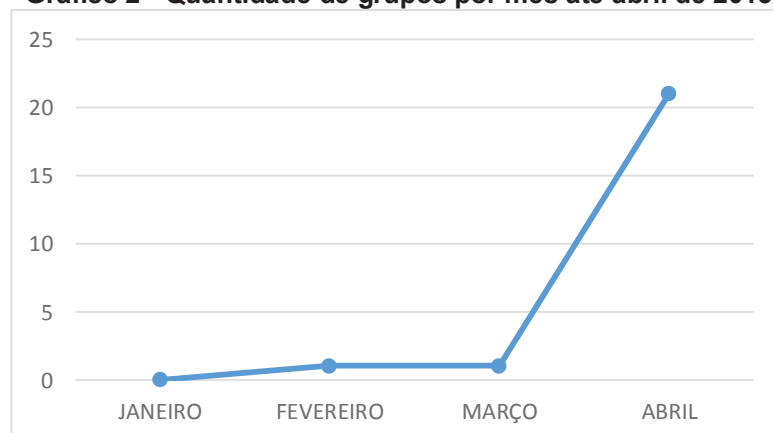
Gráfico 1 – Quantidade de grupos por mês no ano de 2014

Fonte: Dados da pesquisa

No ano de 2015, os pedidos existentes na SEC até o dia 2 de junho eram referentes apenas aos meses de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril e são apresentados na Tabela a seguir.

Mês - 2015	Valor Absoluto
JANEIRO	0
FEVEREIRO	1
MARÇO	1
ABRIL	21
TOTAL	23

Tabela 2 - Quantidade de grupos por mês até abril de 2015
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 2 - Quantidade de grupos por mês até abril de 2015

Fonte: Dados da pesquisa

Entre os meses de janeiro a abril do ano de 2014 para o de 2015, percebe-se uma diminuição da quantidade de visitas no começo do ano, mas ainda é possível notar um aumento das visitas em abril.

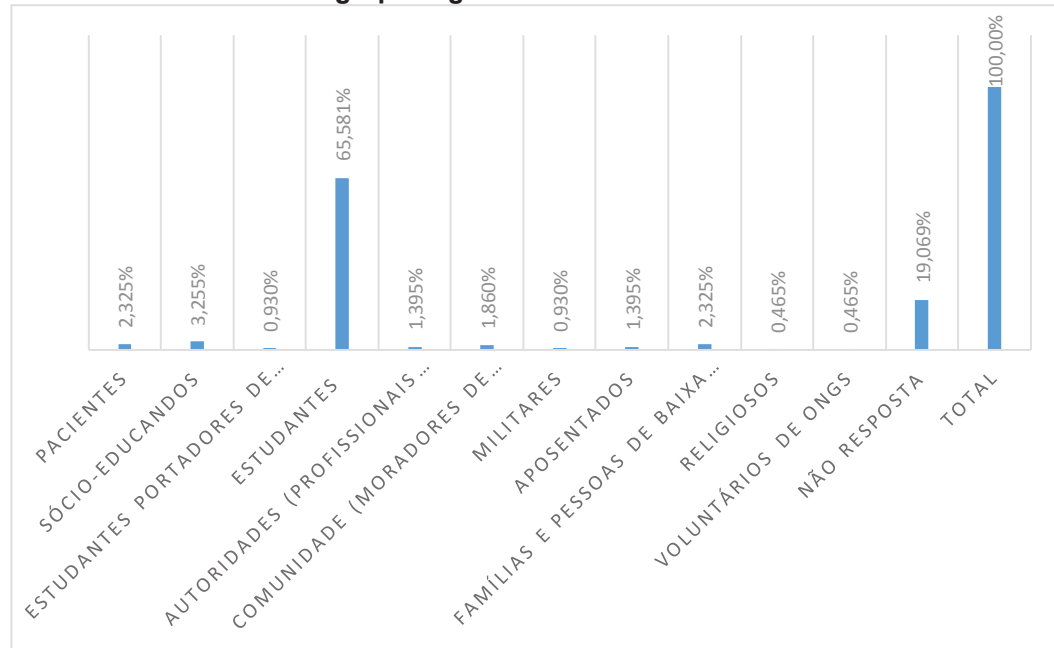
O menor número de visitas no início do ano de 2015 pode decorrer do atraso de 3 semanas para o início do ano letivo das escolas públicas do DF.

6.1.2 Perfil dos grupos

Neste campo foi analisado o perfil dos grupos. Os grupos de embaixada, governantes e políticos foram incluídos em Autoridades; Os grupos que se denominavam “Moradores da cidade” foram agrupados no macro grupo Comunidade. Considerando a tabela e o gráfico abaixo constata-se que o número de grupos escolares que fazem pedidos de visita é o mais expressivo no total de 215 observados de janeiro de 2014 a abril de 2015 (65,5%).

Perfis	Valor absoluto	Porcentagem
Pacientes	5	2,325%
Sócio-Educandos	7	3,255%
Estudantes portadores de necessidades especiais	2	0,930%
Estudantes	141	65,581%
Autoridades (Profissionais de REL, Governantes, Políticos...)	3	1,395%
Comunidade (Moradores de cidades)	4	1,860%
Militares	2	0,930%
Aposentados	3	1,395%
Famílias e pessoas de baixa renda atendidas por programas sociais	5	2,325%
Religiosos	1	0,465%
Voluntários de ONGs	1	0,465%
Não Resposta	41	19,069%
TOTAL	215	100,00%

Tabela 3 – Perfil dos grupos agendados
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 3 – Perfil dos grupos agendados de Janeiro de 2014 a Abril de 2015

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de estudantes representarem o perfil de visita majoritário do MJK, a variedade de grupos é vasta. Equivale a 11 grupos, por exemplo, de religiosos, autoridades, militares, dentre outros. Essa diversidade aponta grupos potenciais a serem mobilizados pelo Memorial JK.

6.1.3 Local de origem dos grupos

Inicialmente foi feita uma listagem de acordo com o local de origem informado nos pedidos. Porém muitos lugares correspondiam a uma mesma região administrativa. Por exemplo, Areal e Arniqueira correspondiam à mesma Região Administrativa de Águas Claras. Por isso tais localidades foram agrupadas em Regiões Administrativas do Distrito Federal, delimitadas pela lista de Administrações Regionais do Governo do Distrito Federal. Mesmo assim a primeira tabela foi mantida para promover o entendimento de como os grupos se identificavam e como se sentiam pertencentes à sua região de origem.

Origem	Quantidade de grupos
Águas Lindas - GO	1
Anápolis - GO	1

Areal	3
Arniqueira	1
Asa Norte	5
Asa Sul	7
Brazlândia	7
Ceilândia	31
Cruzeiro	2
Embaixada da Colômbia	2
Embaixada dos Estados Unidos da América	1
Estrutural	2
Formosa - GO	1
Gama	5
Guará	7
Jardim Botânico	1
Juiz de Fora - MG	1
Lago Sul	1
Lajes - SC	1
Luziânia - GO	2
Núcleo Bandeirante	2
Núcleo Rural Boqueirão	1
Paranoá	2
Park Way	1
Planaltina	11
Planaltina - GO	3
Primavera do Leste - MT	2
Recanto das Emas	8
Riacho Fundo	2
Riacho Fundo II	2
Samambaia	10
São Paulo, Pará, Maranhão, Amazonas e Rondônia	1
São Sebastião	4
Setor Militar Urbano	1
Sobradinho	12
Sobradinho II	1
Taguatinga	16
Vila Planalto	1
Não Resposta	53
TOTAL	215

Tabela 4 – Origem dos grupos agendados por autodenominação
Fonte: Dados da pesquisa

Assim os locais que se identificaram como Asa Sul, Asa Norte, Setor Militar Urbano e o Setor de Embaixadas Norte e Sul foram agrupados na Região Administrativa (RA) I Plano Piloto; O Núcleo Rural Boqueirão foi agrupado na RA VII

Paranoá; Areal e Arniqueira foram agrupados na RA XX de Águas Claras; A Estrutural na RA XXV do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA), obedecendo as denominações do GDF.

As localidades de fora do DF foram agrupadas por estados. Por exemplo, Luziânia, Anápolis, Águas Lindas e Planaltina de Goiás foram agrupadas em Goiás, Juiz de Fora em Minas Gerais, o Município e Primavera do Leste em Mato Grosso e a cidade de Lajes em Santa Catarina. Houve apenas um grupo de uma ONG que vinha com pessoas tanto de São Paulo, como do Maranhão, do Amazonas, do Pará e de Rondônia.

Região	Quantidade de grupos	Porcentagem
RA I Plano Piloto	17	7,907%
RA II Gama	5	2,325%
RA III Taguatinga	16	7,441%
RA IV Brazlândia	7	3,255%
RA V Sobradinho	12	5,581%
RA VI Planaltina	11	5,116%
RA VII Paranoá	3	1,395%
RA VIII Núcleo Bandeirante	4	1,860%
RA IX Ceilândia	31	14,418%
RA X Guará	7	3,255%
RA XI Cruzeiro	2	0,930%
RA XII Samambaia	10	4,651%
RA XIII Santa Maria	0	0,000%
RA XIV São Sebastião	4	1,860%
RA XV Recanto das Emas	8	3,720%
RA XVI Lago Sul	1	0,465%
RA XVII Riacho Fundo	2	0,930%
RA XVIII Lago Norte	0	0,000%
RA XIX Candangolândia	0	0,000%
RA XX Águas Claras	4	1,860%
RA XXI Riacho Fundo II	2	0,930%
RA XXII Sudoeste/Octogonal	0	0,000%
RA XXIII Varjão	0	0,000%
RA XXIV Park Way	1	0,465%
RA XXV SCIA	2	0,930%
RA XXVI Sobradinho II	1	0,465%
RA XXVII Jardim Botânico	1	0,465%
RA XXVIII Itapoã	0	0,000%
RA XXIX SIA	0	0,000%
RA XXX Vicente Pires	0	0,000%
RA XXXI Fercal	0	0,000%
Goiás	8	3,720%

Minas Gerais	1	0,465%
Santa Catarina	1	0,465%
São Paulo, Pará, Maranhão, Amazonas e Rondônia	1	0,465%
Outros	53	24,651%
TOTAL	215	100,0%

Tabela 5 – Regiões Administrativas dos grupos agendados
Fonte: Dados da pesquisa

É possível observar que a cidade de Ceilândia é o local mais ativo em grupos agendados no Memorial JK. Há pouca participação do Plano Piloto, configurando a visita como independente da proximidade geográfica com o MJK. Também foi observado que dentre os pedidos de isenção existem poucos de grupos de fora de Brasília, ou seja, o poder de atração do MJK é local, mas para afirmar com exatidão seria necessário analisar dados quantitativos dos grupos turísticos que vêm com seus próprios guias e não pedem isenção de ingresso.

6.1.4 Idade

Assim como no caso anterior, primeiramente foi feita uma listagem das diferentes idades de acordo com as informações registradas nos pedidos de isenção. Alguns pedidos vinham sem informar a idade exata dos participantes, apenas dizendo “grupo de crianças”, “grupo de idosos” e assim por diante, fora os pedidos sem qualquer informação sobre a idade dos participantes. Havia pedidos de grupos que reuniam pessoas de várias idades ao mesmo tempo, por exemplo, alguns agregavam crianças e adolescentes, outros adolescentes e adultos e ainda famílias com todas as faixas etárias incluídas. A tabela abaixo apresenta a distribuição da faixa etária dos grupos solicitantes de isenção de ingresso de acordo com a descrição dos pedidos.

Faixa Etária dos grupos visitantes	Quantidade
Crianças (2 a 11 anos)	60
Adolescentes (12 a 17 anos)	9
Crianças e Adolescentes (7 a 15; 10 a 12; 9 a 12; ; 10 a 14; 6 a 15; 9 a 13; 11 a 13; 6 a 15)	36
Crianças e Adolescentes (sem informações sobre idade)	2
Crianças e Adultos (7 a 25 anos)	1
Adultos (18 a 59 anos)	1

Adultos e Adolescentes (17 a 18; 16 a 43; 15 a 18)	7
Idosos (sem informações sobre idade)	16
Idosos e Adultos	0
Idosos, Adultos, Adolescentes e Crianças	1
Crianças (sem informações sobre idade)	21
Adolescentes (sem informações sobre idade)	16
Adultos/Jovens Adultos	12
Sem informações	33
TOTAL	215

Tabela 6 – Faixa etária aproximada
Fonte: Dados da pesquisa

De forma resumida, incluindo os grupos sem descrição exata de faixa etária em categorias de idade genéricas, observa-se que a maior parte dos visitantes desses grupos foram crianças e adolescentes conforme a tabela 7, abaixo.

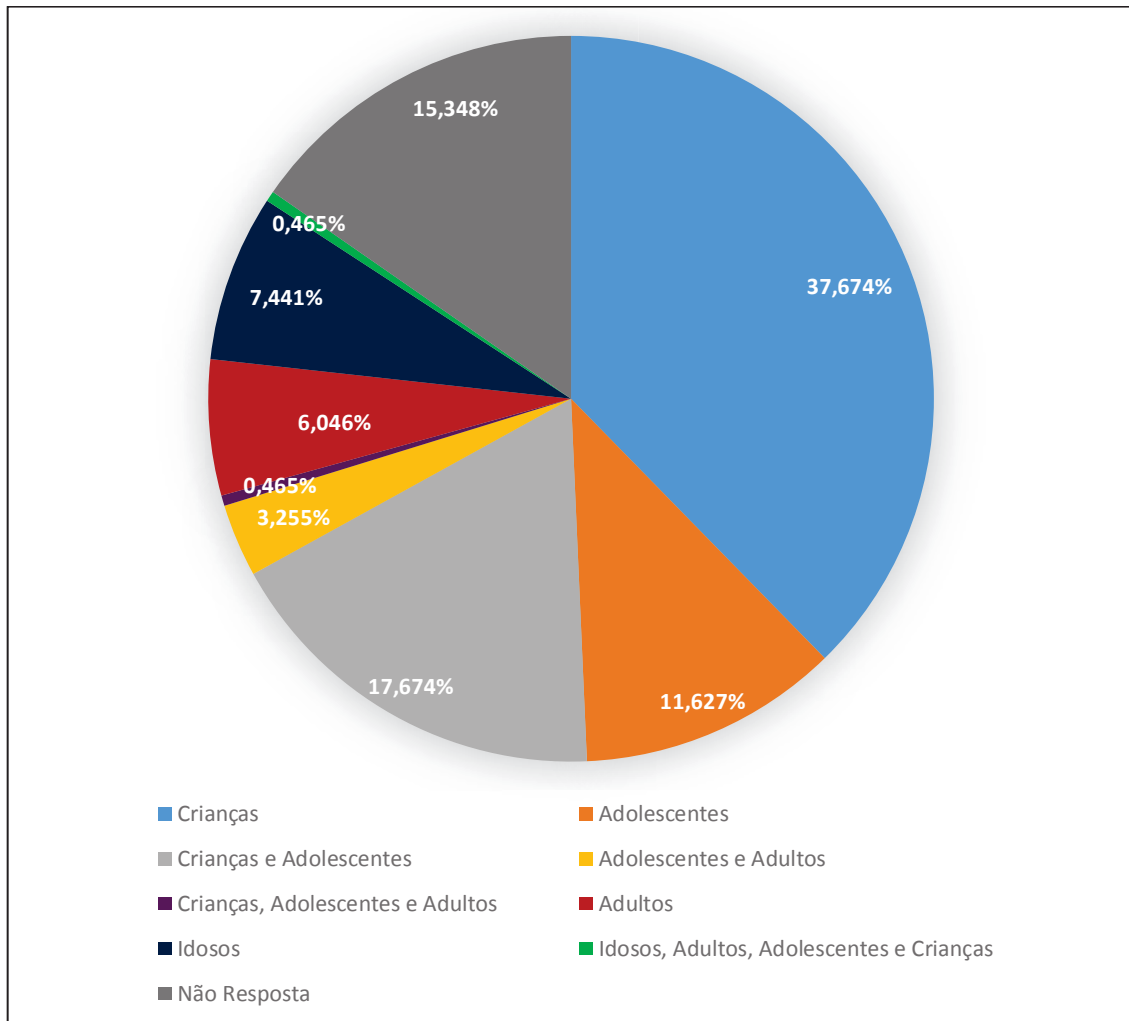
Faixa Etária dos grupos visitantes	Quantidade	Porcentagem
Crianças	81	37,674%
Adolescentes	25	11,627%
Crianças e Adolescentes	38	17,674%
Adolescentes e Adultos	7	3,255%
Crianças, Adolescentes e Adultos	1	0,465%
Adultos	13	6,046%
Idosos	16	7,441%
Idosos, Adultos, Adolescentes e Crianças	1	0,465%
Não Resposta	33	15,348%
TOTAL	215	100,00%

Tabela 7 – Idades genéricas
Fonte: Dados da pesquisa

Na maioria das vezes os pedidos feitos através do Projeto Turismo Cidadão não informavam a origem ou a faixa etária do grupo. Além destes, haviam pedidos explicitando o acompanhamento de uma empresa que auxiliava as escolas a levarem alunos por Brasília, mas que aparecia em menor frequência.

Acrescentando estes pedidos mediados pela empresa aos 43,72% do Turismo Cidadão, podemos inferir que, para muitos grupos a visita ao MJK não era uma escolha, mas parte de um roteiro em Brasília. Os demais grupos fizeram pedidos contatando o MJK de forma direta.

Gráfico 4 – Idade dos grupos agendados



Fonte: Dados da pesquisa

Com esses dados pode-se notar que o público que requisitou isenção de ingresso ao Memorial JK no período de janeiro de 2014 a abril de 2015 foi formado em sua maioria por crianças e adolescentes, por significativa presença de grupos oriundos de Ceilândia, por visitas que ocorreram em maior frequência nos períodos do meio dos semestres letivos, e ainda com uma grande representatividade das escolas, embora caiba enfatizar a diversidade de grupos que solicitaram isenção no período.

6.2 CONVERSAS INFORMAIS E OBSERVAÇÕES DE VISITAS GUIADAS

Os dados referentes às conversas informais e às visitas guiadas buscam elementos para responder às últimas questões levantadas no início da pesquisa,

sobre os sentidos que o público, incluindo fundadores, funcionários e guias, criam do MJK e sobre como é realizada a mediação neste espaço.

A partir das conversas audiogravadas e da observação direta das visitas guiadas dos grupos de turistas e de uma escola, foi feita uma análise de conteúdo observando os principais temas/assuntos presentes nas falas registradas/nas interações verbais observadas durante as visitas. Foram identificados 7 temas: Importância do Memorial JK para o Turismo e para os brasilienses; História de vida de JK; Relação do informante com o MJK; Percepção dos guias sobre o que o público espera da visita; Percepção dos profissionais do MJK sobre o público e a visita; Relação dos grupos com o MJK; e o Percurso.

Estes temas foram analisados juntamente com os dados prévios sobre o perfil dos informantes e dos grupos visitantes. Esta etapa se caracteriza como método indutivo pois as variáveis e categorias não foram retiradas de teorias já existentes, mas emergiram por si mesmas no processo de análise dos relatos, sendo que a credibilidade dos resultados se dão pelo fato de que os critérios foram mencionados por mais de uma vez pelos informantes em mais de um cenário. Para isso, citações retiradas das falas foram utilizadas para descrever, identificar a categoria e ilustrar o contexto em que o critério foi aplicado para análise de conteúdo qualitativo (ZHANG; WILDEMUTH, 2009, p. 2)

6.2.1 Perfil do informante

Para a identificação desta parte do Público, formada por guias de turismo, funcionários do MJK e fundadores, o perfil destes informantes procurou ser traçado para melhor entendimento da forma que lidam com o espaço e com os visitantes. A letra “G” é referente a Guia e a letra “P”, referente a Profissional do MJK.

A tabela a seguir refere-se apenas aos guias de turismo, apresentando o tempo que atuam na profissão e suas idades, distribuídas de acordo com a Pirâmide Etária do CENSO de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Informante	Tempo como guia	Idade IBGE
G1	50 anos	80 a 84 anos
G2	9 anos	55 a 59 anos

G3	5 anos	35 a 39 anos
G4	11 anos	40 a 44 anos

Tabela 8 – Idade e tempo na profissão de guia
Fonte: Dados da Pesquisa e CENSO 2010 do IBGE

Informante	Formação	Tempo que trabalha no MJK
G1	Nível Médio	34 anos
G2	Licenciatura plena em História, Licenciatura Curta em Ciências Sociais e Direito	9 anos
G3	Curso técnico de turismo	5 anos
G4	Curso técnico de turismo	11 anos
P1	Graduação em Administração	14 anos
P2	Graduação em Turismo	2 anos

Tabela 9 – Formação e tempo de trabalho no MJK
Fonte: Dados da Pesquisa

O primeiro participante das conversas informais foi G1, conhecido guia de turismo de Brasília que começou a trabalhar como tal em 1965 e iniciou visitas de grupo no Memorial JK desde a inauguração em 1981.

O informante G2 lecionava história nas escolas de Brasília e guiava seus alunos em diversas localidades antes de se tornar guia. Os informantes G3 e G4 iniciaram visitas guiadas no Memorial JK na mesma época em que se tornaram guias de turismo.

Os informantes P1 e P2 são profissionais que trabalham no MJK, e representam o discurso da Instituição, sendo um responsável pela área Cultural do MJK e outro pela recepção de público espontâneo e mediação de grupos agendados que pedem isenção de ingresso, em sua maioria escolares.

Continuando, as conversas informais também aconteceram de forma a ouvir informantes que acompanharam a fundação do MJK ou que já trabalharam lá anteriormente.

O primeiro deste grupo é o Coronel Affonso Heliodoro, que foi aluno da mãe de Juscelino em Diamantina, e amigo de JK, da infância até sua morte. Heliodoro também foi auxiliar de JK na Prefeitura de Minas Gerais e assessor de JK e Subchefe da Casa Civil da Presidência da República, durante mandato de Juscelino. Heliodoro completou 99 anos no ano de criação desta monografia, e além de ter sido

o primeiro diretor do Memorial JK, foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHGDF).

A outra conversa foi com Agnês de Lima, auxiliar do Coronel Affonso durante seu trabalho no Memorial JK em 1988. Agnês hoje trabalha no IHGDF, também trabalhou como recepcionista no Memorial JK e por 6 anos como ajudante do Professor Manoel Martins, que cuidava do acervo e realizava exposições. Ela é formada em Licenciatura em História.

6.2.2 Perfil dos grupos sem agendamento

O Perfil dos grupos que não fazem pedido de isenção de ingresso nem de agendamento da visita foi identificado a partir das conversas informais com guias e funcionários e das observações das visitas guiadas. Estes dados são apresentados na Tabela a seguir, sendo que G1 a G4 referem-se aos guias, P1 e P2 aos profissionais do MJK e O1 a O4 às observações de visitas guiadas.

Fonte	Grupos acompanhados
G1	Turistas do Sul (Santa Catarina e Porto Alegre) e Nordeste (Recife, Fortaleza...)
G2	Turistas que fazem conexão em Brasília (estudantes de direito, arquitetura, religiosos que vêm a locais vizinhos)
G3	Turistas adultos que vêm a trabalho, estrangeiros ou brasileiros
G4	Turistas (crianças, adolescentes, idosos e alunos de Arquitetura e Direito)
P1	Crianças, Idosos, Estudantes, portadores de necessidades especiais
P2	Alunos de escolas públicas e particulares, turistas (idosos, estudantes de faculdades de outros estados)
O1	Turistas do Sul (25 idosos de Joinville-SC)
O2	Turistas da França (2 idosos)
O3	Alunos de escola pública (55 crianças de Ceilândia)
O4	Turistas de São Paulo e Belo Horizonte (16 pessoas reunidas em famílias de todas as idades)

Tabela 10 – Informantes e respectivos grupos visitantes
Fonte: Dados da Pesquisa

Em 1988 quando Agnês trabalhava como recepcionista no Memorial JK, o público geral era formado por estrangeiros, pessoas de vários estados do Brasil e embaixadores que marcavam visitas. Além disso já haviam grupos turísticos vindo com seus próprios guias, da mesma forma que é feito hoje. “Tinha sábado e domingo que a gente recebia 1500 pessoas... tinha estrangeiro mas tinha muito

brasileiro”. Existia um outro perfil de grupo também, era formado pela professora Iara Kerne que possui estudos que comparam JK com o faraó Aknaton, e o Memorial JK como uma Pirâmide. Então, o público da memória de Agnês também era formado por místicos que iam ao Memorial.

A partir das conversas e das observações de visitas é possível verificar que o público do Memorial JK é formado por estrangeiros, alunos de escolas e turistas brasileiros, que costumam vir em famílias, grupos de idosos, ou jovens universitários dos cursos de Arquitetura e Direito. Também foi verificado nestes relatos que não parece haver uma escolha que parta diretamente do grupo em visitar o Memorial JK, mas que o local seja parte de um percurso turístico em Brasília, sendo que alguns grupos não têm nem mesmo a cidade como destino.

6.2.3 Percepção dos informantes

Para a melhor compreensão, esta parte foi dividida em subtemas:

6.2.3.1 A importância do MJK para o Turismo e para os brasilienses

Na visita planejada por G1, o Memorial JK é o último ponto turístico visitado, pois para o informante, esta visita “(...) é a que mais completa a realização da visita em Brasília.” Mas ao perguntar sobre a relação dos brasilienses com o Memorial, além do turismo, o informante diz que “(...) as famílias não procuram trazer os filhos pra mostrar como foi que nasceu Brasília.” A fala deste participante é a fala de alguém que acompanha na maioria, turistas.

Para G2 conhecer o Memorial JK é necessário porque faz parte da história da cidade.

[...] eu acho que o brasiliense tem que conhecer Brasília melhor que todos. [...] pro brasiliense assim, é muito importante, afinal de contas, se nós estamos aqui em Brasília, é por causa do Juscelino, e é ele o maior motivo pra essa construção. (G2, 2015)

Na visita de G3, o Memorial JK faz parte de um roteiro pré-definido com 8 pontos turísticos, escolhidos pela empresa de turismo que o contata para a visita. “Normalmente eu começo por lá, porque lá introduzimos a história de Brasília, desde o início da história de Brasília, por quem começou, até o início da construção.” Ao tocar na importância do Memorial para os brasilienses, sua fala é relacionada às controvérsias sobre a ocupação política e simbólica deste espaço público:

Acho que os brasilienses não mostram muito interesse no Memorial JK. Alguns dizem não entender porque o Governo liberou um espaço no Eixo Monumental pra construção do Museu, outros criticam o símbolo de Juscelino no pedestal que é um símbolo comunista... poucos entendem o simbolismo do museu. Mas muitos que eu conheço que são de Minas, ou da região sudeste, que não foi muito fã de Juscelino, costumam criticar a existência do Memorial JK naquele ponto. Como agora queriam construir o Museu do João Goulart alí do lado, houve muita crítica. Mas eu como brasiliense, eu acho particularmente interessante ter esse lugar alí, como ponto turístico, como museu, como gerador de emprego e de renda e pra conservação da nossa história. (G3, 2015)

Para G4, o Memorial JK é um dos pontos turísticos de Brasília que mais gosta. Seus grupos turísticos costumam pedir para entrar no Memorial, mesmo com um roteiro definido. Segundo ele, houve um episódio em que seu grupo foi ao Memorial numa segunda-feira, quando estava fechado, e o turista falou “Poxa, vir a Brasília e não visitar o Museu, Memorial JK, é como ir a Roma e não visitar o Papa”. Mas fora o turismo, a relação do MJK com brasilienses é apenas a de valorizar a memória do fundador:

[...] pra Brasília realmente é um local muito importante porque é praticamente o início, que conta a história de uma pessoa que foi responsável por todas essas mudanças. Então Brasília tem a honra de ter esse local que prestigia uma pessoa que realmente foi muito importante pro Brasil. (G4, 2015)

Ao ser perguntado sobre a importância do Memorial JK para a cidade de Brasília, o Coronel Affonso Heliodoro ressaltou a importância de se manter viva a memória de JK como o fundador, como homem político, e em seguida relata:

Eu não diria para os brasilienses eu diria para os brasileiros, porque Juscelino foi um presidente notável, o único que teve um programa de metas executado 100%, democrata 100%... Não quer dizer que os outros não tenham sido democratas, mas programa de governo assim, com metas a serem atingidas foi ele que teve, eu não me lembro de outro. (HELIODORO, 2015)

Para Agnês, a importância do Memorial JK para Brasília é grande porque na época em que era estudante, durante o período militar, não se falava sobre JK, apenas se aprendia que a capital do Brasil era Brasília. Então para ela o Memorial é como uma garantia de que o trabalho de JK seja mantido e disseminado para as crianças e brasilienses darem valor a esse trabalho. “Não só os pioneiros que trabalhavam na época, mas os brasilienses hoje em dia poderem conhecer a história e poder divulgar e preservar. Isso é importante, você se orgulhar de Brasília.

P1 relaciona a função do Memorial JK com a manutenção de “uma memória viva” da história da cidade: “Pra Brasília é fundamental porque mantém viva a história da fundação da cidade.”

Segundo P2, o brasiliense “ama” o Memorial JK, “fica encantado quando vem aqui, ficam até impressionados de ter um monumento na cidade como esse, bem cuidado... não deixa nada a desejar aos museus de outros países. Então é um patrimônio da cidade.”

Através destes relatos, pode-se perceber que o MJK está ligado aos roteiros de visitas turísticas em Brasília, e costuma ter destaque no início, como uma introdução da história da cidade, ou no final, como uma finalização do sonho de JK concretizado. Os guias de turismo relataram que o brasiliense não tem relação com o Memorial por falta de interesse, mas a fala deles é baseada majoritariamente por experiências de visitas guiadas com turistas. Já uma das pessoas que acompanha grupos brasilienses, que pedem isenção de ingresso, considera que o brasiliense tem interesse sim, porém, não necessariamente relacionado à história de Brasília, ou de JK, mas à arquitetura, imponência e cuidado dos funcionários com o Memorial. De toda forma, a interpretação dada pelos mediadores em todos os casos analisados ressalta a história de Brasília, além é claro, de outro fator já intrínseco ao tema aqui apresentado: a história de vida de Juscelino Kubitschek.

6.2.3.2 A história de vida de JK

Para G1, o Memorial JK possui em grande parte de seu conteúdo, a história de Juscelino Kubitschek, sendo que o nome do ex-presidente é sempre lembrado pelos turistas que vêm a Brasília. “Bom, é o seguinte, o Memorial JK é uma obra que

tem muita história sobre Juscelino, por exemplo, Juscelino foi um Presidente que hoje parece até que ele vive, né... no turismo...”

Para G2, a vida de JK é assunto principal no Memorial, “A vida do presidente fundador é muito importante (...) Pra mim é o melhor lugar pra mostrar a história desse homem que mudou a história do Brasil.” Ao ser perguntado(a) sobre a importância do Memorial, o(a) informante diz “Eu sou apaixonada(o) por Juscelino Kubitschek gosto muito das coisas que ele fez, estudo a vida dele e acho que o Memorial é uma peça super importante pra propagar.”

A parte que costuma levar mais tempo no percurso para G3, ou seja, a parte em que o(a) informante dá mais enfoque em sua fala, é o corredor de entrada principal do Memorial, porque de acordo com ele alí é onde se fala da vida de Juscelino, da sua infância à morte, ele chama este espaço de “Túnel do Tempo”.

De acordo com a experiência de G4 os turistas dão muita importância ao Memorial JK por contar a história de Juscelino Kubitschek. Para ele o MJK “retrata de uma forma geral sobre a vida do ex-presidente, uma pessoa que a gente tem grande admiração pelo que ele foi, pelo que ele fez no Brasil... (...) Ah, uma importância assim, sem fim.”

Durante a conversa com o Coronel Affonso Heliodoro sobre o desejo ao se construir o Memorial Juscelino Kubitschek, ele diz “Era exatamente manter viva a memória de Juscelino, porque o Memorial é permanente, não acaba.”

Para Agnês as doações para a construção do Memorial aconteceram devido ao amor que a população tinha pelo trabalho de JK.

Todo mundo que tinha amor pelo trabalho de Juscelino. [...] Nas conversas, era a questão maior da preservação daquela história, daquele momento do progresso do País. Então a questão mesmo de manter viva a história do período, do presidente e do trabalho dele. Era esse o foco principal e eu creio que essa perspectiva tenha sido mantida pelo Memorial. (LEITE, 2015)

Para P1 o Memorial JK serve para disseminar a história de vida do ex-presidente:

Poder difundir a cultura, poder falar pras pessoas desse grande estadista, manter viva uma parte importante da história do nosso país. [...] Todos têm conhecimento da vida, da luta, do sonho do Presidente Juscelino, e é a maneira das pessoas reconhecerem esse trabalho que foi feito na década de 1960 e que continua até hoje. (P1, 2015)

Para finalizar, a opinião de P2 sobre o Memorial foi a seguinte: “É a casa do Fundador.”

Além das conversas informais, durante as visitas guiadas o guia de um dos grupos explicava a vida de JK de seu nascimento até a eleição na Sala de Metas, e completava este raciocínio até sua morte na Câmara Mortuária. Nela, ele reiterava que apesar da Comissão Nacional da Verdade ter dito que a morte do ex-presidente foi um acidente, a Comissão Municipal da Verdade de São Paulo concluiu que houve um homicídio. Pode-se sugerir que o mistério sobre sua morte é utilizado como forma de chamar a atenção do grupo.

O espaço da Câmara Mortuária também é utilizado pelas recepcionistas para contar sobre a vida de JK. Um espaço com um túmulo com discurso de vida, lembrando mais uma vez o uso de uma sepultura.

Com estes relatos é possível entender uma relação completamente estreita entre a criação e o funcionamento do Memorial JK com a questão da preservação e disseminação da memória de JK, mais precisamente de sua Vida, palavra que foi repetida diversas vezes nos relatos.

6.2.3.3 Relação do informante com o MJK

G1 mostrou ter uma relação bastante significativa com o Memorial JK. Ao ser perguntado(a) sobre quando começou a trabalhar com visitas guiadas no MJK, ele(a) disse:

Eu conheci a terra que ia ser o Memorial JK (...) O Memorial JK pra mim é... eu não sei nem como é que eu posso dizer, porque eu amo tanto essa obra aqui... gosto de mostrar, gosto de ver, que não dá nem pra eu chegar lá e dizer... mas vou dar um parecer... Se eu não mostrar o Memorial para os meus turistas minha visita ficou cortada. (G1, 2015)

Completa dizendo que mesmo na segunda-feira que é fechado, traz turistas para tirarem fotos na frente da edificação.

G2 também demonstrou sua relação com o Memorial JK desde a construção. Seus alunos de escola entregavam moedas para o Coronel Heliodoro como doação. “Eu fico triste até porque eles fecham na segunda-feira [...] Gostaria muito que ele ficasse aberto”.

Já G3 não acompanhou a construção e não demonstrou afetividade com o local, como os guias anteriores. Para ele, “O Memorial JK é a maior expressão de cuidado, de contar a história de Brasília, de como foi feito, com a dedicação, o empenho dos trabalhadores”. Então para ele o MJK é um local “interessante” e “organizado”, que compõe uma relação puramente profissional.

G4 já trazia grupos de turistas ao Memorial JK antes mesmo de terminar o curso técnico em turismo, pelo SENAC. Para ele(a) o MJK é um local com “uma importância sem fim” para Brasília. Mas além da relação profissional turística, não relata outra.

Para o Coronel Affonso Heliodoro, um dos fundadores e idealizadores do MJK, a relação afetiva está intrínseca ao seu relato. Por ter sido amigo de infância de JK teve uma convivência muito longa com o ex-presidente “E com a morte dele houve esse projeto do Memorial”. Então a morte foi o motivo principal para a construção do espaço. “De maneira que a razão de eu ter estado lá esse tempo todo foi essa, entendeu? Eu fui aluno da mãe dele e fui auxiliar dele durante anos.”

Agnês também demonstrou uma relação afetiva com o MJK “Foi onde eu conheci muitos pioneiros, a cada um que ia lá, e sentava e conversava, e contava a história do trabalho deles, você se sente orgulhosa, você pensa ‘vale a pena”. Ela conheceu o espaço quando veio passar as férias em Brasília, em 1987, Ela relata como foi essa experiência:

Era eu e meu irmão mais novo. E foi fascinante, sabe assim, quando você sente que se identifica com o local? Era tudo muito belo, grandioso... a elegância das meninas da recepção, das guias... e eu fiquei me imaginando alí. Eu falei ‘olha, bem que eu gostaria de trabalhar nesse local. (LEITE, 2015)

Depois de um ano, Agnês saiu de Pernambuco para morar com sua mãe em Brasília. Sua mãe trabalhava na casa de Aloísio José Ruffino, que fazia parte do Clube dos Pioneiros.

E ele conversou com o Coronel Affonso que já era Secretário-Geral de lá, o Coronel presidente do Clube dos Pioneiros, e o Coronel pediu que eu fosse num sábado conversar com ele lá. E aí foi no dia 10 de setembro de 1988 que eu comecei a trabalhar e na segunda-feira, dia 12 de setembro, bem no aniversário do Presidente Juscelino, da inauguração do Memorial... Daí foi assim, já um dia de muita solenidade, seresta, aquilo pra mim foi muito gratificante. Então o meu início no Memorial foi dessa forma. (Ibid)

Para ela, o MJK “representa o símbolo de um trabalho grandioso, tanto de uma época, do presidente JK, do povo brasileiro, de Brasília, quanto da Democracia”

Ela lembra da democracia pelo fato do terreno para sua construção ter sido doado durante o Regime Militar, mesmo JK tendo sido cassado durante esse mesmo regime.

Agnês também relaciona sua afetividade ao Memorial JK pela admiração que tem pelo trabalho realizado pelo Coronel Heliodoro

O Coronel, ele chegava todo dia, trabalhava até 8h, 9h da noite, sábado e domingo, ele ligava pra um e pra outro pra atender... Teve uma época, por exemplo, pra você ver a dificuldade que era... que o Coronel – isso aqui é uma coisa particular mesmo, pessoalmente que eu vivi – o Coronel, junto com a esposa dele dava o salário deles, não o que eles recebiam pelo Memorial, porque eles não recebiam pelo Memorial... mas dele como militar e o dela como aposentada – [...] eles davam o salário deles pra pagar os funcionários enquanto uma verba era liberada pra chegar, entendeu? Então isso assim, eu me emociono, o respeito, a amizade, a lealdade do Coronel, pra deixar o Memorial ativo.. então eu realmente me emociono, porque não é qualquer pessoa assim não... (Ibid)

Em uma última pergunta mais direta sobre o que significava o memorial JK para ela, Agnês diz:

Tudo! Porque quando eu cheguei aqui foi o meu primeiro trabalho, foi onde eu aprendi tudo! Essa disposição do Coronel, essa pessoa dinâmica, a lealdade, a questão da amizade, isso acaba influenciando na sua personalidade. Aquela pessoa que não media esforço pra realizar seu trabalho... No final do dia todo mundo ia embora e ele ficava lá, ele subia as escadas, ia na Câmara Mortuária, ficava lá em silêncio, como se fosse conversando... aquilo alí me influenciou bastante... e a parte histórica... como eu digo alí não é só as paredes que tem lá, tem uma história de vida de muita gente. (Ibid)

Para P1, participar da equipe do MJK “é muito gratificante”. Este(a) informante enxerga o MJK da seguinte forma: “É uma Sociedade Civil Sem Fins Lucrativos que tem a finalidade de divulgar e preservar a história do presidente Juscelino Kubitschek.” Por último, P2 afirma que o MJK é um local com muita importância por ter todas as informações sobre a história da cidade e por ser uma “Casa de Cultura”. “É uma Casa Cultural também, como a D. Sarah, quando fundou o Memorial, um dos objetivos era ser Casa de Cultura pra guardar a história da cidade.”

Durante as visitas guiadas, foi observado que maior parte dos guias tratavam o Memorial como um Museu, e além disso, ao se referirem à exposição permanente no andar de cima, com objetos de uso pessoal de JK e D. Sarah, eles a chamavam de “Museu”. Então haveria um Museu onde fica parte da exposição permanente no andar de cima dentro de outro Museu.

Em relação à definição do Memorial JK, as palavras que apareceram tanto nas conversas informais quanto nas observações de visitas guiadas foram: “Casa de Cultura”, “Patrimônio”, “Museu”, e outras.

6.2.3.4 Percepção dos guias sobre o que o público espera da visita

G1, na faixa de 80 a 84 anos, com 50 anos de guia de turismo, defende que não é o grupo que deve decidir se o Memorial JK será visitado ou não, quem decide o roteiro na cidade é o guia de turismo. Para ele(a), o turista quer ver coisas bonitas, quer saber quem foi JK e o que ele fez. Neste relato podemos identificar a **Beleza** como fator que influencia a visita. Sobre a visita no interior do Memorial ele diz “Eu não deixo o turista perguntar, não dá tempo. É desagradável o turista ficar perguntando pro guia ‘O que é isso aqui?’, comigo não tem isso não.” Durante a visita, existe um momento de 10 minutos em que ele deixa o grupo livre. Quando perguntado se realiza adaptações de acordo com a tipologia dos grupos, G1 disse que sempre adapta sua fala ao sotaque do turista, sem falar sobre dinâmica ou didática.

A visita de G2, que anteriormente lecionava história, é caracterizada pelo seu relato como uma visita **Histórica**, para o informante, o grupo quer que uma aula de história.

Ontem, inclusive um cliente de Criciúma falou que aqui é uma aula de história dentro do Memorial, aí eu falei ‘Mas uma aula?’, aí ele disse ‘é que um dia eu segui o seu grupo e você deu uma aula de história’... acho que é isso que eles pedem. (G2, 2015)

Ele(a) relata que quando acompanha um grupo, cada pessoa demonstra interesse em um objeto diferente. Também há a demanda por um *feedback* da visita, pois ao voltar com o grupo para o ônibus, pergunta sobre a experiência dos integrantes e relata que as pessoas falam coisas que ele(a) nem imaginava que chamaram a atenção do grupo. Demonstrando a surpresa ao descobrir que seus grupos podem prestar atenção em elementos que não estiveram em sua apresentação.

No caso de G3, guia da lista com o menor tempo na profissão, o grupo também não faz a escolha sobre os locais de visita. A empresa de turismo liga

para ele(a) e informa qual grupo irá acompanhar e qual roteiro irá seguir, afinal, quando a pessoa compra o pacote, o passeio já está incluído. Neste caso, a visita se caracteriza como componente de um **Roteiro** turístico.

Segundo G4, o turista fica à vontade, apesar de já ter um roteiro feito. É possível modificar a rota caso o turista queira, porém os que vêm pela primeira vez a Brasília costumam adotar sua sugestão. Em relação à visita interna no MJK, G4 explica que as pessoas podem acompanhá-lo ou ficarem livres para conhecerem o espaço sozinhas.

“Lá dentro vocês podem estar me acompanhando, que vai ter um roteiro lá dentro que eu vou estar explicando a sequência do Museu, ou vocês podem estar ficando à vontade. A gente vai gastar em média uns 30 minutinhos no mínimo pra conhecer, ter uma noção do Museu” E aí acontece que 50% me acompanha e 50% acha melhor ficar livre e ver o que lhes interessa. (G4, 2015)

No ônibus ele(a) também fala para o grupo sobre algum objeto que há lá dentro para que as pessoas criem uma expectativa e descubram que objeto é esse. Mas esta última estratégia é menos utilizada, ele prefere passar explicando cada parte. G4 realiza em média 120 visitas por ano no Memorial JK que podem ser caracterizadas como visitas livres de **Descoberta**.

Então as interpretações feitas pelos guias de turismo com seus grupos foram de apelo pelo belo, pelo histórico, de lugar de passagem dentro de um roteiro da cidade, e de livre descoberta.

6.2.3.5 Percepção dos profissionais do MJK sobre o público e a visita

Saindo do universo turístico, os grupos escolares do projeto Museu Escola e outros grupos que se encaixam na relação de isenção de ingresso são guiados pelas recepcionistas da Instituição.

P2 relata sobre o Projeto Museu Escola. Segundo o(a) informante, o objetivo deste projeto é integrar as escolas públicas no DF aos museus. No entanto, P1, responsável pelo setor cultural, enxerga o projeto como iniciativa do Memorial JK, visando principalmente a aproximação das escolas a o Memorial.

A realidade do acompanhamento destas visitas era diferente na época da gestão do Coronel Affonso Heliodoro. Conforme lembra Agnês, uma parceria com a Secretaria de Educação, antigamente Fundação de Educação, havia sido firmada na época de gestão do Coronel Heliodoro. Nesta parceria, as escolas eram mediadas por professores de história da Fundação. Estes professores trabalhavam todos os dias no MJK, mas seus contratos eram com a Fundação, e por lá eram pagos. Já os grupos de embaixadas eram recebidos por um guia próprio contratado por eles. O restante era guiado pelas próprias recepcionistas, sendo que desde aquela época haviam muitos turistas visitando o local.

Para P1, o(a) informante responsável pela área Cultural, a Instituição já conhece seus públicos. Conforme o relato, são crianças, idosos e outros, sendo que o Memorial busca atrair o público adolescente de 15 a 17 anos, através dos novos totens digitais instalados: “[...] então a gente já conhece um pouco, mas por sermos uma empresa pequena a gente não tem como traçar, fazer uma pesquisa de público visitante, o Memorial não tem condições de fazer isso.” Para o MJK, estudos de público servem apenas para atrair novos público, o que não é o seu objetivo atual.

Sobre o acompanhamento das escolas os professores não explicam os lugares, são as recepcionistas que o fazem, sendo que o professor pode contribuir hora e outra. As recepcionistas utilizam uniformes que lembram trajes dos anos 1950 e recebem treinamento e apostila com informações históricas e sobre como se portar com o público.

A partir da observação das visitas foram identificados elementos que receberam enfoque dos mediadores. No caso da mediação referente à Observação 3 (O3), cuja visita foi feita por um(a) dos(as) recepcionistas do MJK, as perguntas levantadas e respondidas por ele(a) mesmo(a) foram: “Vocês sabem onde era a capital?” e as crianças “Salvador!”, a guia “Não, era no Rio de Janeiro!”, “Quem já ouviu falar nesse nome, D. Sarah Kubitschek?”, “Por que é escuro? Porque a luz é natural”, “Vocês já ouviram falar no nome 'candangos?'”, “Quem cuida do Museu hoje? A neta do Juscelino!”, “Vocês fiquem em silêncio porque tem outras pessoas visitando o Museu, entendido?”.

Na mesma O3, a reação verbal das crianças, de 9 a 11 anos, foi registrada ao entrarem da Câmara Mortária, local onde o/a recepcionista faz a mediação: “Que isso, meu Deus?”, “Tia, ele tá alí dentro?”, “Quer dizer que o presidente tá alí

dentro?"; "Pode ver? tem os ossos e o cabelo?". Expressões que demonstraram o fator da surpresa.

A mediação feita pelas recepcionistas é na verdade uma contação da história de Brasília e da vida de JK, começando e terminando na Câmara Mortuária. Algumas frases foram marcantes "Silêncio!"; "Não bota a mão!"; "Perguntas só no final!"; "Agora vocês vão ficar em silêncio!"; "D. Sarah teve uma grande ideia de construir um museu".

Ao observar a visita guiada de G2, equivalente à O1, foi percebido que seu tratamento com o público era como se fosse composto de alunos de uma aula. G2 fazia perguntas para chamar a atenção do público mas eram respondidas por ele(a) mesmo(a). Demonstrava que o grupo tinha pouco tempo, saindo rápido dos espaços que percorreu devido a possíveis atrasos no roteiro de visita à cidade. Dessa forma as pessoas não tinham tempo suficiente para se relacionarem com os objetos expostos.

Para deixar a visita mais dinâmica a/o guia coloca os turistas para representarem personagens, como por exemplo "Você é Juscelino e você é D. Sarah, aí Juscelino fez isso...". Sua linguagem era simples e fácil de entender. Ao final da visita, no último espaço que foi a Câmara Mortuária, a/o guia pediu que todos dessem as mãos para rezar um Pai Nosso.

O(a) guia da O2 fez uma abordagem em que partia dos objetos para fazer sua narrativa, ele(a) ressaltava eventos da vida famosa de JK e estava aberto a perguntas do público que o acompanhava, composto por um casal de idosos franceses. Focar nas curiosidades da vida de JK foi percebido como algo que aproxima o público e o faz se identificar.

Por fim, a última observação de visita guiada acompanhada foi a O4, cujo(a) guia fez uma abordagem dinâmica com seu grupo, fazendo perguntas, esperando as repostas do grupo, respondendo a perguntas dos grupos e teatralizando eventos históricos presentes na exposição das peças.

Em síntese as abordagens utilizadas, tanto pelos profissionais do MJK quanto pelos guias de turismo, para lidar com os grupos foram de contação de história, aula normativa de história, aula dinâmica de história, curiosidades da vida de JK, visita sem interferência (como parte passante do roteiro), e descoberta de objetos.

6.2.3.6 Relação dos grupos com o MJK

De acordo com G1, apesar dos grupos não escolherem o Memorial para estar no roteiro, o espaço já vem como um pedido do turista. G2 relatou que nunca saiu do MJK com alguém do grupo dizendo que perdeu tempo, eles dizem que não imaginavam que tinha um representante tão imponente na história brasileira. Nestes relatos, é possível identificar o fator de satisfação proveniente de uma expectativa que gera uma descoberta/surpresa positiva.

No entanto nesse mesmo dia o(a) guia havia marcado uma visita guiada que não aconteceu, pois as pessoas não quiseram entrar pelo fato o MJK ter iluminação cenográfica propositalmente escura.

Hoje foi uma exceção, as pessoas não quiseram entrar, você sabe por que? Eles estão mortos de cansaço, eles vieram de Cancún, 19 horas de avião... pra entrar num lugar escuro... uma mulher lá falou, eu não sabia, eu tava aqui e quando eu cheguei eles não quiseram descer... foi a primeira vez! (G2, 2015)

G3 informou que quando há médicos ou professores no grupo eles fazem questão de ver a Biblioteca pessoal de JK, mas em geral muitos ficam curiosos para ver o “Mausoléu”.

[...] apesar de ser pago dizem que vale a pena, que a taxa é simbólica, devido ao acervo, à educação das recepcionistas, muitos falam em inglês pra atender os estrangeiros, alguns falam em espanhol, e a conservação do local, porque reclamam muito dos outros monumentos como a catedral, por exemplo. (G3, 2015)

De acordo com o informante, algumas pessoas ficam lá mais tempo pra depois voltarem pro hotel de táxi.

Os grupos de G4 demonstram dar bastante importância ao MJK, como um local de impacto cívico afetivo, segundo a conversa com o(a) guia,

[...] tem pessoas que chegam a dizer que se arrepiaram quando entraram aqui. Então assim, essa visita realmente deixa uma marca na história. Já teve situação de turista falar que ela entrou aqui, se ficasse só nisso tava suficiente, então ela se realizou em entrar no museu, então quer dizer que aqui é o lugar que conta a história toda e ainda marca a pessoa. (G4, 2015)

Ao falar sobre experiência de grupos dentro da Câmara Mortuária o(a) guia relata que algumas crianças não acreditam que ele esteja dentro do Túmulo “uma ou

outra criança fica assim... e pergunta 'Tio, ele tá aí dentro?' aí tem essas perguntas né? Mas aí eu falei 'Ta, mas ele já morreu...' aí eu explico pra eles"

Para o Coronel Affonso Heliodoro as relações das pessoas com o Memorial JK é de interesse histórico pela vida de Juscelino e pela história de Brasília. Durante a conversa com Agnês, ela defende que como o MJK recebeu doações "do povo simples" quer dizer que a construção era muito importante para "todo mundo que tinha amor pelo trabalho de Juscelino."

Agnês também contou sobre a relação das pessoas com o MJK na época em que trabalhava como recepcionista. Para ela, o local preserva e divulga não só a história de JK e de Brasília, mas a história de vida das pessoas que lá trabalharam. Ela diz que era frequente ouvir as histórias dos pioneiros que lá iam visitar, falando sobre as dificuldades da criação da capital, mas que apesar delas todo o esforço valia a pena. Segundo ela, os pedidos das pessoas eram em relação ao auditório que nem sempre estava aberto, porque as cadeiras formam as iniciais J e K, eram perguntas sobre as filhas de JK, sobre D. Sarah que não morava em Brasília, pediam para ver o último carro de lazer de JK que fica no estacionamento, intrigavam os que Maristela fosse filha adotiva do ex-presidente, mas "Sempre eram elogios, que gostaram, tinham pessoas que não demonstravam desinteresse, e tinha pessoas que falavam da presença espiritual..."

Voltando às demandas dos públicos de hoje, P1 informou que as pessoas vão lá para conhecer a história de JK e da construção de Brasília. Segundo ele(a), também há estudantes que vão lá para fazer pesquisa, alguns grupos para estudar a parte arquitetônica da construção, historiadores, pessoas mais idosas que viveram a época, "que vêm aqui pra recordar, pra se emocionar... o público mais jovem vem pra conhecer um pouco da história... então cada um tem uma percepção diferente aqui do Museu".

Como dito anteriormente, o MJK não faz estudo de público, por acreditar que já conhece seus públicos e que estudos de público são feitos para a atração de mais pessoas:

A questão não é buscar público, a gente quer divulgar a história, a gente quer atrair, sim, novas pessoas, novos públicos, mas não é assim... como eu posso dizer? Assim: "o Memorial está fazendo políticas pra atrair público"... acho que é mais o dia a dia... Acho que as inovações, o novo site, o Projeto Museu-Escola, isso já se tornam atrativos... acho que a gente

investindo no Museu, sempre trazendo novas fotos, novas imagens, isso atrai o público a conhecer o Memorial. (P1, 2015)

Este relato pode exemplificar a desconfiança de museus pequenos com relação a estudos de público, devido ao provável receio de ranqueamento das instituições a partir da quantidade de público que recebem.

P2 informou que os visitantes “Ficam encantados, dizem que deviam ter vindo antes, que adoraram conhecer, que não imaginavam que era assim, que as expectativas foram boas...” demonstrando ligação com os fatores de Expectativa, Surpresa Positiva e consequente Satisfação.

Vale ressaltar a experiência da O3, que foi composta de alunos de escola pública de Ceilândia, que perguntavam para a recepcionista se JK realmente estava alí, se era possível ver dentro do caixão, se estavam “só os ossos e o cabelo” ao mesmo tempo que se revezavam para tocar o túmulo. Ainda nessa visita, algo que chamou atenção das crianças foi a projeção do documentário sobre JK. Elas sentaram nos bancos sem que as professoras fossem para lá. Mas isso também pode significar que estivessem cansadas.

Por fim, ao sair pela loja de souvenir as crianças perguntaram se tal produto era de JK, achando que os produtos da loja eram uma continuação dos que estavam expostos.

6.2.3.7 Percurso

Nesta parte, os modos como o percurso é feito é analisado tanto a partir das conversas como das observações. Os assuntos foram divididos em subtemas para auxiliar na compreensão.

6.2.3.7.1 Ordem e duração

Fonte	Local de início	Local final	Local com maior tempo	Duração total da visita
-------	-----------------	-------------	-----------------------	-------------------------

G1	Gabinete de D. Sarah	Câmara Mortuária	Gabinete de D. Sarah, Sala das Metas e Biblioteca particular de JK	45 min
G2	Área externa	Câmara Mortuária	Sala de Metas	60 min
G3	Corredor principal de entrada	Carro Galaxy 64	Câmara Mortuária	120 min
G4	Corredor principal de entrada	Parte restante da exposição temporária "Um Navio Brasileiro"	Sala de Metas	30 a 40 min
P1	-	-	Andar de cima	-
P2	Térreo ou andar superior	Térreo ou andar superior	Câmara Mortuária	30 a 40 min
O1	Sala de Metas	Câmara Mortuária	Sala de Metas	30 min
O2	Sala de Metas	Corredor principal de saída	Exposição de longa duração (parte sobre Missão Cruz e construção de Brasília, no andar superior)	42 min
O3	Câmara Mortuária	Saguão principal	Câmara Mortuária	46 min
O4	Área externa	Exposição de longa duração (parte sobre Missão Cruz e construção de Brasília, no andar superior)	Sala de Metas	40 min

Tabela 11 – Ordem e duração do percurso
Fonte: Dados da pesquisa

O quadro acima apresenta dados sobre o percurso de acordo com o que foi relatado nas conversas informais e observações de visitas guiadas. A observação O1 foi guiada pelo mesmo informante G2, assim como a Observação O3 se refere a visitas guiadas pela categoria de informante representada por P2. As observações foram colocadas na tabela pois apresentaram algumas diferenças sobre o que foi informado nas conversas informais e o que ocorreu durante as visitas guiadas.

G1 considera que as três salas: Gabinete de D. Sarah, Biblioteca Pessoal de JK e a Sala de Metas, formem um espaço só. Durante a conversa, G3 denomina o corredor principal de entrada como “Túnel do Tempo” por conter fotografias e objetos da infância de JK ao seu falecimento. Estas falas representam como eles enxergam e utilizam esses espaços.

G4 também começa pelo corredor de entrada principal dando enfoque para o fato do ex-presidente ter sido militar e médico urologista e finaliza falando sobre uma parte que restou da exposição temporária “Um Navio Brasileiro” sobre o navio-

plataforma P-34 que recebeu o nome de JK. Na Sala de Metas, local de maior duração, G4 aproveita para explicar as 30 metas de JK.

Quando Agnês era recepcionista de grupos escolares, a parte de cima, onde há a explicação da Missão Cruz e os pertences pessoais de JK, era o espaço que mais demorava por ser maior de explicar e por ter muitos itens, de acordo com ela. Outras informações como a duração da visita não foram lembradas pela informante.

Durante a conversa com P2, a informação dada foi de que as visitas de grupos do Museu Escola podem começar tanto pelo andar de baixo quanto pelo andar de cima. P2 relatou que os locais que despertam maior interesse são a Câmara Mortuária e a Biblioteca pessoal de JK.

O Saguão principal, ao final da Observação 3 referente a uma das visitas do Projeto Museu Escola, foi o lugar onde a recepcionista mostrou as fotos do caixão e do carro em que Juscelino sofreu o acidente em um dos totens digitais.

A visita guiada da O2 passou duas vezes pela Câmara Mortuária já que na primeira vez havia um grupo de estudantes lá dentro. Mas em geral, o guia permaneceu pouco tempo em cada espaço.

Duas das 4 observações feitas que não tiveram a Câmara Mortuária como espaço que levou mais tempo, a tiveram como segundo espaço com maior tempo usado na visita.

O uso dos espaços pelos informantes, a partir do tempo dedicado a cada um deles reafirma o que tópicos anteriores esclareceram sobre os focos dados na vida e morte de JK e na história de construção de Brasília.

6.2.3.7.2 Objetos destacados

Para facilitar a compreensão, um Quadro Sinóptico foi confeccionado com os objetos que mais apareceram nas falas durante as conversas informais e as observações de visitas guiadas.

<p>Documentos e Objetos sobre a vida de JK</p> <p>Trajes da cerimônia de posse; Diplomas; Livros; Carro Galaxy 64; Carteira escolar; Móvel pessoal; Fotos do acidente nos totens digitais; Fotos de JK com amigos e família; Medalhas e Condecorações; Túmulo</p>	<p>Documentos e Objetos sobre a construção de Brasília</p> <p>Fotografias da Missão Cruz e da construção de Brasília; Painel de Metas (vida política de JK); Túmulo (o Fundador)</p>	<p>Documentos e Objetos sobre o MJK</p> <p>Painel com fotografias sobre o planejamento, construção e inauguração do MJK; Túmulo</p>
<p>Objetos extras relacionados, em alguma instância, a JK, à Brasília, ou à Construção do MJK</p> <p>Maior tapete de arraiolos do mundo feito em Diamantina</p>	<p>Inicialmente suportes expográficos, mas vistos como objetos</p> <p>Maquete do Navio Plataforma P-34 que recebeu o nome de JK; Fotografias do Painel “JK e o Time de Talentos” feitos para exposições temporárias; Vitral de Mariane Peretti; Estátua de JK e D. Sarah na área externa; Painel de Metas; Túmulo.</p>	

Quadro sinóptico - Objetos evocados
Fonte: Dados da pesquisa

Este quadro foi construído de acordo com as interpretações dadas pelos informantes. Por exemplo, para eles, a Maquete do Navio Plataforma P-34, o Painel “JK e o Time de Talentos”, o vitral de Mariane Peretti, a estátua de JK e D. Sarah na área externa e o túmulo de JK são considerados objetos de exposição. Refletindo com esta interpretação, estes itens, inicialmente planejados para serem suportes de exposição, de fato podem ser apropriados como objetos expostos, por terem sido mantidos no MJK, e por possuírem conteúdo explicativo ou sensação intrínseca condizente à narrativa da exposição, que podem ser acessados no momento de interação com o público.

O Painel de Metas que está dentro do quadro de documentos e objetos sobre a construção de Brasília também se refere à vida política de JK, assunto que se apresenta incorporado a outros.

Por fim o Túmulo de JK aparece tanto no quadro de objetos relacionados à sua vida, como aos objetos relacionados à construção de Brasília – por ser apresentado com a inscrição “O FUNDADOR” - como aos objetos sobre o MJK, por ter sido base para a ideia de construção desse espaço, e como aos objetos que inicialmente foram planejados como suportes expográficos, já que o túmulo, com a Câmara Mortuária por inteiro, foi projetada por Niemeyer no momento da criação do Projeto do prédio, sem delimitar a escolha e posição dos objetos museológicos que posteriormente estariam em volta.

6.2.3.7.3 Personagens evocados

A tabela a seguir lista os personagens evocados tanto durante as falas das conversas guiadas quanto as observações de visitas guiadas.

Mediadores	Personagens evocados
G1	Juscelino Kubitschek, D. Sarah Kubitschek
G2	Darlan Rosa, Juscelino Kubitschek D. Sarah
O1	Juscelino Kubitschek, D. Sarah Kubitschek, Carlos Lacerda, Getúlio Vargas, Mariane Peretti e outros.
G3	Juscelino Kubitschek
G4	Juscelino Kubitschek, D. Sarah Kubitschek
Agnês	Juscelino Kubitschek, D. Sarah Kubitschek, Coronel Affonso Heliodoro, Mariane Perreti
P2	Juscelino Kubitschek, D. Sarah Kubitschek
O3	Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer, D. Sarah Kubitschek, Márcia Kubitschek, Maristela Kubitschek, Lúcio Costa e outros
O2	Juscelino Kubitschek, Marlon Brando, Bellini, Grande Otelo, Pixinguinha, Mariane Perreti e D. Sarah Kubitschek
O4	Oscar Niemeyer, D. Sarah Kubitschek, Getúlio Vargas, Figueiredo, Fidel Castro, Marlon Brando, Dilma Rouseff, Mariane Peretti.

Tabela 8 – Personagens evocados pelos informantes
Fonte: Dados da Pesquisa

Além de JK e D. Sarah, os personagens mais evocados foram Mariane Peretti e Oscar Niemeyer, responsáveis pela construção do MJK. Em seguida os personagens evocados foram artistas e políticos da época de JK e de hoje.

6.2.3.7.4 Tipo de fala e interpretação dada

G1 defendeu sua visita como completa, sem necessidade que turistas façam perguntas. Ele(a) passa explicando por cada local e enxerga as perguntas como suprimentos para informações que ele não tenha dado. Se utiliza da Câmara Mortuária para falar quando Juscelino Kubitschek nasceu e quando faleceu.

G2 informou que adora falar sobre a Sala de Metas, diz ser apaixonado(a) pela história de Juscelino Kubitschek, o que influencia seu discurso. Traz uma abordagem de uma forma histórica com linguagem simples, focando nas curiosidades da vida de JK, é bastante informal e teatral, vilanizando opositores do ex-presidente como Carlos Lacerda, porém sem tomar cuidado com a veracidade de suas informações. Em sua interpretação do vitral, o anjo representado é o anjo Gabriel e o círculo branco é um ovo que simboliza a continuidade da vida. Ao final da observação de sua visita guiada, o/a informante pediu para que todos dessem as mãos e rezassem um Pai Nosso, revelando a interpretação do espaço com conotação religiosa.

G3 se utiliza do corredor de entrada principal, que chama de “Túnel do Tempo” para explicar sobre a vida da infância à morte de Juscelino. Depois de passar pela Câmara Mortuária, e pela Biblioteca, vai para a Cafeteria com alguns turistas enquanto outros ficam livres para escolherem aonde ir.

Os locais mais interessantes para G4 são a Sala de Metas e a Biblioteca. Ele(a) foca nas fotos da construção do STF e do CN e também o fato de que JK era militar médico urologista. Diversas vezes chama o Memorial de Museu e chama atenção para o fato do Memorial ser uma instituição sem fins lucrativos e utilizar o auditório como espaço para locação e para os elevadores que o Memorial instalou para ressaltar a preocupação que a Instituição teve com a mobilidade das pessoas.

Sempre faz a mesma ordem dos espaços, mas quando tem algum grupo entrando ao mesmo tempo, ele começa no andar de cima ao invés do de baixo. Utiliza a sala de metas para explicar sobre o 1º comício de JK, sobre as 30 metas e sobre os objetivos da construção de Brasília.

Os espaços mais interessantes para Agnês são a Biblioteca por ser suntuosa e com muitas medalhas e a Câmara Mortuária pela beleza, pela penumbra, pelo anjo no vitral e outros motivos. Estes locais também são os mais interessantes para P2, que diz que a Biblioteca é grandiosa, que evoca encanto pela quantidade de livros lidos por JK, e a Câmara é um local de reflexão “(..) eu nem sei explicar, mas o visitante esquece qualquer outro local do museu e fica num estado de reflexão.”

Durante a visita guiada do projeto Museu Escola foi observado que as recepcionistas se utilizaram de uma fala histórica decorada, marcada por datas e baseada na biografia de JK, sendo a construção de Brasília parte de uma lista de seus feitos. A recepcionista da observação levou todos à Câmara Mortuária para começar a visita onde faz as crianças sentarem em um círculo, porém sem que possam escolher qual local sentar. Lá toda a explicação é dada. Foram utilizadas palavras complexas para o nível de entendimento das crianças, sendo que durante sua fala não há espaço para perguntas, as únicas são feitas e respondidas pela própria recepcionista. O andar de cima fica livre para os alunos irem onde quiserem.

A abordagem do guia da O2 é neutra, mostrando rapidamente cada espaço. Cita a Ditadura Militar, o acidente de carro, o período de corrupção e outros assuntos mas dá prioridade às personalidades das fotografias da exposição “JK e as Celebridades do Séc. XIX”. O guia parte dos objetos expostos para falar sobre os temas que eles suscitam, não o contrário, como os outros guias.

Já o/a guia da O4 apresenta uma fala histórica e biográfica com linguagem simples. Ele(a) foca na vida pessoal de JK, quando nasceu, como namorou, onde estudou e assim por diante. Defende o ex-presidente como um visionário e um político do povo, teatralizando episódios de sua vida.

6.3 RESUMO

Entre os pedidos de isenção de ingressos a quantidade de pedidos por mês mostrou que as visitas guiadas acontecem mais vezes em meses dos meios dos semestres do ano, reafirmando a maioria de grupos escolares, identificada na categoria de perfil dos grupos. A análise quantitativa dos pedidos de visita mostrou que há uma maioria de grupos de crianças e adolescentes, uma maioria de grupos escolares e uma maioria de grupos provenientes de Ceilândia.

Em resumo, os profissionais que realizam a mediação pensam o MJK como um local para contar a história da vida de JK e a história da construção de Brasília. O túmulo de JK é visto por eles como um objeto exposto, mas também uma parte indissociável da estrutura física que é a Câmara Mortuária, onde falam sobre a vida e a forma que ocorreu a morte de JK e onde foi apropriado com prática religiosa.

Em todas os momentos os participantes enfatizaram a relevância do Memorial JK como integrante do roteiro turístico de Brasília e como local importante para os brasilienses por falar sobre a história da cidade, apesar dos guias de turismo acreditarem que é um espaço frequentado apenas por turistas. Todos fizeram referência à vida de JK como assunto abordado na visita e no propósito de criação do Memorial, ligando este desejo ao desejo de Memória de sua Vida.

Alguns demonstraram afetividade tendo acompanhado a construção do espaço, enquanto outros demonstraram apenas interesse profissional como parte de seus empregos. Alguns demonstraram enxergar a visita como uma aula, sem espaço para perguntas, outros deixaram os grupos livres para decidirem o que querem ver. Alguns se utilizaram da dramatização dos eventos para a dinâmica do grupo, outros demonstram a neutralidade do discurso. Enquanto um se utilizou dos objetos para partir para a narrativa que eles suscitam, outros utilizaram objetos apenas para ilustrar a sua narrativa. Alguns dos participantes falaram sobre curiosidades da vida pessoal de JK, outros deram atenção a seus feitos políticos. Estas abordagens foram descritas aqui não como forma de comparação mas como análise das relações identificadas, com base no perfil do relator e do perfil do grupo. Entendendo como os informantes se relacionam no espaço é possível entender a leitura e interpretação dada por eles, como lentes para os públicos durante as visitas guiadas.

Todos se utilizaram de uma abordagem histórica, por vezes partindo de datas e perguntas decoradas respondidas sem a interação do público. Também todos

passaram pela Câmara Mortuária. O uso deste espaço foi destinado à história de vida e sobre a morte de Juscelino, sendo que uma participante utilizou este espaço também de forma religiosa ao pedir que todos rezassem. Todos falaram sobre JK e D. Sarah, mas outros nomes variaram como os das filhas do casal, de outros presidentes do Brasil, e de celebridades da época de JK, que foram o foco de alguns dos guias, relacionando à história social, cultural e política do Brasil.

Todos os temas da análise qualitativa surgiram a posteriori da coleta dos dados como num método indutivo. Primeiro se identificou os assuntos que se repetiram nas falas coletadas e nas visitas observadas para depois transformá-los em temas e subtemas. Já as categorias da análise quantitativa foram escolhidas durante a coleta dos dados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso analisou as diferentes relações que os públicos do Memorial JK estabelecem com a Instituição e sua área expositiva. Esta análise foi possibilitada pela obtenção de informações provenientes de diversas fontes, não só observações e conversas, mas documentos como pedidos de visita, relatórios de atividades, organograma, website da Instituição e outros, que sugerem as relações entre o MJK e seus públicos.

Estes públicos foram identificados como: fundadores e funcionários do MJK, guias de turismo que trazem grupos como parte de um roteiro por Brasília, grupos turísticos desses guias, público espontâneo, cujas informações não foram suficiente para análise, e grupos que fazem pedidos de marcação de visita com isenção de ingresso. Nesse último público, grande parte era composta por escolas, outra grande parte por crianças e adolescentes, por grupos provenientes de Ceilândia, e grande parte realizou a visita no meio dos semestres do ano.

Os grupos com isenção de ingresso foram acompanhados por recepcionistas do Memorial JK, entrando como parte do Projeto Museu Escola. A visita começa na Câmara Mortuária, com toda a explicação com um caráter histórico e biográfico marcada por datas sobre a vida de JK com a construção de Brasília como um dos episódios de sua vida, com pouco espaço para perguntas feitas pelas crianças.

Os grupos de turistas que vão ao Memorial JK como parte de um roteiro que passa por Brasília, acompanhados por guias de turismo, contratados por empresas turísticas ou pelo próprio grupo. Da parcela destes grupos que analisei, sua maioria era do Sul do Brasil.

Os guias de turismo que acompanham os grupos e não têm vínculo empregatício com o Memorial JK. São formados pelo curso técnico de turismo do SENAC, e delegam uma importância grande para o Memorial JK como parte do roteiro turístico em Brasília.

Os funcionários atuais e anteriores do Memorial JK que representam o discurso dessa Instituição, seu funcionamento anterior, o funcionamento atual e suas relações com o público visitante. Dentro desse grupo também há um dos fundadores do Memorial, representando as intenções de criação.

O estudo do público espontâneo era o foco no esboço inicial do projeto de pesquisa deste trabalho, porém a falta de informações sobre ele e a obediência ao prazo para a confecção do trabalho impossibilitaram sua análise.

Todas os quadros, tabelas e gráficos deste trabalho foram construídos a partir das fontes diversas, em curto espaço de tempo. Estes dados não estão sistematizados nem disponíveis para consulta no MJK.

Com as observações e a escuta dos públicos foi possível relacionar estas falas como interpretações sobre o espaço, e sobre como lidam entre si. Estas interpretações, que virtualizam, podem ser vistas como atualizações de Lévy (1996) como as leituras de um livro, cujos conteúdos são interpretados e reinterpretados de acordo com a mudança temporal e experiências do leitor, para se identificar com aquilo.

O MJK se caracterizou como uma instituição gerida por um núcleo familiar, podendo tanto ser visto pelos informantes como Monumento, como Museu, Casa de Cultura, Patrimônio, e Mausoléu. Com base na bibliografia sobre conceitos correlatos pode-se afirmar que o Memorial JK é um espaço híbrido que foi criado com características e funções semelhantes a de outros espaços, como é o caso da Sepultura, local caracterizado por Jean LeClerc (1990) como espaço onde há a intenção de depositar os restos mortais de alguém, para que a partir deste ato de materialização da vida de uma pessoa, o tempo funerário ou tempo de luto passe.

Como um “Lugar de Memória” de Nora (1997), o MJK se mostrou um lugar de poder onde os objetos não são escolhidos à toa, bem como a forma em que estão dispostos, trazendo os nomes das figuras políticas que carrega. Local agendado para, em maioria, crianças e adolescentes, que vão com escolas, com objetivo de aprender sobre o ídolo, ressignificando o mito.

No primeiro esboço do projeto de pesquisa, a hipótese era de que o fato do Memorial JK expor um objeto funerário – o corpo do personagem principal de sua narrativa como centro da expografia e até mesmo motivo de sua criação - fosse uma barreira para a relação de seus públicos. Porém após observações e conversas preliminares com os públicos, foi entendido que a escolha deste objeto para exposição não necessariamente delimita uma barreira mas cria relações diferentes, até mesmo de aproximação.

Já que expor um objeto é retirá-lo de um contexto original para colocá-lo em outro trocando seu sentido, a análise dos dados não comprovou uma barreira para a relação com os públicos, mas a diferença dessas relações, por vezes permeadas por características de outros locais, como o do cemitério, e de lugar sagrado, tanto na criação do edifício quanto na visita. Além disso, cada visita é única, e se molda por experiências anteriores do visitante e com o contexto temporal do momento da visita. A visita é uma experiência resultante de contextos pessoal, social e físico (FALK; DIERKING, 1992, apud KÖPTCKE, 2005)

E a hibridização do espaço é outro fator identificado. O Memorial JK se coloca como Museu, como Monumento, como Casa de Cultura, como Sepultura, Patrimônio e outras denominações, tanto autodenominadas quanto reconhecidas pelos seus públicos.

Este local híbrido é espaço de relações das mais diversas, relações que se procurou identificar e analisar aqui, já que os espaços museológicos não sobrevivem sem esta relação, passando à perda de sentido social.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído para difundir o potencial dos estudos de público, que no caso, possibilitou ao Memorial JK conhecer mais profundamente esta parcela de seus públicos, as relações que estabelecem com o espaço e de que forma elas acontecem, reconhecendo a importância da instituição para o Turismo e para Brasília, afim de reafirmar e renovar seus públicos, justificar as atividades em curso e enriquecer as abordagens de mediação no local.

Que o potencial dos estudos de público como ferramentas para a gestão das instituições, para o diálogo com a sociedade e para a legitimação das atividades do local, bem como da própria existência das instituições, seja disseminado com o trabalho.

Que o trabalho também tenha contribuído para a Museologia, mais especificamente, à expografia, mediação e gestão museológica, ressaltando a diversidade de abordagens de relação com público que podem trazer elementos para enriquecer essa prática que pode se dar principalmente na mediação.

Esta monografia representou o desafio de escolha de objetivos em face da realidade apresentada. A partir da pesquisa de campo foi possível identificar a importância do diálogo no alcance das informações necessárias, já que podem

existir questões financeiras, sociais e políticas que são sobrepostas aos possíveis resultados de pesquisas acadêmicas.

A pesquisa proporcionou a vivência de experiências únicas a partir da coleta de informações orais, que trouxeram reflexões não só profissionais mas pessoais.

Além das considerações feitas, a confecção do trabalho suscitou outras questões, como a possibilidade dos estudos de público gerar certa desconfiança em museus pequenos, podendo representar o receio do ranqueamento e da perda de recursos dentro da lógica de indústria cultural. Outras questões levantadas são a forma que as Instituições Museológicas se identificam; a forma que têm lidado com a presença de pesquisadores; e de que forma têm procurado conhecer seus públicos. Uma última problemática encontrada e a ser desenvolvida é o dilema entre o espaço do museólogo como mediador e/ou criador de exposições e o espaço já ocupado por outros profissionais que atuam nas Instituições.

Para finalizar, este trabalho foi enriquecedor, não só por possibilitar o contato com a pesquisa acadêmica, mas por ter levantado novas questões, renovando o fôlego e a curiosidade para trabalhos futuros da Museologia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Zélia; SILVA, Maria Helena. **Análise Qualitativa de dados de pesquisa:** Uma proposta. São Paulo: USP, 1992

BARBOTIN, Edmond. Institution et mémorial: Essai d'interprétation. In: **Revue des Sciences Religieuses**, França, v. 44, fascículo 1-2, p. 23-33, 1970

BEN-AMOS, Avner. Les funérailles de Victor Hugo: Apothéose de l'événement spectacle. In: **Les Lieux de mémoire**. v. 2: La Nation. França: Gallimard, p. 425–465, 1997

BONNET, Jean-Claude. Les morts illustres: Oraison Funèbre, éloge académique, nécrologia. In: **Les Lieux de mémoire**. v. 2: La Nation. França: Gallimard, p. 1831–1854, 1997

BOUDON, Jacques-Olivier. Grand homme ou demi-dieu? La mise un place d'une religion napoléonienne. In: **Romantisme**, nº 100, p. 131-141, França, 1998

BRASIL. **Decreto 84.522**, de 3 de março de 1980. Revogado em 1992. Disponível em: < file:///D:/Documentos/Academia/UnB%20-%20Museologia/TCC/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Decreto%2084522%20de%201980.html > Acesso em: 10 jun. 2015

_____. **Lei nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm> Acesso em: 23 mar. 2015

BRISOLA, Elisa et MARCONDES, Nilsen. **Análise por triangulação de métodos:** um referencial para pesquisas qualitativas. São Paulo: Revista Univap, v. 20, n. 35, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção:** crítica social do julgamento. França: Les Editions de Minuit, 1979; São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CHAGAS, Mário. Há uma gota de sangue em cada museu: Preparando o Terreno. In: **Cadernos de Sociomuseologia n. 13**, p. 19 – 26, Portugal, 1999

_____. O Museu-Casa como Problema: Comunicação e Educação em Processo. Texto para reflexão. In: **Anais do I Seminário sobre Museus-Casas**, p. 177 – 199, 1998

CHOAY, François. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

Comissão da Verdade de São Paulo vai declarar que JK foi assassinado. **Carta Capital**, 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/comissao->

da-verdade-de-sp-vai-declarar-que-jk-foi-assassinado-2144.html > Acesso em: 15 jun. 2015

CURY, Marília. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. In: **História, Ciências, Saúde de Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 365-80, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Exposição: Concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DAVALLON, Jean. Comunicação e Sociedade: pensar a concepção da exposição. In: **Museus e Comunicação: exposições como objeto de estudo. Anais do Museu Histórico Nacional**. P. 17 – 34, Rio de Janeiro, 2010

Estatuto da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek. Brasília, 2013.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Exposições: Do Monólogo ao Diálogo tendo como proposta de estímulo a mediação em museus. In: **Museus e Comunicação: Exposições como Objeto de Estudo. Anais do Museu Histórico Nacional**, p. 345-356, Rio de Janeiro, 2010

FCI. **Manual do Curso de Bacharelado em Museologia**. Brasília, 2010. Disponível em:

<<http://www.fci.unb.br/index.php/documentos/manuais.html?download=14:manual-do-curso-de-museologia>> Acesso em: 2 jun. 2015

FRAGA, Rosidelma. Poesia e Museu Cora Coralina. In: **Revista Museu**, 2010. Disponível em: < http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=23314> Acesso em: 10 jun. 2015

G1. **Peritos não conseguem identificar causa da morte de João Goulart**, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/12/peritos-nao-conseguem-identificar-causa-da-morte-de-joao-goulart.html>

HELIODORO, Affonso. **O Memorial JK: Um Monumento e Centro de Cultura**. Brasília: Verano Editora & Comunicação Ltda., 1996.

IBGE. **Sinopse dos resultados do CENSO demográfico**. Brasil, 2010. Disponível em: < <http://censo2010.ibge.gov.br/pt/resultados>>

IBRAM. **Relatório Final da Pesquisa o 'não-público' dos museus: Levantamento estatístico sobre o 'não-ir' a museus no Distrito Federal**. Brasil, 2012. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/naopublico.pdf>>

ICOM. Declaração de Quebec: Princípios de base de uma Nova Museologia. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, 15, Jun. 1972. Disponível em:

<<http://revistas.ulufona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/342/251>>. Acesso em: 23 Sep. 2014.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. In: **Museologia & Interdisciplinaridade** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade de Brasília, v. 1, n. 1, p. 209-235, 2012. Disponível em: <<http://www.red.unb.br/index.php/museologia/article/view/6854/5522>> Acesso em: 17 jun. 2015

_____. Bárbaros, escravos e civilizados: o público dos museus no Brasil, In: Chagas, M., (org.) **Museus: antropofagia da memória e do patrimônio**. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº31. Rio de Janeiro: IPHAN, 2005. p.184-205.

LAPAGESSE, Gabriela. **Jean Franczyk, jornalista: 'Museus são intimidadores'**. Jornal O Globo. 13 jul 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/jean-franczyk-jornalista-museus-sao-intimidadores-16729397>> Acesso em: 14 jul 2015.

LECLERC, Jean. La notion de sepulture. In: **Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris**, Nouvelle Série v. 2 fascículos 3-4, p. 13 – 18, 1990.

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LOPES, Maria Margaret. **Resta algum papel para o(a) educador(a) ou para o público nos museus?**. Boletim do CECA ICOM-Brasil, ano 1, n. Zero, p. 1-4, mar. 1997

MAIA, Maria. **JK: Um cometa no céu do Brasil**. Brasília: TV Senado, 2008.

Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek. Folder de Divulgação. 2001.

NEVES, Renata. **Centro Cultural: A Cultura à promoção da Arquitetura**. In: **Revista Especialize On-line**. Goiás: IPOG, 5ª Edição nº 005 Vol.01, 2013

NORA, Pierre. Entre Mémoire et Histoire: La problématique des lieux. In: **Les Lieux de mémoire**. v. 2: La Nation. França: Gallimard, p. 23-43, 1997

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative Research and evaluation methods**. EUA: Sage Publications, 3. Ed, 2002

PINHEIRO, Bruno. **Secretaria de Turismo lança Programa "Turismo Cidadão"**. ASCOM. Disponível em: <<http://www.setur.df.gov.br/noticias/item/3507-secretaria-de-turismo-lan%C3%A7a-programa-%E2%80%9Cturismo-cidad%C3%A3o%E2%80%9D.html>>

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p.200 – 212.

POULOT, Dominique. Alexandre Lenoir et les musées des monuments français. In: In: **Les Lieux de mémoire**. v. 2: La Nation. França: Gallimard, p. 1515-1543, 1997

PROST, Antoine. Les Monuments aux morts: Culte republicain? Culte civique? Culte patriotique?. In: **Les Lieux de mémoire**. v. 2: La Nation. França: Gallimard, p. 199-222, 1997

RAMOS, Luciene. **O Centro Cultural como equipamento disseminador de informação**: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto. Minas Gerais: UFMG, 2007.

RANGEL, Aparecida. Vida e Morte em Museus-Casa. In: **Musas**: Revista Brasileira de Museus e Museologia n. 3. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

REVISTA MANCHETE. **Memorial JK**: A consagração da História. Nº 1535, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1981.

ROQUE, Maria Isabel. Comunicação no Museu. In: Museus e Comunicação: Exposições como Objeto de Estudo. **Anais do Museu Histórico Nacional**, p.47 – 68, Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Maria Célia. A Construção do Conhecimento na Museologia: Reconstruindo um Percurso Histórico e Demarcando Posições. In: **Cadernos de Sociomuseologia n. 7**, Lisboa, 1996

STAKE, Robert E. **Multiple case study analysis**. Nova York: The Guilford Press, 2005.

VALÉRY, Paul. Le Cimetière Marin. In: **Charmes ou poèmes**, França, 1922

ZHANG, Y; WILDEMUTH, B. Qualitative analysis of content. In: **Applications of Social Research Methods to Questions on Information and Library Science** p. 308-319. Connecticut: Libraries Unlimited, 2009

APÊNDICES

APÊNDICE A

Quadro descritivo para observação de visitas

Dia	
Hora	
Nome do Guia	
Número de pessoas do grupo	
Perfil do grupo	
Região de onde vêm	
Onde começa	
Lugares por onde passa	
Tempo de duração	
Tempo em cada espaço: (Lojinha)	
(Saguão térreo)	
(Corredores)	
(Sala de Pesquisa)	
(Sala de Metas)	
(Biblioteca de JK)	
(Escritório de D. Sarah)	
(Exposição temporária Personalidades)	
(Laterais da Câmara Mortuária)	
(Exposição pertences e Missão Cruz)	
(Câmara Mortuária)	
Onde finaliza	
Perguntas	
Respostas	
Frases	
Tipo de fala do guia	
Personagens evocados	
Objetos destacados pelo(a) guia	
Outras observações	

APÊNDICE B**Carta de Apresentação e Requisição de Fontes**

Carta nº 07/2015 - PECS

Brasília, 14 de abril de 2015.

Ilma. Sra.
Presidente

ANNA CHRISTINA KUBITSCHEK BARBARÁ A. PEREIRA

Memorial JK

e

Ilmo. Sr.
Vice-Presidente

SÉRGIO GOMES DE VASCONCELLOS

Memorial JK

Prezados Senhores,

1. Priscila Sobral Nóbrega é aluna regular do Curso de Graduação em Museologia da Faculdade de Ciências da Informação da Universidade de Brasília e, neste momento, sob minha orientação prepara o seu trabalho de conclusão de curso.
2. Priscila definiu como tema de sua pesquisa o Memorial Juscelino Kubitscheck (JK), pela importância deste espaço para a memória política e cultural do Distrito Federal e do país, além de constituir um dos principais pontos de referência turística-cultural na capital federal.
3. Neste sentido, pretende analisar as relações que o público do Memorial Juscelino Kubitscheck (JK) estabelece com seus diferentes espaços e os módulos expositivos durante as visitas guiadas, em 2015.
4. Tal análise será realizada por meio da revisão documental sobre o projeto de criação do Memorial, das informações quantitativas ou e qualitativas disponíveis sobre os diferentes visitantes e usuários deste espaço, bem como de entrevistas informais junto aos profissionais que trabalham no ou em colaboração com museu, em particular os guias e da observação de visitas guiadas.
5. Contamos com a compreensão e o apoio dos Senhores para que Priscila possa obter, Junto à responsável pelo Departamento Cultural do MJK, Marta Abreu, o acesso a documentos importantes para a realização de seu trabalho dentre os quais:
 - Projeto original de construção do Memorial JK
 - Relatórios de gestão anual
 - Organograma da Instituição
 - Registros de grupos visitantes (planilhas, relatórios, sites).

6. Contando com sua colaboração, coloco-me À disposição para maiores esclarecimentos a respeito deste trabalho.

Atenciosamente,



Luciana Sepúlveda Köptcke
Pesquisadora – Fundação Oswaldo Cruz
Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação da FCI- UNB



FIOCRUZ - BRASÍLIA
SERVIÇO DE PROTOCOLO
REGISTRO Nº 07/15 /PECS-DRB
DATA: 15/04/2015

APÊNDICE C

Termo de Consentimento



Univesidade de Brasília – UnB
Faculdade de Ciências da Informação – FCI
Curso de Museologia
Trabalho de Conclusão de Curso
Orientação: Luciana Sepúlveda Köptcke

DOCUMENTO DE INFORMAÇÕES PARA PESQUISA

Memorial Juscelino Kubitschek: análise das construções de sentido que são feitas pelos seus públicos durante as visitas guiadas (2015).

Você está convidado a participar de uma pesquisa conduzida por Priscila Sobral Nóbrega, aluna do curso de Museologia da Universidade de Brasília. Você precisa ter mais de 18 anos para participar do estudo. Sua participação é voluntária. Por favor, tome o tempo que for preciso para ler as informações deste documento. Você também pode discutir isso com sua família e amigos. Você receberá uma cópia deste formulário.

OBJETIVO DA PESQUISA

Nós pedimos que você faça parte desta pesquisa porque estamos tentando aprender mais sobre as construções de sentido que são feitas no Memorial Juscelino Kubitschek durante as visitas guiadas em 2015.

PROCEDIMENTOS

Você fará parte de uma conversa informal, como um dos membros da equipe do Memorial Juscelino Kubitschek, como uma das pessoas que acompanhou sua construção, ou como um dos guias turísticos que atendem grupos no Memorial JK. A conversa tomará aproximadamente 1 hora e o local será escolhido conforme sua preferência. Você será perguntado sobre questões referentes às atividades do Memorial JK, à construção do Memorial JK, ou às experiências com grupos das visitas guiadas.

RISCOS POTENCIAIS OU DESCONFORTOS

Não há prováveis riscos relacionados a sua participação. Caso sinta desconforto ao responder alguma pergunta, sinta-se à vontade para pular a questão.

BENEFÍCIOS POTENCIAIS AOS SUJEITOS E/OU À SOCIEDADE

Você não será diretamente beneficiado pela sua participação nesta pesquisa.

A maior recompensa é entender como acontecem os processos de construção de sentido que ocorreram na construção do Memorial JK, que ocorrem nas suas atividades e nas visitas guiadas. Então, a pesquisa poderá prover informações que ajudarão o Memorial JK e outros espaços museológicos, a entender sua identidade, seu poder de fala, suas influências na leitura do visitantes e a se preocupar com seus públicos.

RECOMPENSA POR PAGAMENTO

Você não receberá nenhum pagamento pela sua participação nesta pesquisa.

POTENCIAIS CONFLITOS DE INTERESSE

As pesquisadoras deste estudo não têm nenhum interesse financeiro ao realizar esta pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE

As informações serão guardadas pela pesquisadora. Seu consentimento será requerido para gravação sonora e/ou audiovisual. Você poderá recusar ser gravado. A pesquisadora irá transcrever as gravações e poderá apresentar a cópia, caso seja requerido. (Você tem o direito de rever e editar a transcrição. Frases que você pedir para retirar não serão utilizadas, e serão deletadas de todos os documentos relevantes.)

PARTICIPAÇÃO

Você poderá escolher se fará parte do estudo ou não. Caso vire voluntário do estudo, você poderá recusá-lo a qualquer hora sem qualquer tipo de consequência. Você também poderá recusar a responder qualquer pergunta e ainda fazer parte do estudo. A pesquisadora poderá retirar você deste estudo em quaisquer circunstâncias que a demande.

ALTERNATIVAS DE PARTICIPAÇÃO

Sua alternativa para a participação é não participar.

DIREITOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Você poderá negar seu consentimento a qualquer momento e descontinuar a participação sem qualquer penalidade. Você não estará infringindo nenhuma lei com a sua participação neste estudo. Se você tiver qualquer pergunta sobre seus direitos, ou caso queira falar com alguém de fora da equipe da pesquisa para obter respostas sobre o estudo, ou caso a equipe não possa ser contatada, por favor contate o curso de Museologia na Entrada Leste do Prédio da Biblioteca Central do Estudante na Faculdade de Ciências da Informação, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília/DF, CEP: 70.919-900, tel.: (61) 3107-2635.

IDENTIFICAÇÃO DOS PESQUISADORES

Se você tiver qualquer questão acerca da pesquisa, sinta-se à vontade para contatar a pesquisadora:

Priscila Sobral Nóbrega

(61) 82893228

prissch@gmail.com

Assinatura do(a) participante

Data

Nome do(a) participante

Nome do(a) obtentor(a) das informações

Data

APÊNDICE E

Rotas feitas durante visitas observadas

Observação 1



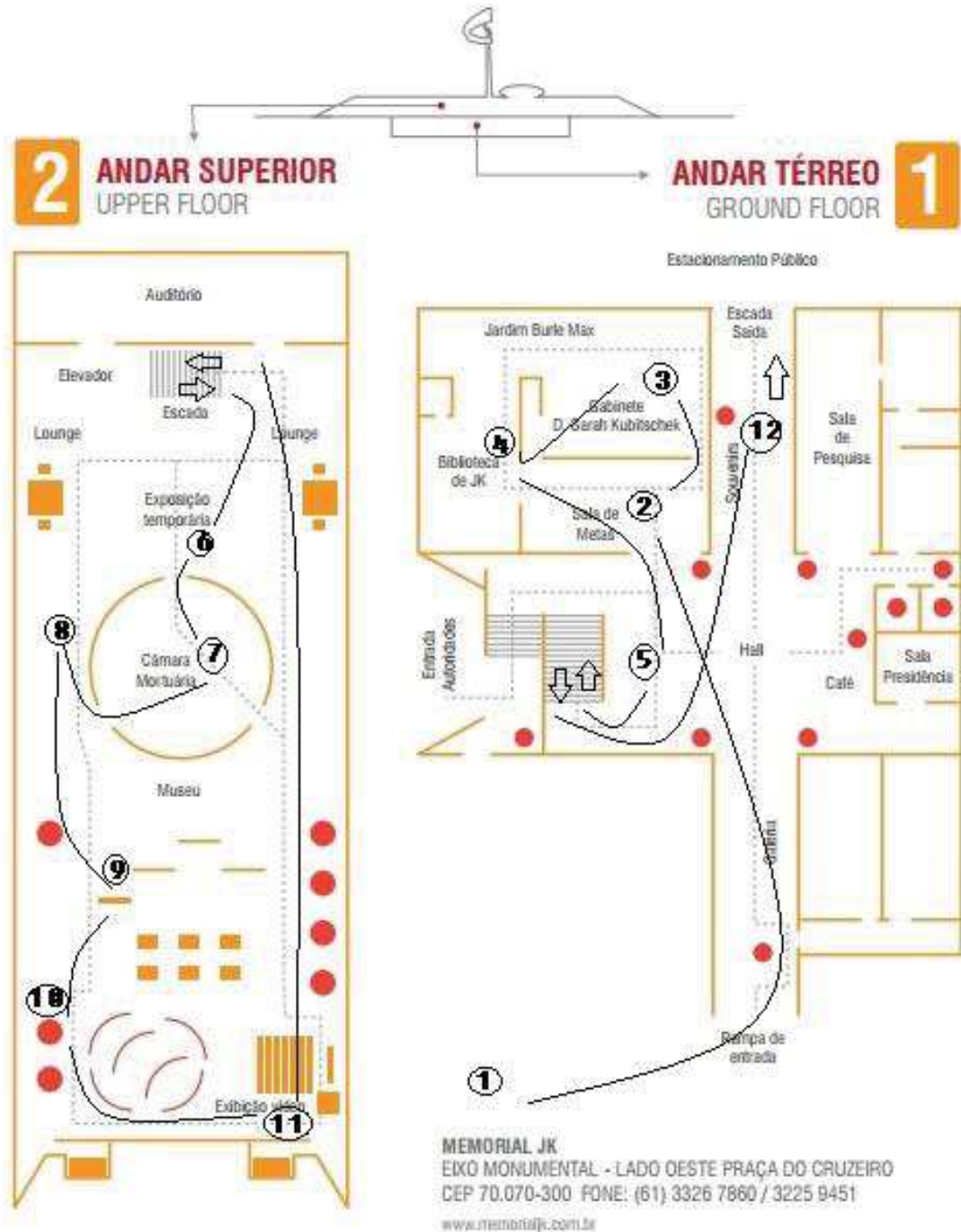
Observação 2



Observação 3



Observação 4



ANEXOS

ANEXO 1

Mapa Memorial JK



Fonte: Website do MJK, 2015

ANEXO 2**Relatório de Atividades 2015**

**Relatório de Atividades**
2015

PROPONENTE: SOCIEDADE CIVIL MEMORIAL JK

CNPJ: 00.608.893/0001-52

ENDEREÇO: Eixo Monumental Lado Oeste – Praça do Cruzeiro – Brasília/DF

CEP: 70.070.300

TELEFONES: (61)- 3321.6778/3226.7860/3225.9451

FAX: (61) 3226.7700

E-mail: presidencia@memorialjk.com.br

DIRIGENTE: Anna Christina Kubitschek Barbará Pereira (Presidente)

Histórico

O presente projeto se alicerça nos dispositivos da Lei Distrital nº 157/91, em que o Governo do Distrito Federal, por meio da Secretaria de Cultura, está autorizado a arcar com as despesas de manutenção e conservação do Memorial JK, inclusive as referentes ao pessoal necessário a seu funcionamento. Consiste, entretanto, no detalhamento e especificações das despesas de custeio, a serem contempladas no plano de aplicação, parte integrante do Plano de Trabalho.

Relatório de Atividades (2011 a 2014)

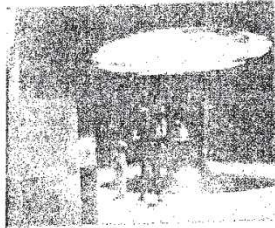
2011

Mantendo a tradição, o Memorial JK iniciou suas atividades com o projeto Museu-Escola atendendo nos meses de abril a maio de 2011, alunos da rede oficial de ensino do GDF, no âmbito da excursão “Brasília Para Criança”, cumprindo, dessa forma, a contrapartida pactuada, bem assim, sua missão de fomentar o turismo, promovendo e estimulando a difusão cultural, especialmente de caráter educativo.

Neste mesmo ano, mediante parceria com os Correios, lançou-se a exposição de fotos, denominada: JK e Personalidades do Século XX, atraindo ainda mais o público.

2012

Em 2012, motivados pela realização próxima de importantes eventos em nosso país e investindo na formação dos nossos funcionários, iniciamos cursos de inglês gratuitos ministrados por professores graduados, complementando o convênio e preparando a equipe do Memorial para a recepção de turistas internacionais.



... e a história do Brasil, desde o descobrimento até os dias atuais. O Memorial JK é um espaço de memória e de reflexão, onde se pode conhecer o legado de Juscelino Kubitschek e a história do Brasil. O Memorial JK é um espaço de memória e de reflexão, onde se pode conhecer o legado de Juscelino Kubitschek e a história do Brasil.

MEMORIAL JK

EXPOSIÇÃO DE FOTOS

JK e Personalidades do Século XX

... e a história do Brasil, desde o descobrimento até os dias atuais. O Memorial JK é um espaço de memória e de reflexão, onde se pode conhecer o legado de Juscelino Kubitschek e a história do Brasil. O Memorial JK é um espaço de memória e de reflexão, onde se pode conhecer o legado de Juscelino Kubitschek e a história do Brasil.

Correio Braziliense, 20 de Janeiro de 2013.

2013

No ano de 2013, visando inaugurar essa nova fase para seus visitantes, aprovamos junto ao Ministério da Cultura, com base na lei de incentivo fiscal – Lei Rouanet - projeto de modernização do acervo, que em sua primeira fase contemplou a catalogação, conservação, preservação e a democratização do acesso ao seu conteúdo através do Memorial JK.

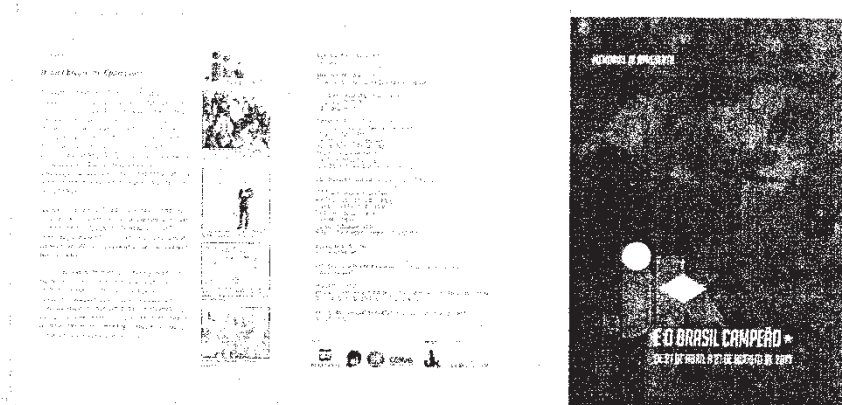
A digitalização e a informatização dos catálogos, sua estruturação em um banco de dados integrado e a inclusão das imagens nos registros, permitiu acesso remoto na sala de consulta do Memorial, sem necessidade do manuseio de originais, além de permitir o uso de tecnologia e interatividade, hoje ferramentas indispensáveis para se contar a história às novas gerações.

Deste modo, procuramos reunir em nosso acervo o conteúdo bibliográfico, documental e museológico, um verdadeiro patrimônio cultural de inestimável valor sobre um dos mais importantes personagens da história do Brasil e fundador de nossa Brasília. Este material foi catalogado, e indexado de acordo com os processos e métodos modernos. Os procedimentos de restauração menos complexos puderam ser realizados dentro do Memorial e o acervo que necessitou de maiores cuidados, foi restaurado em laboratórios no Rio de Janeiro e em São Paulo. Para a catalogação foi adotado o formato Anglo-American Cataloging Rules (AACR2), utilizado pela maioria das Bibliotecas no Brasil e no exterior. O acervo foi classificado pelo sistema de Classificação Decimal de Dewey – CDD.

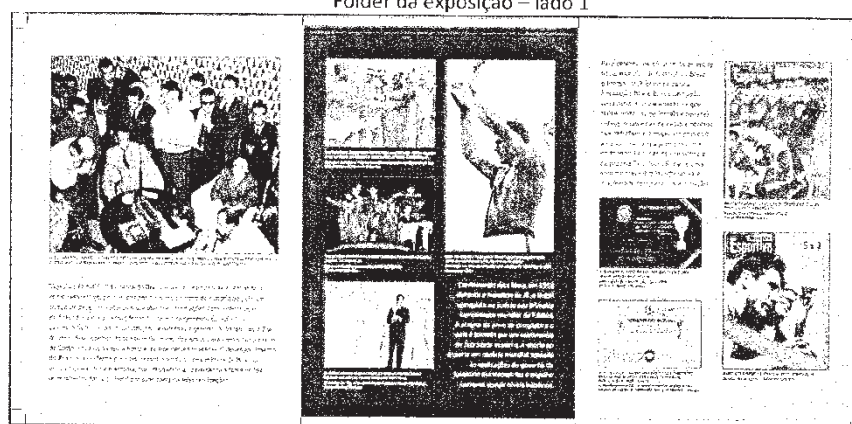
O material audiovisual foi tratado, sendo formado o arquivo digital a partir das mídias de discos de acetato e vinil, fitas cassete e VHS. Também foram higienizados, catalogados e tiveram seus suportes físicos identificados de forma padronizada, utilizando papel de pH neutro.

A Conclusão da primeira fase do projeto de modernização do acervo em Julho de 2013 tornou-se uma importante fonte de consulta e pesquisa para os visitantes e pesquisadores, possibilitando neste ano a realização de duas grandes exposições:

A exposição “JK e o Brasil Campeão”, foi inaugurada no dia 21 de abril e resgatou o momento histórico no cenário político, cultural e esportivo de 1958, durante os anos do Governo JK, com a conquista do primeiro campeonato mundial de futebol. Apresentou o acervo com fotos, textos, vídeos, publicações históricas e objetos raros. A parte digital da exposição utilizou uma mesa multitoque, de 70 polegadas, que permitiu ao visitante navegar entre o conteúdo expositivo. Nos três primeiros meses de exposição, o Memorial registrou cerca de 40 mil visitantes. Devido ao interesse do público e atendendo aos pedidos dos turistas, a exposição retornará em 2014.



Folder da exposição – lado 1

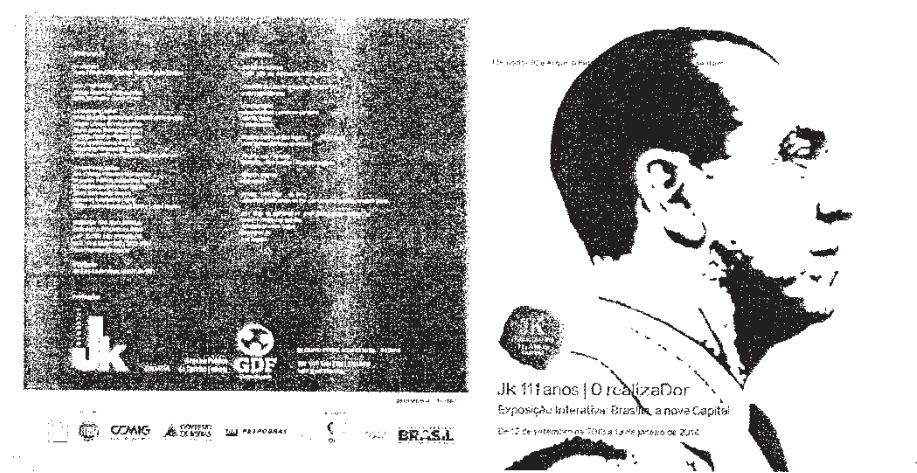


Folder da exposição – lado 2

A segunda exposição, “JK 111 ANOS – O REALIZADOR: Brasília, a Nova Capital”, foi organizada em conjunto com o Arquivo Público do DF e a Secretaria de Cultura. Inaugurada em 12 de setembro de 2013, conta a história do nascimento do Brasil moderno, em 1956, quando o presidente Juscelino Kubitschek apresentou o Plano de Metas, destinado a acelerar o desenvolvimento do Brasil. Com o slogan “*Cinquenta anos em Cinco*”, o projeto mirava cinco setores: Energia; transporte; indústria de transformação; indústria de equipamentos; e a meta síntese: A construção de Brasília.

Os detalhes das principais obras da nova capital, mostrados em filmes e fotos, permitem que os visitantes possam compreender os desafios arquitetônicos e tecnológicos enfrentados por quem concebeu e construiu Brasília, no meio do cerrado brasileiro. Catetinho, Aeroporto Juscelino Kubitschek, Palácio do Planalto, Palácio da Alvorada, Barragem do Paranoá e a Esplanada dos Ministérios são algumas das obras que a interatividade vai descortinar desde os primeiros momentos até a sua inauguração, para então chegarmos à Brasília de hoje, reafirmando o encantamento de uma época que contagiou o Brasil e o mundo. O visitante pode fazer uma viagem no tempo, lendo

reportagens de jornais e revistas, assistindo vídeos e vendo fotos da época da construção de Brasília. Moderna, a exposição tem, além do material histórico, sete telas touchscreen à disposição. Nelas, até quatro pessoas podem interagir juntas com o conteúdo disponível.



Capa- Folder Exposição JK 111 anos o Realizador

2014

Em 2014, o Memorial JK, dando continuidade ao projeto de modernização do acervo, com base na lei de incentivo fiscal – Lei Rouanet, já obteve a aprovação do Ministério da Cultura para a segunda fase do projeto que visa a melhoria dos espaços expositivos, implementação de projeto de acessibilidade além do desenvolvimento de novos conteúdos envolvendo aplicativos multimídia e inserção de tecnologia na exposição de longa duração, de tal forma a permitir a modernização do Memorial JK e maior acesso aos conteúdos do museu pelo público.

O novo projeto visa justamente adequar a expografia da exposição de longa duração de tal forma a ampliar a absorção dos conteúdos pelo público visitante, a partir da releitura de determinados conteúdos com o emprego de novas tecnologias, além de tornar a visita acessível ao visitante com deficiência. Essa mudança é fundamental para o acesso aos conteúdos desse tão importante acervo da História do Brasil e da nossa Capital a novos públicos, além de aprimorar e facilitar a compreensão dos mesmos por parte do visitante, notadamente o público escolar.

O lançamento será voltado à imprensa nacional, além de prever um reforço por meio de ações de comunicação em diferentes mídias tecnológicas e também anúncios locais, estratégia essencial para ampliar o público visitante do museu.

Tendo em vista o rejuvenescimento da expografia do Memorial e a introdução de tecnologia no espaço, com vistas a atrair o público jovem que muitas vezes desconhece esse período essencial da história do país e, em particular, de Brasília, será

feita uma importante campanha, com duração de 6 meses, nas chamadas mídias sociais (facebook, twitter, youtube, etc.). Por fim, com foco na Copa do Mundo de 2014, a campanha de comunicação foi voltada igualmente para o trade turístico, objetivando inserir Brasília e o Memorial no circuito de visitação da Copa.

Essa importante campanha de comunicação foi essencial para divulgar a modernização do Memorial e ampliar os conhecimentos acerca de uma das cidades ícones do Brasil, Brasília, e, sobretudo, da política de desenvolvimento e dos princípios de cidadania defendidos por Juscelino Kubitschek. Por fim, com aspectos pedagógicos, a nova expografia contribuiu para dar ao público em geral e, ao escolar em particular, uma visão da história de um dos maiores ícones da história do Brasil, o presidente Juscelino Kubitschek, bem como colaborou na contextualização de sua importância para a história do Brasil e para o surgimento de Brasília, dando maior visibilidade e compreensão aos conteúdos presentes no Memorial a todos os públicos, inclusive aquele com deficiência.

- **Eventos**

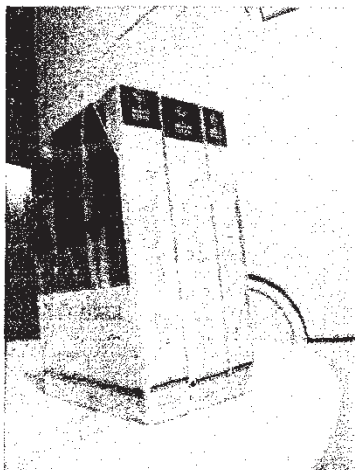
O Memorial JK foi anfitrião de vários eventos importantes como a homenagem entre as cidades irmãs de Diamantina, berço de JK e Trebon, a origem dos Kubitschek. Com a presença do Embaixador da República Tcheca e o prefeito de Diamantina, o Memorial JK foi palco de uma maior união cultural, social e política entre os dois países.



A visita do Embaixador da Angola ao Memorial JK no mês de fevereiro foi sem dúvida um orgulho para todos os brasileiros. Escolhido como referência mundial, o Memorial JK servirá como exemplo na construção e gerenciamento do maior museu em Angola.



No mês de setembro de 2014, em homenagem aos 112º aniversário do Presidente, o Memorial apresentou aos visitantes a primeira coleção completa reeditada pelo Senado Federal das obras publicadas por JK.



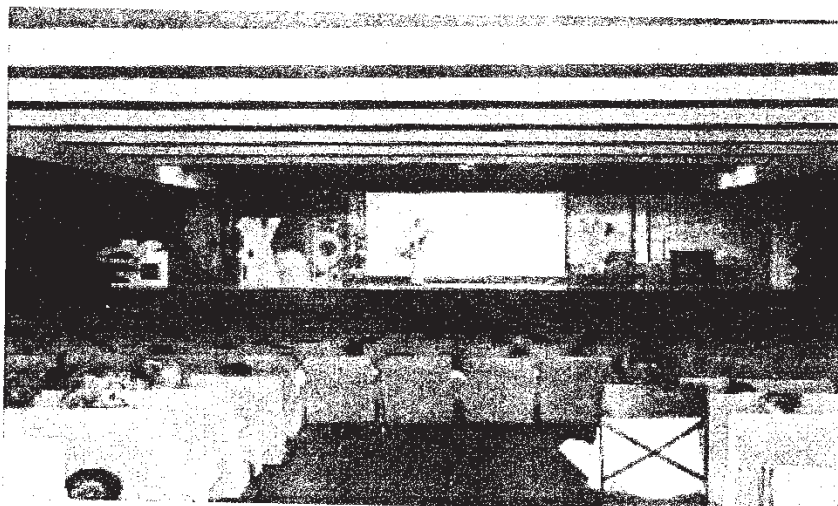
EXPOSIÇÕES

A exposição JK E O BRASIL CAMPEÃO, uma homenagem ao povo brasileiro que retrata um dos períodos mais férteis da história do país, a emoção da conquista em 1958 de sua primeira copa do mundo, foi inteiramente reeditada em inglês e reaberta oficialmente durante a semana do aniversário de Brasília.

As exposições permanentes e a amostra JK e Personalidades foram continuamente higienizadas durante os anos de 2013 e 2014.

VISITAS:

Nos meses de abril e setembro, o Memorial JK disponibilizou suas instalações para apresentar a peça teatral infantil “!Brasília, Brasília!” e Antropofagia Brasileira, respectivamente. Várias escolas públicas e privadas compareceram, prestigiando a história da nova capital.

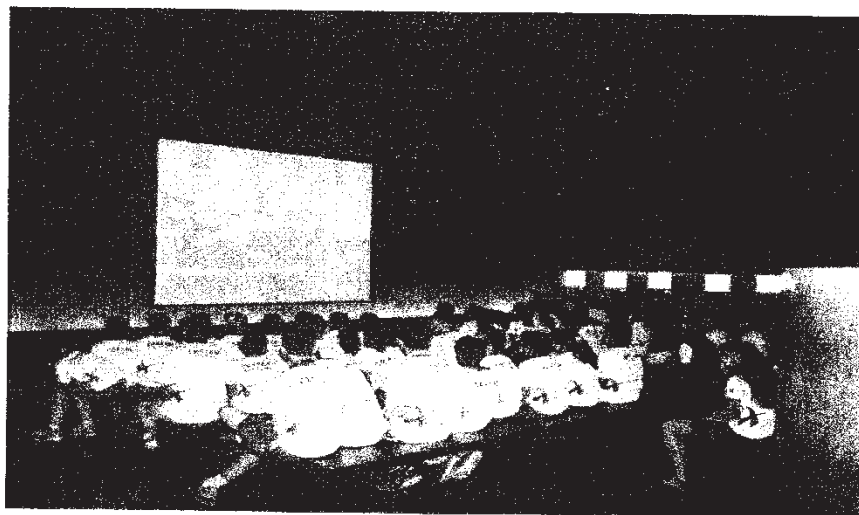


Em 2012, 2013 e 2014, como de costume, o Memorial JK participou da 12ª Semana de Museus. As programações durante a semana além de importantes instrumentos de ampliação do acesso à cultura, oportunizou aproximação dos museus a sociedade.

Para este ano de 2014, foi desenvolvida a campanha **#semanamuseus2014**, o que facilitou a busca e a interação entre os usuários das redes sociais.

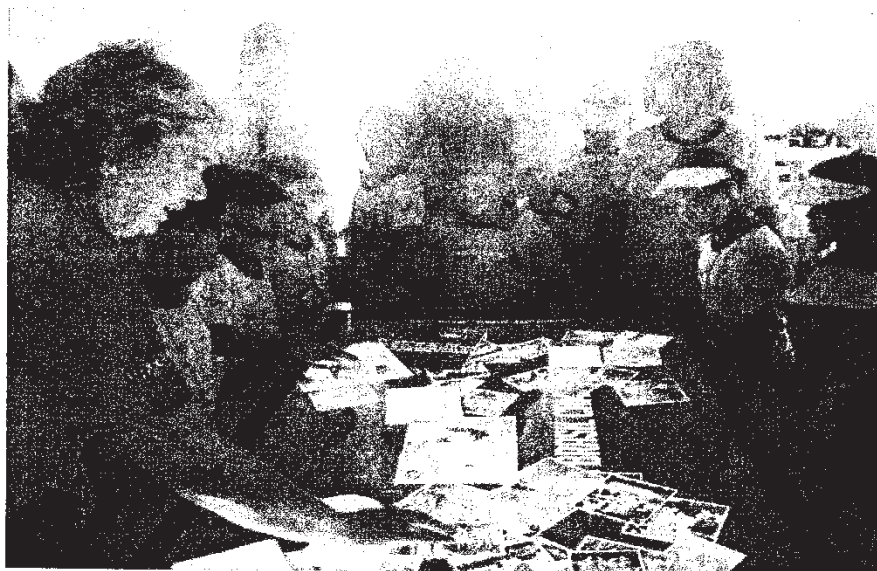


O projeto museu-escola, executado continuamente nos anos de 2011/2012/2013/2014, dirigido aos alunos da rede oficial de ensino e cuja atividade, além de cultural é de caráter eminentemente educativo, permitiu aos alunos uma viagem pela história de Brasília e do Presidente Juscelino Kubitschek. Foram realizadas visitas guiadas e exibidos filmes. Esse projeto é executado a partir das demandas das Unidades de Ensino do Distrito Federal e de outros estados.

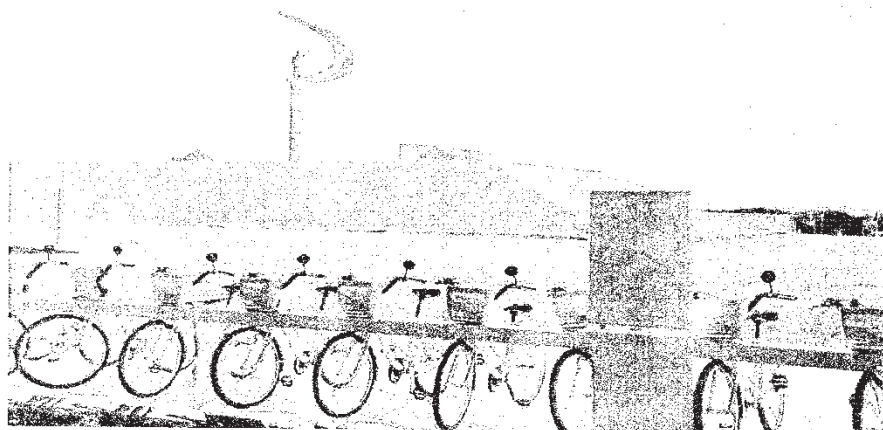


O Memorial JK apoiou o projeto "Turismo Cidadão" em 2014, desenvolvido pela Secretaria de Turismo, que visa possibilitar o resgate da memória cívica do país e o projeto "Brasília para todos", desenvolvido pela Secretaria de Estado e Justiça e Direitos

Humanos, que tem como objetivo proporcionar entretenimento e lazer para idosos e crianças de baixa renda.



No mês de Maio de 2014, em parceria com o Governo do Distrito Federal, o Memorial JK inaugurou a primeira estação do projeto Bike Brasília, que visa incentivar o uso do transporte não poluente.



INFORMÁTICA:

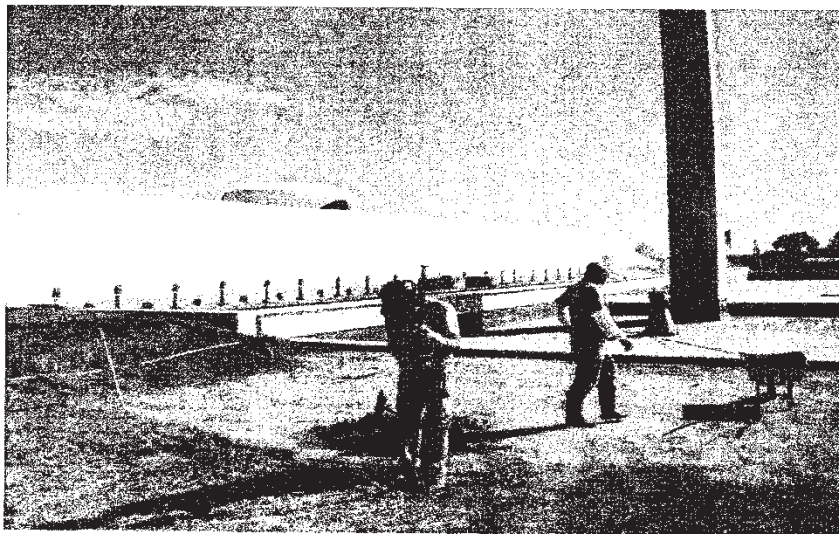
Entre os meses de maio a dezembro, o Memorial JK em parceria com a Secretaria de Turismo DF, disponibilizou o dispositivo “Beekme” aos seus visitantes para que pudessem ter acesso do seu celular as informações de cada ambiente dentro do museu.

PATROCÍNIOS:

O projeto de “Modernização e Acessibilidade” aprovado pelo Ministério da Cultura através da Lei Rouanet obteve os seguintes patrocínios em 2014: Furnas, Eletrobrás, Ibram, BRB e o Grupo Paulo Octavio (Em fase de aprovação).

INFRAESTRUTURA:

O museu investiu na recuperação dos lagos. Através de parceria com a Secretaria de Cultura do DF, a impermeabilização dos lagos foi concluída no mês de Junho, 2014. As ciclovias foram finalizadas e pintadas antes do prazo estipulado e as exigências dos bombeiros estão em fase de atendimento.

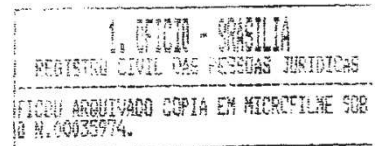


ANEXO 3

Estatuto Social do MJK:

CONFERE COM O ORIGINAL

Rubrica em 20/11/2013

ASS:  Nº 2225807

E S T A T U T O
DA
SOCIEDADE CIVIL MEMORIAL JUSCELINO KUBITSCHKE
MEMORIAL JK

CAPÍTULO I - Da Formação, Localização e Duração.

- Art. 1º - A Sociedade Civil memorial Juscelino Kubitschek – Memorial JK – constitui-se como sociedade civil, de caráter privado, de utilidade pública, sem fins lucrativos e se regerá pelo presente Estatuto e demais disposições regulamentares, aprovadas por seus órgãos deliberativos, nas esferas de suas competências definidas neste Estatuto, e, nos casos omissos, pelas disposições legais vigentes no País.
- Art. 2º - A Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek, terá por sede a cidade de Brasília, Distrito Federal, na Praça do Cruzeiro – Eixo Monumental, podendo gradativamente estabelecer dependências ou representações em outros Estados.
- Art. 3º - A duração da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek será por tempo indeterminado.

CAPÍTULO II - Dos Objetivos.

- Art. 4º - A Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek terá por objetivo a guarda e a preservação dos restos mortais do Presidente Juscelino Kubitschek bem como a perpetuação de sua memória.
- Art. 5º - A fim de alcançar seus objetivos a Sociedade Civil memorial Juscelino Kubitschek deverá:
- I. Conservar e divulgar convenientemente, objetivos e escritos que lembrem a vida, a obra e os ideais do Presidente Juscelino Kubitschek, promovendo com esse fim, a construção e edificação de Brasília.
 - II. Exercer, direta e indiretamente, promover e estimular atividades em todos os setores culturais, especialmente os de caráter educativo.
 - III. Promover intercâmbio cultural com entidades particulares e públicas, nacionais ou estrangeiras.



CONFERE COMO ORIGINAL
 20.11.2013
 2224467

1. OFÍCIO - BRASILIA
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
FICOU ARQUIVADO COPIA EM MICROFILME SOB Nº. 00035974.

.02

- IV. Editar livros, revistas e periódicos compatíveis com seus objetivos sociais, podendo igualmente firmar contratos de distribuição das referidas publicações com entidades especializadas ou empresas editoras.
- V. Manter eficiente setor de documentação amplamente aberto à consulta.

CAPÍTULO III - Dos Sócios.

Art. 6º - A Sociedade Civil memorial Juscelino Kubitschek terá sócios de cinco categorias: Deliberantes, Contribuintes, Beneméritos, Honorários e Mantenedores, os quais não responderão, ainda que subsidiariamente, pelas obrigações sociais da Sociedade.

§ 1º - São Sócios Deliberantes aqueles que assinaram a Ata de constituição da Sociedade.

§ 2º - Serão Sócios Contribuintes aqueles que pagarem a taxa de manutenção mensal ou anual estipulada pelo Conselho Deliberativo.

§ 3º - Serão Sócios Beneméritos aqueles que fizerem doação de valor excepcional à Sociedade.

- a) A escolha dos sócios beneméritos dependerá de aprovação, por maioria, do seu Conselho Deliberativo.
- b) Fica limitado em cinquenta o número de sócios beneméritos.

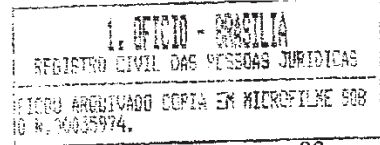
§ 4º - Serão Sócios Honorários aqueles que prestarem serviço relevante às atividades do Memorial. A escolha dos sócios honorários dependerá de aprovação, por maioria, do seu Conselho Deliberativo.

§ 5º - São Sócios Mantenedores aqueles que, mensalmente, doarem ao Memorial JK a quantia mínima equivalente a 5 (cinco) ORTN's ou o índice que a este vier substituir.

- a) Após um ano de efetiva colaboração, os doadores receberão diplomas, medalhas e botoneiras.
- b) Caso o sócio mantenedor quite, antecipadamente, o valor correspondente ao período de 1 (um) ano (60 ORTN's) receberá de imediato as insígnias honoríficas.

JK

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
 20/11/2013
 17.12.2013



.03

c) Fica limitado em cinquenta o número de sócios mantenedores.

§ 6º - Os Sócios Contribuintes, Beneméritos, Honorários e Mantenedores receberão diplomas, medalhas, botoneiras, carteiras de sócios correspondentes à categoria a que pertencerem. À exceção dos sócios honorários e deliberantes, os demais gozarão de descontos de até 10 % em todas as compras que fizerem no memorial, inclusive livros, peças expostas em leilão, quadros, etc. Os sócios contribuintes e mantenedores quando quitarem, antecipadamente, o valor correspondente ao período de um ano, receberão de imediato, as insígnias honoríficas acima descritas.

CAPÍTULO IV - Das Fontes de Recursos e da Taxa de Manutenção.

Art. 7º - Para dar cumprimento às suas finalidades a Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek terá recursos oriundos do Governo Federal - Lei nº 7.743, de 21/03/1989 e do Governo do Distrito Federal - Lei nº 157, de 19/07/1991, para a sua manutenção e conservação, bem como para a preservação e aumento do seu patrimônio cultural.

Art. 8º - As receitas da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek serão provenientes:

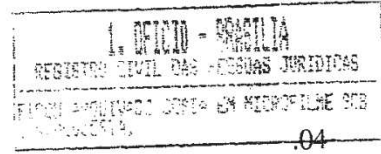
- a) Contribuição dos associados (taxa de manutenção);
- b) Renda de bens patrimoniais;
- c) Receita oriunda de aplicação de recursos financeiros em qualquer modalidade permitida pela legislação em vigor no País;
- d) Dotação orçamentária da União, dos Estados, dos Municípios, do Distrito Federal ou quaisquer outras entidades públicas;
- e) Créditos de qualquer natureza abertos a seu favor;
- f) Doações, heranças e subvenções que venha a receber a qualquer título; e
- g) Outras rendas operacionais ou não, de qualquer natureza.

§ 1º - A Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek não poderá receber doação sob condição.

§ 2º - Toda a receita da Sociedade Civil memorial Juscelino Kubitschek será aplicada na realização de seus objetivos, sendo vedada a distribuição de qualquer lucros ou vantagens a seus dirigentes ou associados.

MK

CONSELHO DIRETORIA
 P. 20.133.19013
 ALA. *[assinatura]* 222980



Art. 9º - A alienação de bens que integram o patrimônio da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek dependerá de autorização prévia do Conselho Deliberativo.

Art. 10º - O valor mensal ou anual da taxa de manutenção será fixada pelo Conselho Deliberativo.

Art. 11º - O exercício social coincide com o ano civil.

CAPÍTULO V - Da Administração e Direção.

SEÇÃO I - Disposição Preliminar.

Art. 12º - Ressalvada a competência da Assembléia Geral, a gestão dos negócios sociais far-se-á através do Conselho Deliberativo, do Presidente e demais membros da Diretoria, dentro das competências e atribuições conferidas neste Estatuto.

§ Único - Os membros do Conselho Deliberativo e da Diretoria não serão remunerados pela Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek, considerando-se de elevado alcance os serviços prestados pelos mesmos.

SEÇÃO II - Da Assembléia Geral.

Art. 13º - A Assembléia Geral, constituída dos Sócios Deliberantes, Beneméritos, Honorários e Mantenedores, é órgão superior da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek, competindo-lhe:

- I. Aprovar, anualmente, a programação cultural da Sociedade proposta pela Diretoria;
- II. Aprovar as contas do exercício anterior;
- III. Aprovar a reforma dos Estatutos (Art. 34º)
- IV. Decidir sobre a dissolução da Sociedade.

Art. 14º - A Assembléia Geral será convocada pela Diretoria, por edital, publicado pelo menos uma vez, instalando-se em primeira convocação, com a presença da maioria absoluta dos sócios, e, em segunda convocação, com qualquer "quorum", deliberando por maioria simples.

[assinatura]

REPUBLICA FEDERAL DO BRASIL
 20/11/2013
 2204509

1. OFÍCIO - BRASÍLIA
 REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
 FICHA ARQUIVADA CARTA EM MICROFILME SOB
 Nº 4.00070004.

.05

§ Único - A Assembléia Geral deliberará por maioria simples de votos, cabendo um voto a cada um dos sócios presentes, sendo lícito ao sócio votar mediante carta assinada, que deverá ser encaminhada com dois dias de antecedência da data fixada para a reunião da Assembléia.

SEÇÃO III - Do Conselho Deliberativo.

Art. 15º - O Conselho Deliberativo será constituído pelos Sócios Deliberantes e por mais até sete Conselheiros, eleitos por aqueles, por maioria de votos, com mandato de dois anos, podendo ser reeleitos.

§ 1º - No caso de vacância dentre os ~~Membros Natos do Conselho Deliberativo~~, caberá aos membros remanescentes a ~~escolha dos seus substitutos~~, observada a preferência para os ~~descendentes do Presidente Juscelino Kubitschek~~.

§ 2º - A Escolha prevista no parágrafo anterior, ~~deverá observar um mínimo de quatro (4) membros descendentes do Presidente Juscelino Kubitschek~~.

Art. 16º - Na hipótese de impedimento ou renúncia de qualquer membro do Conselho Deliberativo, este elegerá o substituto, por maioria de votos e no prazo máximo de sessenta dias.

Art. 17º - Compete ao Conselho Deliberativo:

- a) Praticar os atos de competência da Assembléia Geral, no recesso de suas sessões, "*ad-referendum*" da mesma;
- b) Eleger o Diretor Presidente e os Vice-Presidentes do Memorial, bem como os membros do Conselho Consultivo;
- c) Eleger os Sócios beneméritos e Honorários;
- d) Deliberar sobre a reforma dos Estatutos a ser aprovada pela Assembléia;
- e) Decidir sobre a matéria de interesse do Memorial, que não competir especificamente a outro órgão da direção;
- f) Fixar a taxa de manutenção mensal ou anual a ser paga pelo sócios contribuintes; e
- g) Escolher auditores externos.

MK

20.11.2013
 202587

1. OFÍCIO - CONSILIA
 REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
 FICOU AQUISIÇÃO CÓPIA EM MICROFILME SOB
 N.º 2025874.

.06

Art. 18º - O Conselho Deliberativo reunir-se-á, ordinariamente, no último dia de cada semestre, e, extraordinariamente sempre que convocado pela Diretoria, instalando-se em primeira convocação com a maioria de seus membros, e em segunda convocação com qualquer número.

SEÇÃO IV - Da Diretoria.

Art. 19º - A Administração da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek competirá a uma Diretoria composta de um Presidente e três Vice-Presidentes, eleitos por maioria de votos pelo prazo de quatro anos, podendo ser reeleitos.

§ Único - Colaboram com a Diretoria, um Secretário Geral, um Secretário Adjunto, um Tesoureiro Geral e um Tesoureiro Adjunto de livre nomeação e demissão por parte do Presidente, que especificará suas atribuições.

Art. 20º - O Presidente e os Vice-Presidentes não serão remunerados.

Art. 21º - As atribuições do Secretário Geral, do Secretário Adjunto, do Tesoureiro Geral e do Tesoureiro Adjunto, bem como sua remuneração, serão fixadas pelo Presidente.

Art. 22º - Sem prejuízo do disposto no parágrafo único do art. 19º, compete à Diretoria:

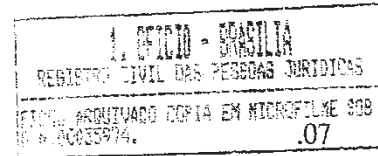
- I. Dar fiel execução à política traçada e às deliberações tomadas pela Assembléia Geral e pelo Conselho Deliberativo.
- II. Convocar as reuniões dos Conselhos Consultivo e Deliberativo.
- III. Elaborar o regimento interno da Sociedade, observando o disposto no parágrafo único do art. 19º.
- IV. Dirigir e coordenar os serviços e atividades administrativas.
- V. Admitir e demitir empregados, fixando-lhes atribuições e vencimentos.

Art. 23º - A Diretoria prestará conta de seus atos ao Conselho Deliberativo ao final de seu mandato.

Art. 24º - O Presidente representará a Sociedade em Juízo ou fora dele.

MK

MEMORIAL JUSCELINO KUBITSCHEK
 20.11.2013
 122867



Art. 25º - Os Vice-Presidente poderão ter atribuições específicas mediante delegação do Presidente, livremente revogáveis.

Art. 26º - Na falta e impedimentos ocasionais, o Presidente será substituído por um dos Vice-Presidentes e estes um por outro.

Art.27º - Os atos que importem criação de obrigações para a Sociedade serão assinados conjuntamente pelo Presidente e por um dos Vice-Presidentes, ou por qualquer deles, conjuntamente com um procurador constituído em nome da Sociedade.

§ 1º - Os mandatos em nome da Sociedade serão outorgados ou cancelados por ato conjunto do Presidente e de um dos Vice-Presidentes.

§ 2º - A abertura e encerramento de contas bancárias e sua movimentação será feita em regime de dupla assinatura, pelo Presidente e por um dos Vice-Presidentes, ou por dois dos Vice-Presidentes e um procurador constituído em nome da Sociedade, ou pelo Presidente e um procurador constituído em nome da Sociedade, ou por dois procuradores constituídos em nome da Sociedade.

Art. 28º - A Diretoria da Sociedade Civil Memorial Juscelino Kubitschek reunir-se-á sempre que convocada pelo Presidente.

SEÇÃO V - Do Conselho Consultivo

Art. 29º - O Conselho Consultivo será composto por, no máximo, vinte membros, eleitos pelo Conselho Deliberativo, por indicação do Presidente, com mandato de dois anos, podendo ser reeleito, competindo-lhes assessorar a Diretoria e o Conselho Deliberativo.

§ 1º - Os Conselheiros elegerão o Presidente do Conselho Consultivo, com mandato de dois anos, podendo ser reconduzido.

§ 2º - Os membros do Conselho não serão remunerados.

Art. 30º - O Conselho Consultivo reunir-se-á uma vez por semestre, com qualquer número de conselheiros presentes, por convocação da Diretoria.

Art. 31º - Compete ao Conselho Consultivo:

JK

Anexo 4

Capa do folder MJK 2015

